

Licenciatura em Espanhol

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes

Natal-RN



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Secretário de Educação a Distância
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Campus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenadora Adjunta da UAB/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO
Material Didático

Professor Pesquisador/conteudista
VANESSA GOSSON GADELHA DE F.
FORTES

Diretor da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS
SANTOS

Revisão Linguística
GISELLE SANABRIA GARCIA

Diagramação
ANDREZÁ FURTADO
GABRIEL FACUNDES
JULIO CESAR
MARIANA MOREIRA
MATEUS PINHEIRO
MAYARA ALBUQUERQUE

Ilustração
LAILA ALVES
VLADIMIR RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Marise Lemos Ribeiro CRB 15/418

F738PI Fortes, Vanesa Gadelha Gosoon de Freitas
Psicologia da educação. – Natal : IFRN Editora, 2012.

260 p. : il. color.

ISBN

1. Psicologia da educação. 2. Psicologia do ensino. 3. Psicologia do desenvolvimento. 4. Aprendizagem - Teoria.

I. Título.

CDU 811.134.3

O Material Didático

Caro(a) Aluno(a):

Você está recebendo este material didático por meio do qual vai realizar a maior parte de seus estudos do curso de Letras Licenciatura em Espanhol. Na Educação a Distância, o material didático é a mais importante ferramenta de estudo. Ele é o principal mediador entre você e os conhecimentos historicamente acumulados que foram escolhidos para compor cada aula que agora está em suas mãos.

O material didático na EaD é, ainda, substituto do professor no momento em que você o utiliza. Nesses textos, o professor se faz presente através da linguagem dialogada, das estratégias de mobilização dos conteúdos, das atividades, enfim, de tudo o que compõe esse material. É importante que você tenha clareza de que a sua aprendizagem depende, sobretudo, do seu empenho em estudá-lo, dedicando bastante atenção aos conteúdos de cada aula. Realizar cada uma das atividades, comunicar-se com seu tutor e/ou professor através das várias formas de interação e sanar as dúvidas que, por ventura, venham surgir durante o processo de utilização desse material, constituem-se elementos primordiais para o seu aprendizado.

Esse material foi concebido, escrito e finalizado com muita dedicação com um objetivo principal: a sua aprendizagem. Cada imagem, ícone ou atividade passou por um refinado processo de análise com o objetivo de que, no final de cada sessão de estudo, você tenha compreendido bem os conceitos, categorias ou postulados essenciais à sua formação como professor de Língua Espanhola. Desejamos que o itinerário iniciado por você seja exitoso e que, ao final do curso, esse material tenha contribuído efetivamente para seu crescimento na condição de indivíduo, cidadão e profissional.

Bons estudos.

Diretoria de Produção de Material Didático



As seções

Com o objetivo de facilitar a sua aprendizagem, as aulas foram estruturadas didaticamente em seções que facilitam o seu itinerário de estudos. Essas seções cumprem, cada uma, um objetivo específico e estão articuladas entre si, de modo que, ao final de cada aula, você tenha compreendido o conteúdo e apreendido os conceitos principais. Vamos ver quais são essas seções e quais as suas funções nas aulas.



Apresentação e objetivos

Apresenta de maneira resumida os conteúdos que você vai estudar e os objetivos de aprendizagem da aula.



Para começar

Texto de abertura da aula. Pode ser um poema, uma crônica, uma charge, um conto, entre outros. Tem a função de problematizar a temática que será trabalhada na aula.



Assim é

Desenvolve a temática da aula através da apresentação dos conteúdos propriamente ditos.



Mãos à obra

São as atividades de percurso (fixação) que estão relacionadas com os conteúdos trabalhados em cada bloco.



Atenção!

Usada quando o professor quer dar um destaque para algum aspecto importante da temática que está sendo estudada: conceitos, significados de termos, explicação adicional sobre um termo, entre outros.



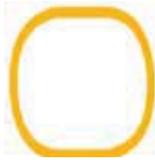
Um passo a mais

Seção que recomenda as leituras complementares à aula que você está estudando



Já sei

Resumo da aula que você estudou



Box

Aparece quando existe necessidade de uma informação complementar, como um biografema de um autor em destaque, a indicação de uma leitura ou filme, com breve sinopse, entre outros.



Autoavaliação

Espaço em que o professor sugere algumas maneiras de você se autoavaliar em relação ao seu aprendizado

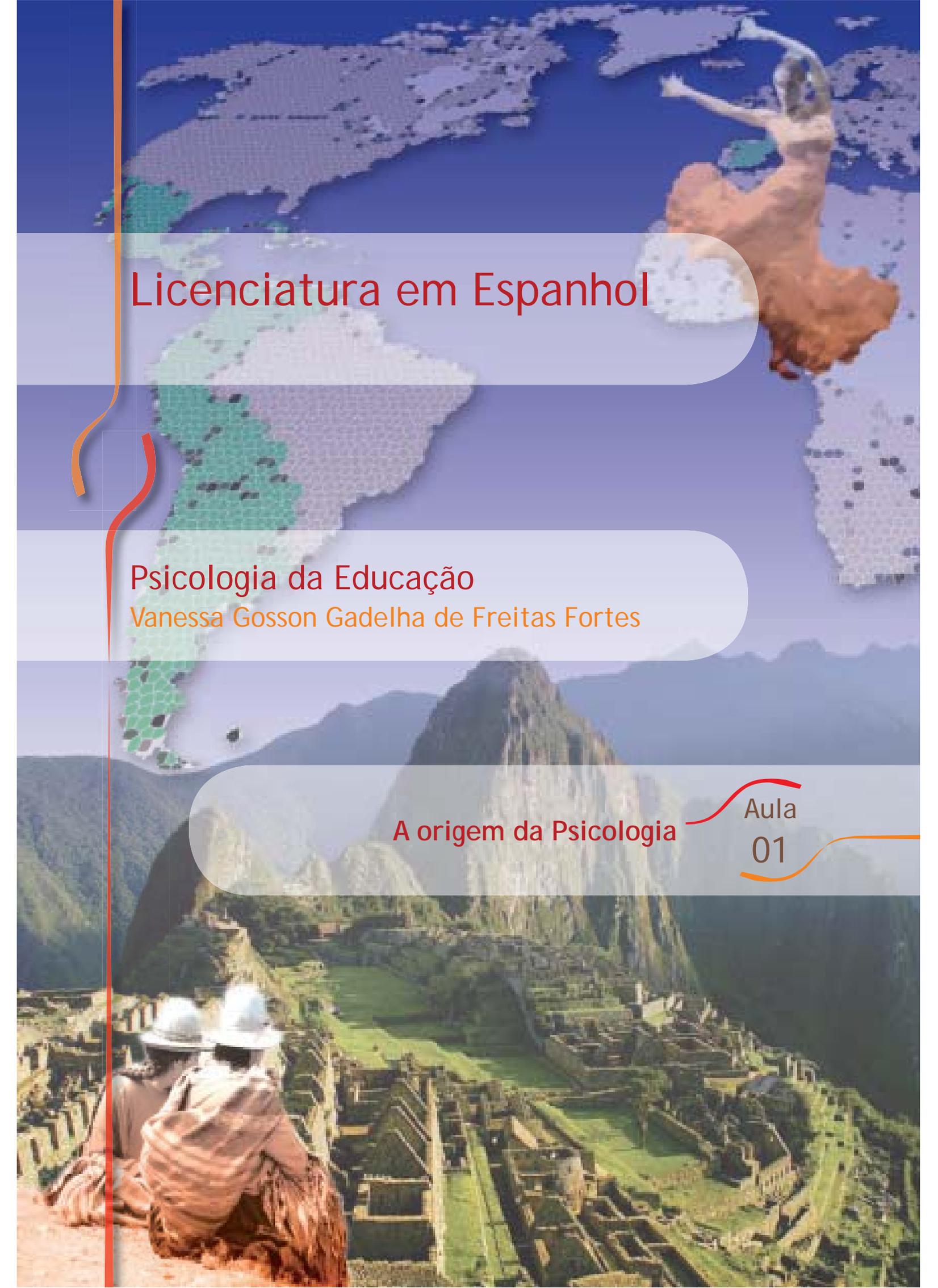


Referências

Apresenta as referências bibliográficas que foram utilizadas pelo professor para a elaboração da aula.

Índice

A origem da psicologia.....	Aula 01
As Correntes Principais da Psicologia	Aula 02
Psicologia do Desenvolvimento:origem e características	Aula 03
As fases do desenvolvimento da criança conforme a teoria de Wallon	Aula 04
As fazes do desenvolvimento da criança conforme a teoria de Piaget	Aula 05
O desenvolvimento na perspectiva de Vygotsky	Aula 06
O desenvolvimento na perspectiva de Erik Erikson	Aula 07
Adolescência: conceitos e características	Aula 08
Fases do desenvolvimento do adulto	Aula 09
As contribuições das teorias do desenvolvimento para a educação	Aula 10
Psicologia da aprendizagem: percurso histórico.....	Aula 11
Aprendizagem: conceitos, características e condições pedagógicas para a aprendizagem.....	Aula 12
As principais teorias da aprendizagem: comportamentalista, construtivista e sóciointeracionista.....	Aula 13
Teoriada aprendizagem significativa	Aula 14
As dificuldades de aprendizagem no campo da linguagem..	Aula 15



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes

A origem da Psicologia

Aula
01

Apresentação e Objetivos



Hoje, no mundo globalizado, a educação vem sofrendo modificações a fim de corresponder às exigências da atual conjuntura sócio-política e econômica. Nesse espaço, o ensino de Língua Espanhola ganha estatus, motivado – principalmente – pelo Mercado Comum do Sul – Mercosul¹. Esse novo caminhar do ensino da Língua Espanhola nos instiga a perguntar: como tornar o ensino dessa Língua interessante e motivante para os alunos?

Para responder a essa pergunta, faz-se necessário passarmos por dois caminhos fundamentais: o primeiro diz respeito ao conhecimento sobre o processo de ensino-aprendizagem, fato que nos remete à Psicologia da Educação – foco de nosso estudo; – e o segundo caminho é a didática.

Dessa forma, a disciplina Psicologia da Educação tem como objetivo geral compreender como acontece o processo de ensino-aprendizagem, elemento propulsor da prática do professor.

Para alcançarmos esse objetivo, vamos estudar os conteúdos em três unidades, a saber: na primeira unidade, faremos um passeio pela origem da Psicologia, perpassando pela sua constituição como ciência e sua aplicabilidade; na segunda unidade, veremos a Psicologia do Desenvolvimento; e por fim, na terceira unidade, estudaremos a Psicologia da Aprendizagem.

Antes, porém, de adentrarmos na questão da Psicologia da Educação, vamos fazer um passeio pela origem da Psicologia. Tal ação se faz necessária, uma vez que para compreendermos, com clareza, algo que compõe o nosso presente, precisamos fazer um percurso histórico desse objeto do conhecimento.

¹ É a união aduaneira (livre comércio intrazona e política comercial comum) de cinco países da América do Sul. Em sua formação original, o bloco era composto por quatro países: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Desde 2006, a Venezuela depende da aprovação dos congressos nacionais para que sua entrada seja aprovada.

Nesse sentido, os objetivos desta aula serão:

- ▶ Compreender a importância da Psicologia no estudo do comportamento humano.
- ▶ Conhecer a Psicologia como ciência e a sua atuação no campo da educação.

Para atingirmos os objetivos propostos, estudaremos os seguintes pontos: a origem e evolução da Psicologia como ciência, posteriormente, o objeto de seu estudo e as respectivas áreas de estudo desse campo de conhecimento.

Desejamos a todos um excelente estudo!



Para começar

Olá, pessoal! Vamos começar, então, nossa primeira aula. Esperamos que vocês gostem do passeio pela gênese da Psicologia.

Nós sempre ouvimos de nossos pais, quando estamos na escola, a seguinte pergunta: o que você aprendeu hoje? Enquanto alunos, a resposta não é muito fácil de ser respondida, já que muitas são as informações que nos são transmitidas, mas que não sabemos como aplicá-las.

Já quando direcionamos a pergunta ao professor: o que os alunos aprenderam, hoje? Para responder a essa pergunta, também não é algo muito simples, pois o docente irá buscar elementos que respondam a outras questões: para que ensinar tal assunto? Como os alunos aprendem? Quais os elementos que favorecem o aprendizado?

Bem, para podermos procurar as possíveis respostas a esses questionamentos, utilizaremos o objeto de estudo da Psicologia – o comportamento humano, principalmente, no ramo da Psicologia da Educação, que tem como foco a aprendizagem.

Mas antes de adentrarmos no campo da Psicologia da Educação, veremos o surgimento da Psicologia como Ciência.

Este conhecimento sobre o surgimento da Psicologia é importante, pois para entender a diversidade com que essa ciência se apresenta, na atualidade, é imprescindível recuperar a sua história (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).



A origem e evolução da psicologia

Quando falamos de Psicologia, estamos nos remetendo à ciência que estuda o comportamento humano e os processos mentais de todos os animais. Para o nosso estudo, o foco é o ser humano na sua individualidade.

Mas, como surgiu a Psicologia?

Surgiu – como as demais áreas do conhecimento humano – da necessidade do ser humano de buscar compreender as suas ações em relação ao meio e ao outro.

Por exemplo, existem momentos que estamos motivados a estudar, a trabalhar, a comer... Mas, em seguida, queremos estar isolados sem fazer nada. Para explicar essas atitudes, o psicólogo estuda os fatores que impulsionaram tais alterações. Contudo, esse estudo não começou agora. A primeira tentativa de conhecer o comportamento humano surgiu na Grécia, Cidade-Estado mais evoluída na Antiguidade.

Nesse contexto, alguns filósofos como Platão e Aristóteles dedicaram-se a compreender e analisar o espírito empreendedor que pairava sobre os gregos. O resultado desse filosofar se materializa na etimologia da palavra psicologia, que vem do grego *psyché*, que significa **alma**, e de *logos*, que significa **razão**. Portanto, psicologia significava “o estudo da alma”.

Nesse sentido, surgiram muitas teorias que explicavam a origem do comportamento humano, como por exemplo, entre os Pré-Socráticos, a preocupação voltava-se para a percepção, que influenciava a relação do homem com o meio.

Fig. 01



Fig. 02



Apesar desse pressuposto, é somente com Sócrates (469-399 a.C.) que a Psicologia, na Antiguidade, ganha consistência, pois sua principal preocupação estava no limite que separava o homem dos animais, que para o filósofo era a razão.

Fig. 03



Posteriormente, Platão (427-347 a. C.) – discípulo de Sócrates – procurou definir o lugar para a razão no nosso corpo. Para ele, esta se localizava na cabeça, mais especificamente na medula, a qual seria o elemento de ligação da alma com o corpo. Esse componente de ligação consistia a alma que era separada do corpo, e quando alguém morria, este desaparecia e a alma ficava livre para ocupar outro corpo, já que era imortal.

Fig. 04



Já para Aristóteles (387-322 a. C.), discípulo de Platão, a alma e o corpo eram indissociáveis. Segundo o filósofo, todos teriam alma – fossem animais (alma sensitiva), vegetais (alma vegetativa – alimentação e reprodução) e homens. Essa alma teria função pensante. Foi Aristóteles que escreveu o primeiro tratado em Psicologia.

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8c/David_-_The_Death_of_Socrates.jpg

Mãos à obra

Antes de continuarmos o nosso passeio histórico, vamos fazer uma atividade de reflexão.

1. Para você, o que significa alma?

2. Como Sócrates, Platão e Aristóteles concebiam a alma?

Vamos continuar nossos estudos!

Avançando um pouco na história, no período do Império Romano e na Idade Média, falar de Psicologia era falar de religião. Os principais filósofos que estudaram o homem foram Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Com Santo Agostinho (354-430 a.C), a alma não era somente a sede da razão, mas também, a materialização da manifestação divina.

Já para São Tomás de Aquino (1225-1274 d.C), a busca da perfeição humana estaria em Deus. Nesse sentido, o corpo era necessário para o conhecimento, uma vez que para ele, este nos chega através dos sentidos. O filósofo afirma que o processo cognitivo mais próprio do homem é a capacidade de abstração.

Depois da morte de São Tomás de Aquino, aproximadamente 200 anos após, dar-se início ao período de transformações no mundo europeu, originado, principalmente pelo mercantilismo, que possibilitou a descoberta de novas terras; fato que proporcionou o acúmulo de riquezas.

Ainda nessa fase, ocorre a transição do mercantilismo para o capitalismo, que impulsionou várias outras modificações no pensamento filosófico do mundo europeu, como o antropocentrismo, cuja essência do pensamento era a de que o homem passa a ser o centro de todas as coisas.

Fig. 05



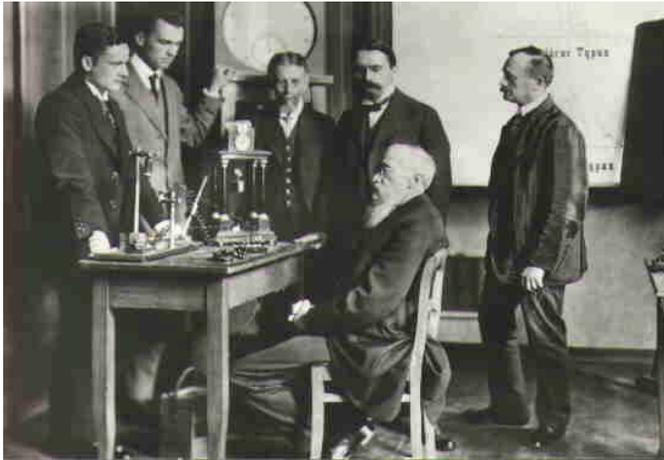
Essa nova forma de pensar favoreceu o avanço da ciência, proporcionando a sistematização e a construção do conhecimento científico. Nesse momento, um dos filósofos que mais contribuiu para esse avanço foi René Descartes (1596-1659 d.C), com o pensamento de que se separa a alma do corpo, que constitui como substância material e aquele como substância pensante. Para esse filósofo, o corpo sem a alma é apenas uma máquina. Essa dualidade possibilitou o estudo do corpo humano morto e, conseqüentemente, o avanço da Anatomia e da Fisiologia.

Podemos perceber que, durante vários séculos, mais especificamente até o século XVIII, as ideias da Psicologia eram influenciadas basicamente pela Filosofia. Esse fato começa a sofrer modificações devido ao crescimento da ciência, que dá corpo à Psicologia Científica. Assim, seu status de ciência é obtido na medida em que se "liberta" da Filosofia, buscando novos padrões de produção de conhecimento através do método científico, incentivado principalmente por Augusto Comte (1798-1857).

Em meados desse século, os problemas e temas da Psicologia, que até então eram estudados exclusivamente pelos filósofos, passam a ser, também, investigados pela Fisiologia e pela Neurofisiologia.

Os avanços nessa área impulsionaram a formulação de teorias sobre o sistema nervoso central, demonstrando que o pensamento, as percepções e os sentimentos humanos eram produtos desse sistema.

Fig. 06

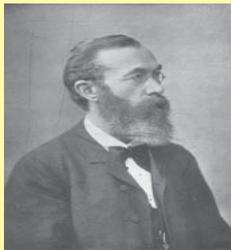


A Psicologia Científica aparece no desmembramento com a Filosofia, tendo como instrumentos materializadores dessa nova roupagem, a busca por: definir seu objeto de estudo; balizar seu campo de estudo, diferenciando-o de outras áreas de conhecimento, como a Filosofia e a Fisiologia; formular métodos de estudo desse objeto e, por fim, estabelecer teorias enquanto um corpo consistente de conhecimentos na área.

Destacamos que essa Psicologia enquanto ciência nasceu na Alemanha, com Wundt, Weber e Fechner. Mas o seu crescimento será impulsionado pelos estudiosos nos Estados Unidos, onde surgem as primeiras abordagens ou escolas da Psicologia: o Funcionalismo, o Estruturalismo e o Associacionismo.

Atenção!

Fig. 07



Wilhelm Wundt nasceu em Neckarau, no dia 16 de agosto de 1832 e faleceu em 31 de agosto de 1920. Wundt foi um médico, filósofo e psicólogo alemão. É considerado um dos fundadores da moderna psicologia experimental junto com Ernst Heinrich Weber (1795-1878) e Gustav Theodor Fechner (1801-1889). Entre as contribuições na área da Psicologia estão a criação do primeiro laboratório de psicologia no Instituto Experimental de Psicologia da Universidade de Leipzig (Lipsia) na Alemanha em 1879 e a publicação de *Principles of Physiological Psychology / Princípios de Psicologia Fisiológica* em 1873 em que afirmava que o seu propósito, com o livro, era o de delimitar um novo domínio da ciência.

Fonte: Wikipédia.

Fig. 08



Ernest Heinrich Weber, nasceu em Wittenberg, no dia 24 de junho de 1795 e morreu em 26 de janeiro de 1878. Foi um médico alemão considerado fundador da psicologia experimental.

Fonte: Wikipédia.

Fig. 09



O Funcionalismo, defendido por William James (1842-1910), busca responder às perguntas “o que fazem os homens” e “por que fazem”. Para responder a essas questões, W. James escolhe a consciência como o cerne de suas preocupações, e busca a compreensão de seu funcionamento, na medida em que o ser humano a utiliza para se adaptar ao meio.

Para o Estruturalismo, o comportamento humano também é analisado com base na consciência, focalizando o aspecto estrutural, ou seja, os seus estados elementares como estrutura do sistema nervoso. A referida escola foi inaugurada por Wilhelm Wundt (1832-1926), e perpetuada por seu seguidor Edward Titchner (1867-1927), que a denominou de Estruturalismo.

O método utilizado por Titchner para observar a consciência, era o introspeccionismo, que significa “ato em que o sujeito observa os conteúdos de seus próprios estados mentais, tomando consciência dos mesmos”. Assim, destacam-se dentre os possíveis conteúdos mentais passíveis de introspecção: “as crenças, as imagens mentais - sejam visuais, auditivas, olfativas, sonoras, tácteis -, as intenções, as emoções e o conteúdo do pensamento em geral - conceitos, raciocínios, associações de idéias - ” (Wikipédia, a enciclopédia livre).

O Associacionismo pregava que a aprendizagem acontece por meio da associação de idéias, desde as mais simples até as mais complexas. Para essa abordagem, a pessoa precisava aprender primeiramente as idéias mais simples para depois associá-las às mais complexas. Parece que nós já vimos isso em algum lugar, não!?

Podemos observar aqui que a ponta do iceberg da nossa educação foi a questão da associação.

O estudioso que defendia essa teoria foi Thorndike, que se tornou o formulador da primeira teoria da aprendizagem.

De uma forma geral, a Psicologia, desde sua origem, buscou entender o ser humano, objeto de seu estudo.

Para Bock, Furtado e Teixeira (2007), a Psicologia tem a sua matéria-prima o homem,

[...] em todas as suas expressões, as visíveis (nosso comportamento) e as invisíveis (nossos sentimento), as singularidades (por que somos, o que somos) e as genéricas (porque somos todos assim) – é o homem-corp, homem-pensamento, homem-afeto, homem-ação (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2007, p. 20).

Diante dessa amplitude e complexidade do SER ser humano, hoje, muitos são os campos de atuação da Psicologia, e conseqüentemente do psicólogo, como por exemplo:

- ▶ Psicólogo Clínico
- ▶ Psicólogo Escolar
- ▶ Psicólogo Organizacional
- ▶ Psicólogo Social
- ▶ Psicólogo Jurídico
- ▶ Psicólogo do Trânsito
- ▶ Psicólogo do Esporte

Reforçamos, nesse sentido, que cada vez mais esse profissional se faz necessário nos mais variados espaços, uma vez que a própria sociedade se encontra doente. Muitas pessoas estão sofrendo de várias síndromes, antes não cogitadas, como a do pânico. Além disso, o ser humano tem sofrido de depressão, causada por vários fatores. Portanto, o papel do psicólogo torna-se preponderante.



Fig. 10



Atenção!

Fisiologia: vem do grego physis = natureza e logos = palavra ou estudo. É o ramo da Biologia que estuda as múltiplas funções mecânicas, físicas e bioquímicas nos seres vivos, ou seja, a fisiologia estuda o funcionamento do organismo (Wikipédia, a enciclopédia livre).

Neurofisiologia: é um ramo da fisiologia que tem como objeto o estudo do funcionamento do sistema nervoso (Wikipédia, a enciclopédia livre).



Mãos à obra

Agora vamos fazer uma revisão?

1. Quais as ideias defendidas pelo Funcionalismo, pelo Estruturalismo e pelo Associacionismo?



Um passo a mais

Pessoal, para aprofundar mais os estudos a respeito da temática da nossa aula, vocês podem pesquisar em livros, como o sugerido:

DAVIDOFF, Linda L. Introdução à Psicologia. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001. É um livro que traz informações e comentários acerca de todos os aspectos da Psicologia, inclusive o aspecto histórico.

Já sei!



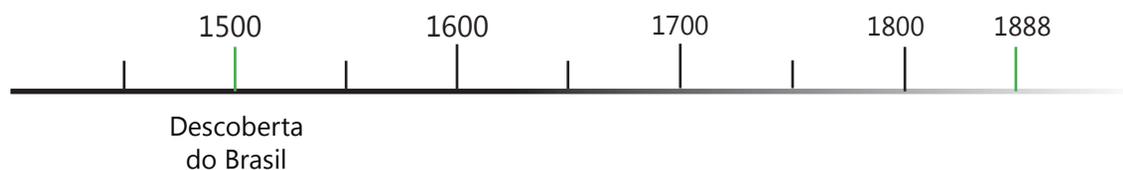
Então, o que aprendemos nesta aula? Aprendemos que a Psicologia teve a sua origem nas idéias dos filósofos, entre eles Platão, Aristóteles e Sócrates. Posteriormente, com o próprio avanço da sociedade, a Psicologia começa a se desvincular da Filosofia e ganha corpo de ciência, tendo como objeto de estudo o ser humano. Nesse momento de transição, foram vários estudiosos que, utilizando métodos científicos, valendo-se da observação de seus próprios comportamentos e, posteriormente, de outras pessoas, contribuíram para esse caráter científico da Psicologia. Salienciamos que não era uma mera observação, mas sim um estudo minucioso das reações humanas diante dos estímulos provenientes do meio.

Autoavaliação



Depois de termos viajado no túnel do tempo da origem da Psicologia Científica, vamos fazer uma linha do tempo, contendo as datas, os teóricos e a principal ideia defendida pelos mesmos.

Para ajudá-los a compreender essa atividade, aqui vai um exemplo:





Referências

BOCK, Ana Maria; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologia: Uma introdução ao Estudo da Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2007.

WIKIPÉDIA. Introspecção. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Introspec>. Acessado: em 30/08/2009.

WIKIPÉDIA. Mercosul. http://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_Comum_do_Sul#Estados_associados_ao_Mercosul. Acessado: em 01.06.2010.

Wilhelm Wundt. <http://pt.wikipedia.org>. Acessado: em 30.08.2009

Ernest Heinrich Weber. <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em: 30.08.2009.

Fisiologia. <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em: 30.08.2009.

Neurofisiologia. <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em: 30.08.2009.

Fonte das figuras

Fig .01 - <http://www.onpurposetransitions.com/>

Fig .02 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8c/David_-_The_Death_of_Socrates.jpg

Fig .03 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/98/Sanzio_01_Plato_Aristotle.jpg

Fig .04 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/98/Sanzio_01_Plato_Aristotle.jpg

Fig .05 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9e/Antonello_da_Messina_009.jpg

Fig .06 - <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a3/Wundt-research-group.jpg>

Fig .07 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/56/Wilhelm_Wundt.jpg

Fig .08 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9c/Ernst_Heinrich_Weber.jpg

Fig .09 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/22/Wm_james.jpg



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes



As Correntes Principais da Psicologia

Aula
02

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior, nós estudamos sobre a origem da Psicologia, perpassando pelos teóricos que buscaram entender o comportamento humano. Aprendemos que a Psicologia analisa o ser humano em todos os aspectos. Nesta aula, iremos aprender um pouco mais sobre as correntes da Psicologia que trouxeram contribuições muito importantes para a educação. Essas correntes denominam-se Behaviorismo, Gestalt e Psicanálise.

Esta aula tem como objetivos:

- ▶ Compreender a influência do estímulo no condicionamento do comportamento humano.
- ▶ Verificar a importância da percepção no comportamento humano.
- ▶ Perceber as contribuições da Psicanálise para o estudo do comportamento humano.





Para começar

Existem práticas no cotidiano dos nossos lares que são resultados da educação que obtivemos dos antepassados que refletem, de forma indireta, os pensamentos das correntes psicológicas – Behaviorismo, Gestalt e Psicanálise – Um bom exemplo disso é a questão do reforço: quando queremos que nosso filhos façam algo, nós os recompensamos com alguma coisa.

Fig. 01



Programa que ensina os pais a educarem seus filhos.

Um outro exemplo, bem comentado é o programa da Super Nanny, porque utiliza o método do reforço para condicionar as crianças ao comportamento desejado. Tal aspecto tem base em uma das correntes que vamos estudar: o Behaviorismo.

Outro exemplo da presença das correntes psicológicas, é na escola, quando os professores utilizam ideias provenientes da Gestalt e da Psicanálise. No campo da Gestalt, usamos a percepção para trabalhar determinados conceitos

de conjunto, como por exemplo a noção de conjuntos, de formas e completar figuras.

Já na Psicanálise, por ainda não se apresentar de forma mais sistemática nas escolas, apenas pesquisamos os seus estudos para entender problemas patológicos das crianças.

Fig. 02



Formas Geométricas

Para entendermos um pouco mais sobre essas correntes presentes nas escolas, bem como nas práticas dos professores, veremos as suas principais ideias e, na Unidade sobre Psicologia da Aprendizagem, abordaremos as suas contribuições na educação.

Vamos, então, estudar!



As Correntes Da Psicologia

1. BEHAVIORISMO: Análise Experimental do Comportamento

1.1 A influência do ambiente: a ideia principal

Quando falamos em Behaviorismo, no contexto educacional, muitos dos profissionais da educação lembram da frase: “o aluno é uma caixa preta, pronto para receber os coteúdos”.

Ao fazermos uma análise das nossas práticas, bem como das aulas que tivemos como alunos, os princípios behavioristas estavam e, ainda estão – mesmo que camuflados – presentes na educação através de atitudes como a de que o professor é aquele que faz o aluno aprender e o papel deste é aprender para escapar das “ameaças” de reprovação.

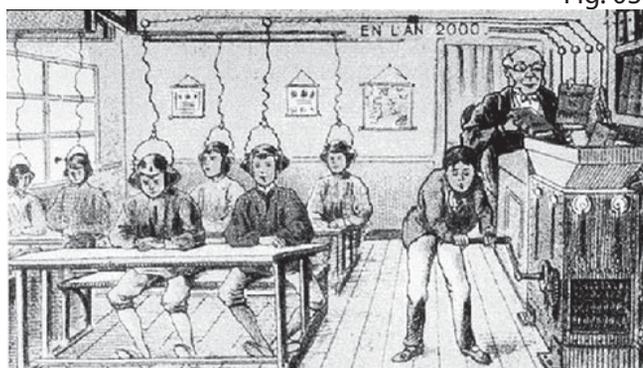
Em sintonia com essa ideia, Goulart (2007, p. 55) afirma que “tendemos a valorizar o aluno que aprende sozinho e, frequentemente, atribuímos o processo de aprendizagem a algo que existe dentro do indivíduo. De certo modo, procuramos nos eximir da responsabilidade de ensinar ao estudante”.

Todas essas práticas educativas explícitas ou implícitas trazem, em sua essência, a compreensão do Behaviorismo no tocante ao comportamento humano e como condicioná-lo para aquilo que está programado, estabelecido sócio-educacionalmente.

Mas, afinal de contas o que é Behaviorismo? Quais as suas teorias?

Vamos então responder a essas perguntas. Começamos sobre o que é Behaviorismo ou behavior (EUA): significa comportamento, conduta e se constitui como um conjunto de teorias que impetra o comportamento como o mais desejável objeto de estudo da Psicologia. Comportamento definido por “uma resposta do organismo a algo que o impressiona a partir do exterior, os estímulos” (CUNHA, 2003, p. 45).

Fig. 03



A ilustração representa a educação com base no comportamentalismo: os alunos são condicionados pelo professor.

Esse sistema psicológico surgiu para tornar a Psicologia uma ciência respeitável, e por isso deveria usar métodos objetivos e comportamentos que fossem observáveis; fato que, para muitos estudiosos do comportamento humano, não acontecia através da utilização do método da introspecção, em que o paciente relatava tudo que estava em sua mente e era interpretado pelo psicólogo.

O precursor do Behaviorismo foi John Watson, que enfatizava o papel do ambiente na constituição do comportamento humano, conforme podemos observar em seu discurso:

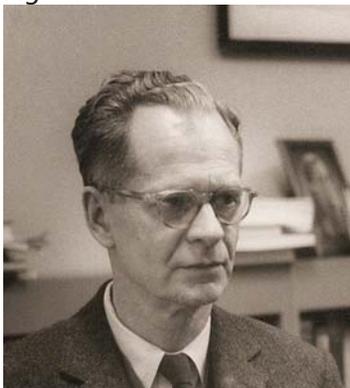
Dê-me uma dúzia de bebês saudáveis e bem-formados e um mundo especificado por mim para criá-los, que garanto escolher qualquer um ao acaso e treiná-lo para tornar-se qualquer tipo de especialista que eu escolher – médico, advogado, artistas, comerciantes e, sim, até mesmo mendigo e ladrão, independentemente de seus talentos, inclinações, tendências, habilidades, vocações e da raça de seus ancestrais (WATSON, 1925, p. 82 apud DAVIDOFF, 2001, p. 12).

Observa-se que, para os behavioristas, o comportamento humano era moldado, “treinado” de acordo com as conveniências do contexto em que se encontravam, para atender a uma necessidade específica.

Essa era a ideia básica dos behavioristas, fato que não aponta para a inexistência de visões diferentes dos teóricos. Vamos, então, identificar os pensamentos de cada estudioso?

1.2 Os estudiosos do Behaviorismo

Fig. 04



Skinner

Começemos por Watson. Primeiro, ele não aceitava o uso da introspecção para entender o comportamento humano – como já vimos anteriormente. Segundo, acreditava que o ambiente predominava sob as características hereditárias e, por isso, determinava o comportamento; e ainda defendia que o efeito desse ambiente acontecia, principalmente, através de um processo de condicionamento de reflexo.

Outro estudioso do Behaviorismo foi Edward Thordike, que defendia a Lei do Efeito, como estudamos na aula 1, em a Origem da Psicologia.

Apesar da existência das teorias apresentadas anteriormente, que trouxeram várias contribuições para a análise do comportamento humano, focaremos nosso estudo em Skinner, psicólogo que foi muito influente na educação.

Burrhus Frederick Skinner nasceu em Susquehanna, Estado de Pensilvânia, em 20 de março de 1904. Em 1931 doutorou-se em Psicologia pela Universidade de Harvard. Publicou diversas obras, entre elas “Além da Liberdade e dignidade

humanas"; em que, no seu último capítulo afirma que:

O homem é realmente controlado pelo ambiente, sendo este ambiente construído, em parte, pelo próprio homem. Uma visão científica do homem oferece possibilidades bem amplas e inesperadas, mas o próprio homem ainda não se deu conta do que pode fazer por si mesmo (GOULART, 2007, p.52).

Observa-se, então, que o ambiente é determinante do comportamento humano, ao mesmo tempo em que é influenciado pelo homem.

Outra contribuição da base da corrente skinneriana foi a formulação do comportamento operante, que estudaremos posteriormente.

1.3 Ideias defendidas pelos behavioristas

As teorias defendidas por esse sistema dizem respeito, principalmente, ao Comportamento Reflexivo e Comportamento Operante, bem como o princípio de estímulo-resposta.

Então, o que vem a ser o Comportamento Reflexivo? Na perspectiva behaviorista, esse comportamento é gerado por estímulos externos que ocasionam respostas "não-voluntárias".

Um exemplo bem comum são as lágrimas geradas quando cortamos cebola, o arrepio quando estamos com frio, a salivação provocada pela gota do limão.

Foi a partir desses reflexos que Skinner começou a analisar o comportamento humano e, posteriormente, contribuiu com os estudos referentes à influência do estímulo pré-estabelecido no homem, que gerou uma determinada relação: o Comportamento Operante, que caracteriza a maioria das nossas interações com o ambiente.

Segundo Campos (1987, p.191), o Comportamento Operante significa "o processo de aprendizagem através do qual uma resposta se torna mais provável ou mais frequente."

De forma geral, o estímulo é previamente planejado para condicionar o comportamento humano a fim de atingir um determinado objetivo. Tomemos o seguinte exemplo: se desejo que meu filho estude, digo que terá uma recompensa caso passe de ano. Esse é um estímulo previamente planejado a fim de gerar um determinado comportamento: o empenho no estudo.

Skinner denominou esse tipo de estímulo de Reforço, que desencadeia uma resposta ou então altera uma probabilidade de comportamento futuro. O psicólogo defende, ainda, a existência de dois tipos de reforço: o **positivo** e o **negativo**.

O reforço positivo visa estimular a futura probabilidade da resposta em relação a determinado contexto, que foi o caso do nosso exemplo do estudo

do nosso filho. Já o reforço negativo, proporciona a remoção ou atenuação do comportamento futuro, permite a retirada de algo indesejável. Por exemplo, quando castigamos os nossos filho para que não venham mais fazer uma determinada ação.

Existem, ainda, nesse tipo de reforço, dois processos importantes: a esquiva e a fuga. O primeiro acontece quando, após o estímulo condicionado (aprendido no contexto), o indivíduo apresenta um comportamento de evitar ou reduzir o segundo estímulo.

Para entendermos melhor, vamos exemplificar com a seguinte situação: geralmente, tememos ir ao dentista. Lá, ao ouvirmos o som do motorzinho (aprendido no contexto), associamos à dor e buscamos evitar essa dor que foi experimentada em algum momento de nossa vida. Assim, adiamos a nossa ida ao dentista, esquivando a repetição da vivência negativa na cadeira do desse profissional.

Já a fuga, o estímulo incondicionado (som do trovão) não tem como ser evitado. E, quando acontece, o estímulo aversivo foge depois de iniciado. Um exemplo mais claro é a questão dos fogos. Quando começa o barulho e não tem como evitar ouvir, buscamos fugir em direção a outro lugar. Se fosse esquiva, ao tomarmos conhecimento dos fogos, não iríamos ao local para não ouvirmos o barulho.

Fig. 05



Coração partido.

Dessa forma, a esquiva tem como não experimentarmos o estímulo; e a fuga, não conseguimos evitar o estímulo aversivo, mas fugimos depois deste ser iniciado.

Outro aspecto defendido pela Análise Experimental do Comportamento – Behaviorismo – é a extensão que diz respeito a um procedimento no qual a resposta deixa de ser reforçada. Um exemplo bem clássico é quando estamos paquerando alguém que estava correspondendo e, inesperadamente, esse alguém passa a nos ignorar. Então, aos poucos, as nossas tentativas tenderão a desaparecer.

Uma teoria ulterior muito importante do Behaviorismo é a punição que, na maioria das vezes, é utilizada no cotidiano e na escola. Hoje, essa punição é realizada por meio de suspensão, do castigo, como por exemplo quando o aluno fica sem recreio ou tem que ir para a diretoria. Entretanto, no tempo de nossos pais e avós, eles sofriam a punição através da palmatória ou quando eram obrigados a ficar de joelhos sob o milho.

Assim, punir significa levar a supressão temporária da resposta, sem contudo, alterar a motivação (BOOK, FURTADO e TEIXEIRA, 2002). Essa era a intenção, extinguir uma determinada atitude, sem contudo, desmotivar o sujeito

no desenvolvimento de outras ações.

Para entendermos melhor, vamos usar o exemplo da palmatória, mencionada anteriormente. Os professores que usavam esse instrumento tinham como objetivo despertar os alunos para estudar; e, caso não o fizesse, eram punidos, suprimindo a resposta da ação de não estudar.

Esse tipo de teoria foi criticado por Skinner e outros autores, ao defenderem outro tipo de atitude para extinguir ou estimular o comportamento desejado. Para tanto, amparam a realização de procedimentos de instalação de comportamentos almejados.

Temos situações bem claras de que punições não têm funcionado como forma de coibir determinado comportamento, como por exemplo, a Lei Seca: as pessoas são punidas com multas, perda do veículo, mas continuam bebendo e dirigindo, esquivando-se e fugindo da blitz, uma vez que não têm consciência de que essa conduta prejudica a todos o indivíduo da sociedade.

Há ainda uma outra teoria defendida pelo Behaviorismo, que diz respeito ao controle de estímulos, que se refere à influência dos estímulos em nosso comportamento. Quando respondemos de forma diferente sob estímulos diversos, significa que o comportamento está sob o efeito do controle de estímulos. Por exemplo, o motorista acelera o carro no sinal verde (estímulo à cor verde) e freia no sinal vermelho (estímulo à cor vermelha), ou seja, ele reagiu de forma diferente diante dos estímulos.

De maneira geral, observamos que os estímulos, provenientes do meio, determinam ou direcionam o nosso comportamento, pois, para o Behaviorismo, sempre reagimos diante das ações do contexto. No caso do motorista, ele tinha a reação de acelerar diante da cor verde (estímulo condicionado e aprendido) e frear quando aparecia a cor vermelha.

No que diz respeito à discriminação, esta caracteriza-se quando discriminamos os estímulos e nos comportamos de acordo com a situação. Por exemplo, no caso de uma festa, sabemos que devemos nos arrumar de acordo com o estilo da mesma (geral, comum); mas quando tomamos ciência de que é uma festa na praia, usamos vestimentas mais esportivas. Isso é discriminar o estímulo do meio, que no caso é a festa.

Já na generalização, respondemos de forma semelhante a um conjunto de estímulos percebidos como semelhantes; por exemplo, a questão da escrita e da matemática, em que utilizamos conhecimentos de português para escrever cartas, recados, entre outras práticas.

Essas são algumas características do Behaviorismo, que tiveram muita influência na educação e que, veremos mais detalhadamente na unidade sobre a Psicologia da Aprendizagem.

Hoje, existem muitos estudos sobre a análise experimental do comportamento, com o objetivo de entender e modificar o comportamento humano.



Mãos à obra

Antes de darmos continuidade ao assunto, vamos fazer um exercício para fixar as informações? Como o Behaviorismo defende a questão do estímulo enquanto fator determinante do comportamento, observe o ambiente por onde você transita: da sua casa, do seu trabalho, verifique os estímulos provenientes do mesmo e como as pessoas reagem diante de tais estímulos.

Após essa observação, descreva as informações obtidas no quadro abaixo.

Para facilitar a compreensão, observe o exemplo do que deve ser feito na transcrição da observação.

Fato Observado	Estímulo	Resposta
A mãe gritou com o menino quando este estava brincando com o fósforo.	O grito da mãe.	Choro da criança.

2. GESTALT: A Psicologia da Forma

A Gestalt é um termo alemão que não tem uma tradução muito fácil. O termo mais próximo é forma ou configuração. Diferentemente do Behaviorismo, a Gestalt defende a individualidade, além da questão do ambiente. Os estudiosos da forma, como Ernst Mach e Christian Von Ehrenfels, buscaram analisar os processos psicológicos envolvidos na ilusão de ótica. O ponto fundamental estudado pelos gestaltistas foi a percepção. Para eles, a forma como a pessoa percebe e o que percebe são pontos determinantes do comportamento humano.

Antes de continuarmos na temática da Gestalt, vamos fazer um adendo a respeito do que venha a ser percepção.

Quando falamos de percepção, o que nos vem em nossa mente?

Alguns podem falar: a forma como olhamos as coisas, ou então, como as percebemos, e até mesmo como as sentimos.

Nesse contexto, é importante salientar que existe uma diferença entre sentir e perceber. Por exemplo, quando o dia está muito quente sentimos calor, o nosso corpo reage através do suor. Já a percepção, perpassa pela interpretação das sensações, como no caso de ficarmos suando quando vemos a pessoa que estamos paquerando.

Então, podemos concluir que a sensação está ligada aos órgãos dos sentidos, enquanto a percepção compreende a forma como interpretamos as informações provenientes dos sentidos, principalmente da visão.

Nas palavras de Davidoff (2001, p. 141), percepção é "o processo de organização e interpretação dos dados do meio ambiente e de nós mesmos. A percepção envolve interpretação; a sensação, não".

Dessa forma, como sujeitos da percepção, nós nos apropriamos das informações sensoriais provenientes do mundo que nos rodeia. Por exemplo, na medida em que movimentamos, nos apropriamos dos objetos do meio. Assim, quando observamos um quadrado, de qualquer ângulo, veremos quatro cantos, construindo, nesse sentido, "o nosso conhecimento das propriedades reais do mundo" (op. Cit).

Podemos observar, então, que a percepção pode ser modificada diante do foco que nós damos com o nosso olhar; o que gera uma nova interpretação das propriedades reais do ambiente em que estamos; fato que terá consequências no nosso comportamento.

Vamos agora adentrar nas teorias da Gestalt.

Durante a percepção do mundo que nos rodeia, vários elementos são

Fig. 06



O que você vê? É um homem tocando saxofone ou um rosto?

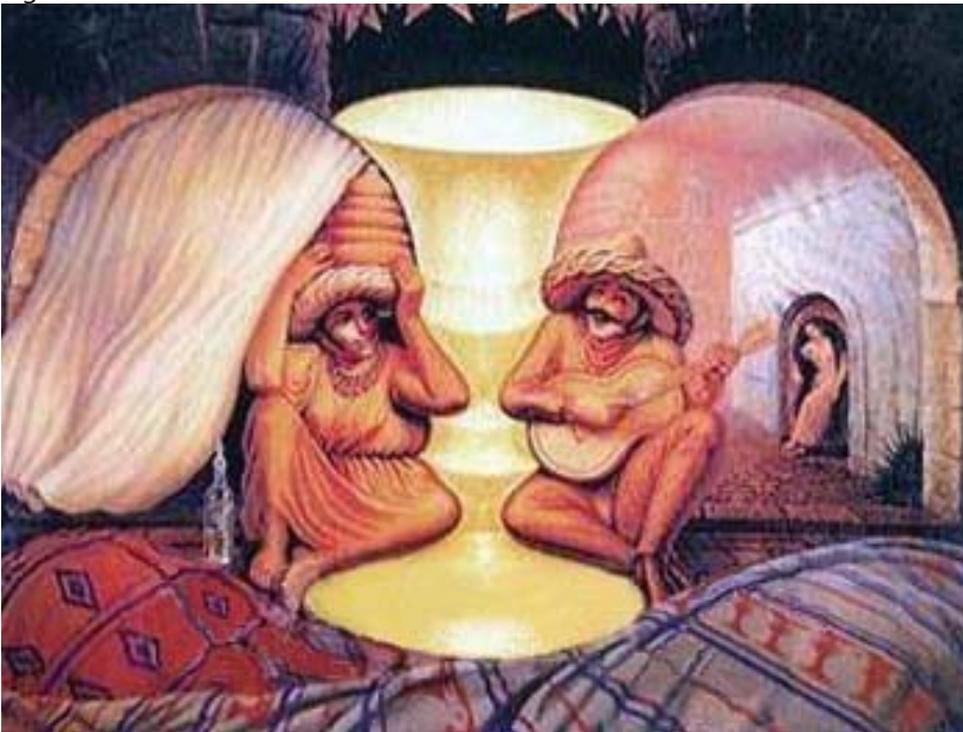
Fig. 07



preponderantes para que haja a decodificação das informações por meio dos sentidos: equilíbrio, simetria, estabilidade e simplificação dos objetos que estamos observando. Estes fatores são necessários para alcançarmos a Boa Forma, superando a ilusão de ótica.

Quando não existem os elementos anteriormente citados, ocorre uma interpretação ambígua do objeto observado. A título de curiosidade, vamos analisar algumas figuras, como esta que está ao seu lado esquerdo e outras que aparecem posteriormente. O que você pode perceber na figura? É uma moça ou uma senhora?

Fig. 08



O que você vê? São apenas dois idosos?



Atenção!

O termo Ilusão de óptica aplica-se a todas ilusões que “enganam” o sistema visual humano fazendo-nos ver qualquer coisa que não está presente ou fazendo-nos vê-la de um modo errôneo. Algumas são de caráter fisiológico, outras de caráter cognitivo. (Fonte: Wikipédia.com.br)

As ilusões de óptica podem surgir naturalmente ou serem criadas por astúcias visuais específicas que demonstram certas hipóteses sobre o funcionamento do sistema visual humano. Imagens que causam ilusão de óptica são largamente utilizados nas artes, por exemplo nas obras gráficas de M. C. Escher.

Para a Gestalt “Boa Forma” é o fenômeno da percepção onde se encontram as condições para o comportamento humano. A pessoa guarda estreita relação entre estímulos físicos e comportamento. O elemento que se quer compreender deve ser apresentado em seus aspectos básicos (simetria, estabilidade e simplicidade) de forma que permitam sua decodificação. (MATTOS, 2008).

Nesse ambiente de percepções, os teóricos da Gestalt afirmam que o comportamento do ser humano é determinado pela forma como se percebe o estímulo do meio, cujo conjunto é denominado de meio ou meio ambiental. Para os gestaltistas, existem dois tipos de meio: o geográfico e o comportamental.

O meio geográfico caracteriza-se como o meio no campo físico, tal qual se apresenta. Já o meio comportamental é o resultado da interação do indivíduo com o meio físico, intermediado pela interpretação desse meio através das forças que direcionam a percepção, como o equilíbrio, a simetria, a estabilidade e simplicidade. Refere-se a uma realidade subjetiva, particular, criada pela nossa mente.

Para entendermos melhor, vamos ao exemplo mais comum e que acontece rotineiramente. Estamos num determinado local e cumprimentamos alguém que, para nós, é um conhecido. Quando este vira para olhar quem está falando com ele, observamos que cumprimentamos a pessoa errada.

O que foi que aconteceu para ocasionar esse erro? Para a Gestalt, o que ocorreu deve-se ao fato de que não percebemos o meio geográfico específico; fato que teria evitado o constrangimento de cumprimentarmos a pessoa errada.

O que realmente ocorreu foi que, ao encontrarmos com a pessoa, a situação

Fig. 09

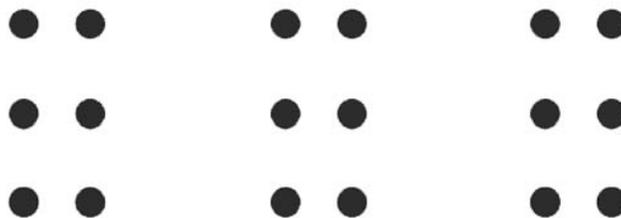


(o encontro casual num local em que há muito movimento de pessoas), levou-nos a uma interpretação diferenciada da realidade, mais especificamente, uma realidade subjetiva, particular, criada pela nossa mente, que no caso, é o que denominamos de meio comportamental. Por isso, pensamos que é a pessoa conhecida por nós.

Outro ponto destacado pelos gestaltistas diz respeito ao Campo Psicológico, compreendido como uma força que nos leva a esquadriñar a Boa Forma. É como se fosse um campo de força magnética, um ímã. Nesse aspecto, o campo nos fornece a possibilidade de buscar melhorar as situações que não estão bem organizadas.

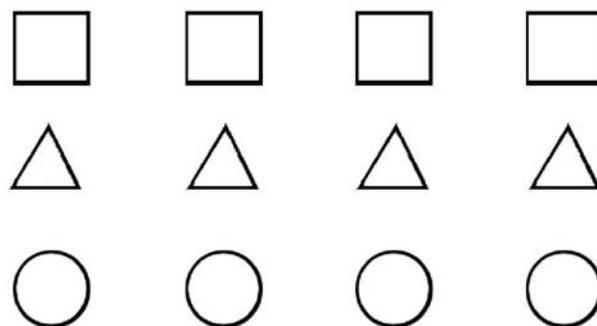
Tal situação ocorre conforme os seguintes princípios:

- ▶ Proximidade: os elementos mais próximos tendem a ser agrupados.



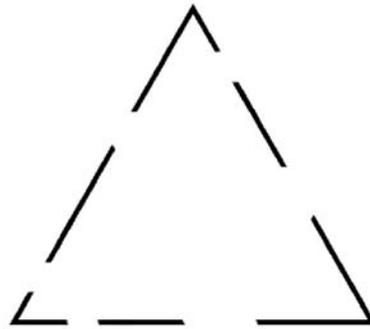
O que estamos vendo? São três colunas e não três linhas.

- ▶ Semelhança: os objetos semelhantes se agrupam.



O que observamos são três linhas e não quatro colunas.

- ▶ Fechamento: acontece uma complementação dos elementos faltosos da figura para proporcionar a sua compreensão.



O que vemos na figura acima é um triângulo e não alguns traços. Esse processo acontece muito quando trabalhamos com desenhos para as crianças cobrirem os desenhos que são apenas riscos.

Além dos elementos apresentados anteriormente, a Psicologia da Gestalt compreende que a aprendizagem ocorre por meio da relação entre o todo e a parte, em que o todo tem um papel importante na compreensão do objeto percebido.

Por exemplo, no processo de alfabetização, palavra escrita, mas dão significado ao todo. No caso da marca do refrigerante, a criança temo que significa compreensão imediata, entendimento interno.

Esse insight acontece quando não entendemos uma figura e, de repente, de uma hora para outra, sem esforço especial, a relação da figura-fundo esclarece-se.

Podemos, então, observar que as teorias sobre a Percepção estão presentes em todos os momentos de nossas vidas, inclusive nas escolas, quando trabalhamos com os alunos noções de conjunto, quando alfabetizamos, entre outras atividades. Diante disso, pode-se concluir que essa teoria trouxe muitas contribuições para o estudo do comportamento humano.

Fig. 10



Atenção!

Ernst Mach

Fig. 11

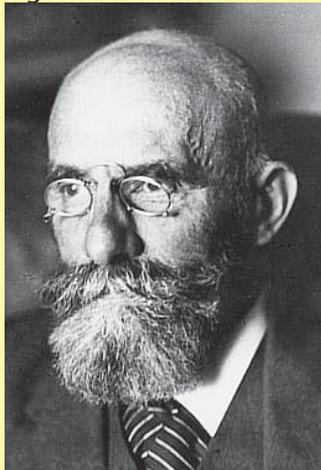


Foi um físico. Seguindo a linha de pensamento formulada por Hume, Mach nega pronunciar-se sobre a natureza da realidade (se psíquica ou física). Para Mach, todas as afirmações empíricas (incluindo as científicas) poderiam ser reduzidas a afirmações sobre as sensações. O carácter de qualquer lei científica é apenas o descritivo. A escolha entre hipóteses igualmente plausíveis e relativas ao mesmo fato seria uma questão de economia de pensamento.

Fonte: <http://portateiseb23pv.ccems.pt/mach.htm>

Christian Von Ehrenfels

Fig. 12



Precursor do movimento gestaltista publicou em 1890, um trabalho sobre as qualidades da forma, destacando duas propriedades básicas:

- Totalidade – Percebemos estruturas organizadas e não elementos isolados.

- Transponibilidade – Se todas as partes que compõem uma forma forem modificadas, sendo mantidas constantes as relações entre as partes, perceberemos a mesma forma.

Ehrenfels foi criticado pelos psicólogos gestaltistas ao afirmar que o “todo” era algo a mais que a soma de suas partes. Segundo eles o “todo” é algo diferente da soma das partes constitutivas.

O “todo” não é mais um elemento que se adiciona. Suas propriedades são emergentes, não existindo nas partes, mas sim no “todo”, estas propriedades decorrem das relações estabelecidas entre suas partes constitutivas e cada parte depende das demais, não podendo ser o que é a não ser em relação com elas.

Fonte: (ALVARES, 2006, p.3)



Mãos à obra

Vamos exercitar um pouco a nossa memória, respondendo aos seguintes questionamentos:

1. Por que a Percepção é tão importante na compreensão do comportamento humano?
2. Quais os princípios envolvidos no campo psicológico? Dê exemplos.
3. Explique o que é meio geográfico e meio comportamental, e dê exemplos.

3. A PSICANÁLISE

Nos últimos tempos, temos ouvido e visto nos noticiários informações que nos chocam, como o Caso Nardoni, em que o próprio pai joga a sua filha do andar onde moravam, ocasionando a morte da mesma. Além disso, existe a pedofilia, o incesto, entre outros aspectos, fatos não presentes no tempo de nossos avós.

Diante desses tipos de comportamentos considerados fora dos padrões da normalidade, perguntamos: Por quê? O que faz a pessoa agir dessa ou daquela forma?

Foi buscando compreender essas e outras determinadas ações humanas, que a princípio não têm uma explicação lógica, que a Psicanálise surgiu.

Mas antes de adentrarmos nas especificidades dessa corrente, vamos conhecer como ela surgiu. Vamos, então, passear?

3.1 A origem da Psicanálise

A Psicanálise tem a sua gênese na Alemanha, em pleno século XIX, como uma ciência independente, cujo foco do estudo estava na análise e compreensão da consciência.

A princípio, os estudiosos da área entendiam que essa consciência era formada por elementos interligados com os órgãos dos sentidos, onde a sensação visual dos objetos estava correlacionada com as mudanças ocorridas na retina. Esse tipo de compreensão foi criticada por Freud – precursor da Psicanálise – porque afirmava que esse tipo de explicação ser ínfima diante da complexidade da mente humana; fato que requeria um estudo mais profundo, mergulhar na incógnita humana: o inconsciente.

Nas palavras de Shirahige e Higa (2004), Freud comparou a mente humana a uma montanha de gelo flutuante, cuja parte que nós podemos ver é apenas um pedaço dessa montanha, e a parte que não podemos ver representa o inconsciente: local dos impulsos, dos desejos e sentimentos reprimidos; enfim, é a sede das forças vitais e invisíveis que controlam os pensamentos e ações conscientes do homem.

Dessa forma, pertence a Freud o mérito da descoberta do inconsciente presente na personalidade humana. Então, como não poderíamos deixar de comentar, vamos conhecer um pouco sobre Freud?

Nasceu na Morávia, em 06 de maio de 1856 e morreu em Londres no dia 23 de setembro. Viveu boa parte da vida em Viena, cidade a qual teve que sair após a ocupação nazista, por ser judeu.

3.2 Quem foi Freud

Formou-se em Medicina pela Escola de Medicina da Universidade de Viena. Interessou-se em estudar a Neurologia, fato que o levou a especializar-se em tratamento de doenças nervosas. Durante seus estudos em Neurologia e a sua preocupação com os doentes mentais, começou a focalizar o aspecto anormal da personalidade.

Para atingir o ápice da sua teoria, Freud traçou um longo percurso, foram mais de 40 anos de descobertas, que o levou a ter um vasto acervo que materializa a teoria psicanalítica.

Nesse percurso de estudos, o psicanalista teve participações significativas, como por exemplo, a parceria que realizou com Jean Charcot, famoso psiquiatra francês que utilizava hipnose no tratamento da histeria. As experiências de Charcot, através da hipnose, fez com que Freud formulasse a teoria sobre a natureza psíquica da histeria.

Fig. 13



Freud

Tendo como ponto de partida essas experiências no tratamento de pacientes com histeria, Freud desenvolveu o seu método de associação livre, em que solicitava aos seus pacientes que relatassem tudo o que vinha à mente, mesmo que não tivesse lógica.

A utilização desse método fez com que Freud enfatizasse a importância das vivências na infância sobre a formação da personalidade do sujeito.

3.3 As teorias da Psicanálise no campo da personalidade

A Psicanálise afirma que a personalidade é composta por três sistemas: o Id, o Ego e o Superego; e o comportamento é resultante da interação entre eles. Outro ponto relevante sobre esses sistemas é que eles corresponderiam aos componentes biológico, psicológico e social, respectivamente.

A título didático, vamos estudá-los separadamente, mas os três atuam de uma forma tão interligada, que se torna difícil determinar os efeitos separadamente no comportamento humano.

Vamos então entender as funções específicas de cada sistema?

O Id corresponde ao componente biológico da personalidade, abrange todos os conteúdos herdados.

Seus conteúdos são as representações psíquicas.

Também são características do Id são:

- ▶ O Id é conduzido pelo "princípio do prazer", tem a função de descarregar as tensões biológicas.
- ▶ Volta-se para os impulsos, principalmente, de natureza sexual e agressiva.
- ▶ Não é socializado, não respeita convenções, e as energias que o constituem buscam a satisfação incondicional do organismo.

De forma geral, o Id é a parte instintiva do ser humano. Para Freud, ao nascermos, somos puro Id.

Enquanto o Id está voltado para as nossas pulsões, o Ego já é responsável pelo contato com o mundo exterior. Constitui o quartel-general de quase todas as funções mentais.

Nas palavras de Shirahige e Higa (2004, p. 18), Para o Id, interessa apenas saber se uma experiência é agradável ou desagradável (princípio do prazer). Já o Ego quer se certificar se uma experiência é falsa ou real, se tem existência externa ou não.

Fig. 14



Vamos simplificar: o Ego faz uma filtragem das informações provenientes do Id a fim de verificar a sua funcionalidade no meio externo, uma vez que o Id não tem essa preocupação.

São algumas características do Ego:

- ▶ É a porção visível de cada um de nós, convive segundo regras socialmente aceitas.
- ▶ É desenvolvida ao longo da vida da pessoa.
- ▶ Sofre as pressões imediatas do meio e executa ações destinadas a equilibrar o convívio da pessoa com os que a cercam.
- ▶ O Ego em sua função básica à natureza humana é a consciência da sobrevivência, é o limite da consciência entre o instinto de doar-se a uma causa ou a uma verdade rígida (Superego) e o da própria sobrevivência humana como indivíduo.
- ▶ É o equilíbrio entre o Id e o Superego.
- ▶ É consciente

(BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2007)

O Superego se constitui como árbitro moral; possui as seguintes características:

- ▶ É um depositário das normas e princípios morais do grupo social a que o indivíduo se vincula.
- ▶ Atua como protetor do Ego, pois sem ele as pulsões se tornariam insuportável à vida do indivíduo em sociedade.
- ▶ Bloqueia os impulsos provenientes do Id, principalmente aqueles de natureza sexual e agressiva, pois são os mais rejeitados pela sociedade.
- ▶ É a moral social

(BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2007)

Além dos conceitos e características mencionados, a Psicanálise trouxe outras contribuições como a organização do aparelho psíquico que está estruturado da seguinte forma: Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente.

Para aprofundamento dessa estrutura, bem como de outros estudos a respeito do comportamento humano, da mente humana, acessar o link "leitura complementar" referente ao tópico do presente módulo.

Destacamos que, o que foi apresentado sobre a Psicanálise representa um pouco da teoria, uma vez que o nosso foco não é essa corrente, mas sim aprofundarmos o nosso conhecimento no campo da Psicologia da Educação. Por isso, foi necessário fazermos um passeio por essas correntes psicológicas, para entendermos as suas contribuições para a educação.



Mãos à obra

Após a leitura do pequeno estudo sobre a Psicanálise, apresentado anteriormente, bem como da leitura complementar, vamos sistematizar o que aprendemos.

1. Quais são as ideias principais da Psicanálise?
2. A respeito das ideias apresentadas na questão anterior, registre quais pontos você concorda e quais você discorda. Justifique.



Um passo a mais

Para conhecer um pouco mais sobre o assunto da Unidade, recomendamos a leitura dos seguintes livros:

BRENNER, C. **Noções Básicas de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. É um livro básico sobre as principais teorias da Psicanálise. A leitura não é difícil, ideal para quem deseja conhecer um pouco mais sobre a Psicanálise.

TELES, Maria Luiza S. **O que é Psicologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção - Primeiros Passos). Neste livro, a autora faz uma explanação sobre o surgimento da Psicologia, sua funcionalidade, as correntes e a profissão do psicólogo.



Já sei!

Nesta aula, nós estudamos sobre as principais correntes da Psicologia, que são: Behaviorismo, Gestalt e Psicanálise. Aprendemos que cada uma trouxe contribuições significativas para o estudo do comportamento humano. O Behaviorismo aponta a questão do estímulo externo como fator condicionador do comportamento. Já a Gestalt discorda dos behavioristas porque afirma que, entre o estímulo do meio e a reação do sujeito existe a percepção, que depende de vários fatores e varia de acordo com o percebido. A Psicanálise, por sua vez, nos apresenta estudos sobre a consciência, como também sobre o inconsciente, fato que revela o quanto é complexo o comportamento humano e que precisamos analisá-lo em todos os âmbitos, para podermos formular hipóteses mais precisas desse comportamento.



Autoavaliação

Com o objetivo de averiguar o que aprendemos até o momento, vamos fazer uma atividade prática.

Cada grupo vai escolher uma reportagem que relate algo fora do comum, como pai que violenta a filha, ou professor que bate no aluno ou vice-versa. Após a escolha da reportagem, façam uma análise na perspectiva do Behaviorismo, da Gestalt e da Psicanálise, e apresentem no grande grupo.

Vejamos na prática: caso a reportagem seja sobre o professor que bateu no aluno. Possíveis explicações: no campo do Behaviorismo, a justificativa seria de extinguir uma ação por meio do reforço negativo. Para a Gestalt, o professor percebe que o aluno quer agredi-lo e por isso, agride primeiro. Já para a Psicanálise, o professor não gostava do aluno, mas reprimia esse sentimento, que foi liberado num momento de fúria.

Referências



ALVARES, Luciano Rosa Alonso. Percepção e Imagem. Trabalho de Pós-Graduação em Design. Departamento de Artes e Design /PUC - Rio

Julho de 2006. Sob orientação do professor Dr. Luiz Antonio L. Coelho. 2006.

Disponível em: <http://wwwusers.rdc.pucRio.br/imago/site/semiotica/producao/alvares.pdf>.

BOCK, Ana Maria; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Psicologia: Uma introdução ao Estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2007.

CUNHA, Marcus Vinicius da. Psicologia da Educação. 3ª. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. (Coleção – o que você precisa saber sobre).

DAVIDOFF, Linda L. Introdução à Psicologia. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

GOULART, Íris Barbosa. Psicologia da Educação: fundamentos teóricos, aplicações à prática pedagógica. 13ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

Ilusão de ótica. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 20.04.2010.

MATTOS, Paulo Rogério da. Introdução à Gestalt. Disponível em <http://www.euniverso.com.br/Psyche/Psicologia/gestalt/introducaoagestalt.htm>. Acessado em 12 de janeiro de 2010.

SHIRAHIGE, Elena Etsuko; HIGA, Marília Matsuko. A contribuição da Psicanálise à Educação. IN: CARRARA, Kester (org). Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.



Fonte das Figuras

Fig. 01 - http://4.bp.blogspot.com/_W1ov5vvpZY0/S7dBhn3IJXI/AAAAAAAAAF14/yhWBQiMygk4/s1600/Ch11-02202000_01.ntx_snapshot_00.15_%5B2010.02.20_20.04.37%5D.jpg

Fig. 02 - <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=1194017>

Fig. 03 - http://2.bp.blogspot.com/_GJOLqmPS6Ok/SuOztAGcNHI/AAAAAAAAAJ8/sEq-ko3_55Q/s1600-h/Behaviorismo.jpg

Fig. 05 - <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=558914>

Fig. 07 - <http://www.justriddlesandmore.com/images/Illusions/woman1.jpg>

Fig. 08 - <http://www.optical-illusion-pictures.com/lbox/ambig/a15.jpg>

Fig. 09 - http://www.planetaeducacao.com.br/portal/imagens/artigos/cinema/Imagem-de-menina-conversando-sorrindo-com-rapaz-acompanhado-de-moca-que-a-olha-confusa_04.jpg

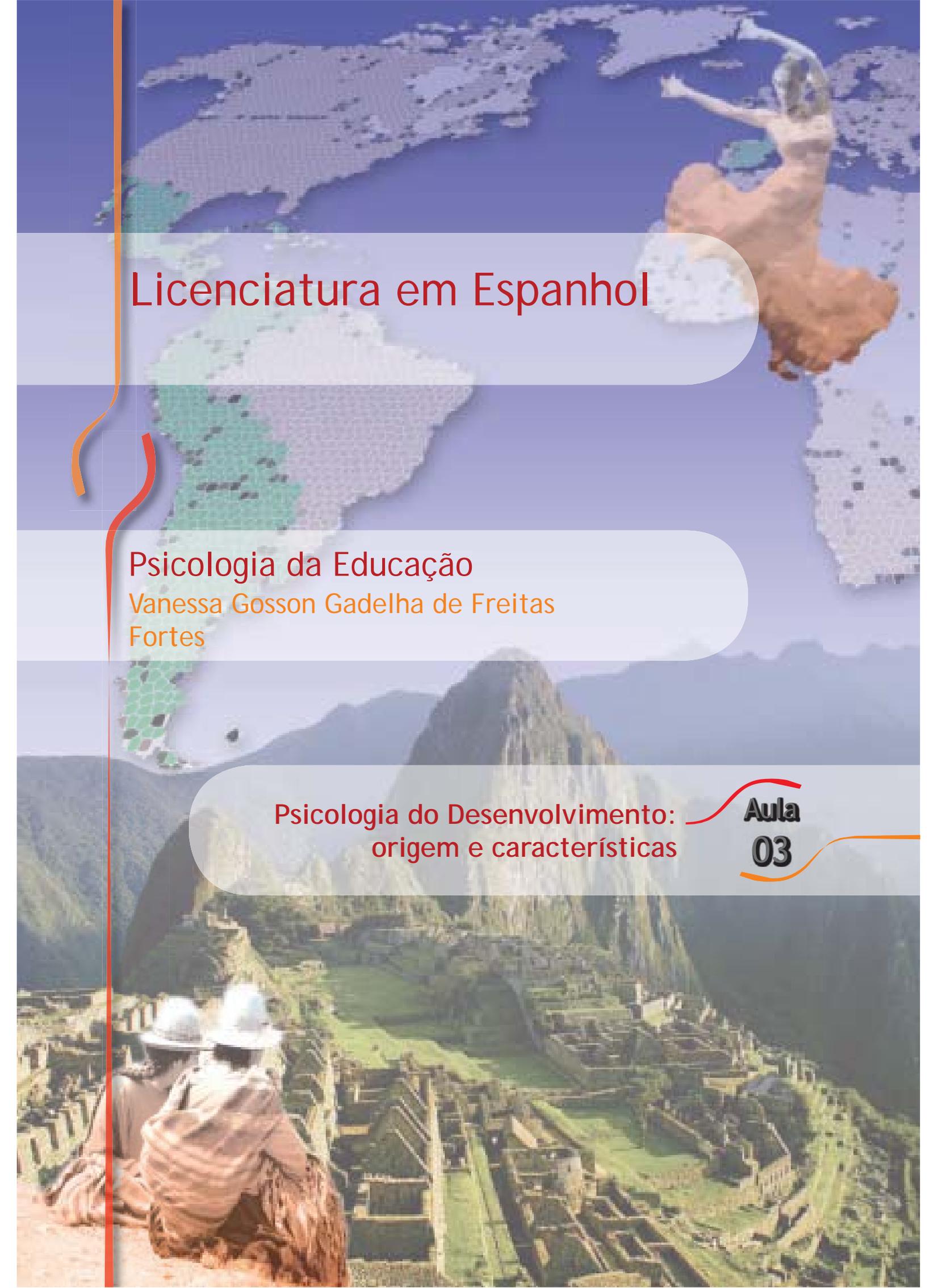
Fig. 10 - <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=971007>

Fig. 11 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/40/Mach%2C_Ernst_%281905%29.jpg

Fig. 12 - <http://www.aeiou.at/aeiou.encyclop.data.image.e/e245243a.jpg>

Fig. 13 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f4/Freud_ca_1900.jpg

Fig. 14 - <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=422281>



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes

Psicologia do Desenvolvimento:
origem e características

Aula
03

Aula 03

Psicologia do Desenvolvimento: origem e características



Apresentação e Objetivos

O ser humano, ao longo de sua vida, passa por transformações, iniciando ainda na infância ou até mesmo antes dela, mais especificamente, na vida uterina.

Evoluir, desenvolver faz parte da vida do ser humano. Hoje, somos e agimos de uma maneira. Com o passar dos anos, as experiências vividas, a maturação do organismo farão com que venhamos agir diferentemente.

É a partir da observação dessas nuances na vida humana que a Psicologia irá mergulhar nesse campo do desenvolvimento humano, buscando entender a relação entre o tempo e a existência humana. Para tanto, essa ciência descreverá o que ocorre na maneira de pensar, agir, sentir do ser humano ao longo da vida; e que fatores favorecem essas transformações contínuas.

Mas por que é necessário estudarmos esse campo da Psicologia, se estamos voltados para a área de ensino? A resposta para essa pergunta é bem óbvia: o ser humano muda na medida em que aprende. E assim, o ensino torna-se um meio facilitador ou não desse processo de desenvolvimento do homem.

Para entendermos melhor o porquê da Psicologia do desenvolvimento, nesta aula vamos estudar a origem dessa área.

Portanto, os objetivos desta aula, são:

- ▶ Conhecer a história do surgimento desse campo da Psicologia.
- ▶ Descrever as características da Psicologia do Desenvolvimento.





Para começar

Quando nascemos, dependemos totalmente de nossos pais. Com o passar dos anos, começamos a cortar os laços de dependência: já nos alimentamos, nos vestimos sozinhos, temos escolhas. A infância é um momento de descoberta, aprendizagem e desenvolvimento.

Chegamos, então, à adolescência, fase das transformações hormonais, do namoro, da crise de identidade. Deixamos de ser crianças, mas ao mesmo tempo não somos adultos, não podemos assumir, ainda, responsabilidades maiores.

Legalmente, assumimos a fase adulta a partir dos 21 anos, idade em que somos responsáveis, literalmente, por nossos atos, desejamos ter a nossa família, nossos filhos.

Observando por essa ótica, são as circunstâncias sociais, culturais, psicológicas, fisiológicas que orientam a transposição para outras fases de nossas vidas.

Mas que fatores favorecem essas mudanças? Por que mudamos? E por que a Psicologia se interessou em estudar esse aspecto do ser humano? Como isso iniciou? Quem foram os teóricos que estudaram o desenvolvimento humano?

Buscando responder a algumas dessas perguntas, vamos então, conhecer o origem da Psicologia do Desenvolvimento, os teóricos envolvidos e as características desse campo da Psicologia. As demais perguntas serão respondidas no decorrer da nossa unidade.

Faz-se necessário esse percurso histórico, pois conforme Hartup (2000 apud 2005, p. 105), a "análise histórica permite que, ao que se ordene o passado, se obtenha modelos de comparação que permitam a análise das contribuições atuais e futuras".

Fig. 01



Fig. 02





1. A origem da psicologia do desenvolvimento

O estudo do desenvolvimento humano inicia-se com a investigação sobre a infância, cujos teóricos dessa área, estimulados pela teoria da Evolução de Darwin, encontram na criança subsídios riquíssimos para a compreensão da natureza humana. Diante desse aspecto, iremos refletir sobre a concepção que existia em torno da criança, e as transformações que favoreceram a compreensão mais sistemática do desenvolvimento.

1.1 A evolução da concepção sobre a infância

Durante muito tempo, pensava-se que a criança era apenas um adulto em miniatura, e por isso era exigido dela, além de sua própria capacidade. Podemos observar tal aspecto nos filmes ou novelas que retratam tempos mais remotos.

Nessas mídias, vemos crianças vestidas como se fossem adultos, trabalhando em ofícios. As brincadeiras eram escassas.



Fig. 03

Tal compreensão sobre a criança influenciava o comportamento em relação a ela. Até os sete anos de idade, recebiam cuidados especiais, pela mãe ou pelas amas de leite. Após o desmame, eram consideradas mini-adultos. E quando já tinham o controle das necessidades fisiológicas, eram colocadas para ajudar os adultos nas atividades, com vistas a sua socialização.

Conforme Cória-Sabine (2008), nas classes menos privilegiadas, as crianças labutavam no campo e vendiam os produtos nos mercados. "Não lhes era dispensado nenhum tratamento especial. Ao contrário, eram alvo de todo tipo de atrocidade por parte dos adultos" (CÓRIA-SABINE, 2008, p. 23).

Já às crianças de classe mais favorecida, era comum que estas começassem a estudar com quatro ou cinco anos. Estas tinham que recitar as lições em voz alta; o ensino era enciclopédico; não existia a preocupação com a aprendizagem nem com as diferenças individuais.

Essa forma de entender a infância começa a mudar a partir do século XVII, quando a criança era afastada dos assuntos referentes ao sexo.

Para vocês terem uma ideia, era permitida a entrada de crianças em festas coletivas e orgias. Todavia, com a nova compreensão de que a mente da criança era diferente da do adulto, foi proibida a sua frequência nesses ambientes.

Apesar dessa mudança, tal concepção pertencia apenas à aristocracia. Para a classe baixa, o tratamento das crianças como adultos perdurou até o século XIX. Estas continuavam a trabalhar nos ofícios e nas lavouras aos sete ou oito anos de idade, sendo submetidas às mesmas exigências aos adultos, inclusive em relação ao casamento, quando os adultos lhes impunham o casamento no início da adolescência.

Essa maneira de perceber a infância só começou a mudar quando muitas crianças não sobreviviam nesse período. A influência da burguesia que estava em crescimento e o avanço da ciência proporcionaram estudos mais sistemáticos sobre a infância.

Vamos conhecer os primeiros passos dessa área?

1.2 Os primeiros passos para a sistematização da Psicologia do Desenvolvimento

Fig. 04



A sistematização da Psicologia do Desenvolvimento inicia-se em meados do século XX, aproximadamente, nas décadas de vinte e trinta. Nesse período, os primeiros estudos restringiam-se à observação de bebês durante os seus primeiros anos de vida.

Durante as observações, os estudiosos buscavam responder às perguntas, como: quando o bebê se senta pela primeira vez?

Quando os primeiros passos podem ser observados, dentre outras questões.

O estudo tinha como objetivo descrever a regularidade das mudanças do comportamento humano de acordo com a idade. Por exemplo, se existe uma constante em pegar a mamadeira com oito meses, a hipótese é a de que com essa idade, a criança pega a mamadeira sozinha.

Nesses estudos, foram criadas as tabelas normativas, que têm contribuído, até os dias de hoje, com pediatras, pais e educadores. Por exemplo, caso uma mãe esteja preocupada pelo fato de o filho estar ou não nos padrões da normalidade, ela vai ao pediatra, que solicita a observação do comportamento do seu filho. Após essa ação, o médico compara os resultados observados pela mãe à tabela, com o padrão de normalidade.

Durante esse período, existiu a contribuição de vários estudos, como o de Watson (1878-1958), que aplicou os conhecimentos do Behaviorismo, que – como estudamos no módulo anterior – o comportamento da criança e do adulto eram determinados pelos estímulos externos, resultando num aprendizado.

Watson estudou as emoções, e afirmava que todas as capacidades humanas, a personalidade, os motivos, todos são aprendidos. Portanto, a aprendizagem era responsável pelas transformações vivenciadas pelos homens ao longo de suas vidas.

Outra contribuição muito importante foi a de Freud, ao afirmar que os cinco primeiros anos de vida de uma criança são fundamentais para o equilíbrio emocional, psicológico do adulto.

Após esses estudos, a área do desenvolvimento começou a diminuir a partir de 1930, talvez por causa dos estudos descritivos do comportamento humano; fato que não provocava o instinto desafiador dos pesquisadores.

Apesar disso, em 1950, os estudos sobre o desenvolvimento reaparecem e se expandem, proporcionados por vários fatores. O primeiro deles está associado ao Behaviorismo, que começou a investigar aspectos específicos relacionados ao ser humano, tais como percepção, atenção, entre outros.

O segundo fator foi a preocupação com as bases biológicas da conduta humana, que renovou os estudos sobre bebês, não mais através da pesquisa descritiva, mas sim por meio de pesquisas explicativas.

O terceiro fator envolve os estudos de Piaget, que estudaremos em outra aula.

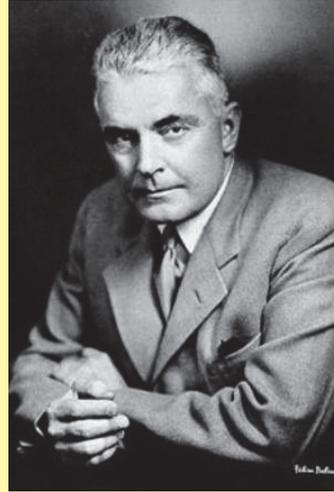




Atenção!

John Watson: psicólogo americano fundador da corrente behaviorista dentro da Psicologia, nasceu em 1878. O pai, violento e desordeiro, abandonou a família quando Watson contava 13 anos. Ambicioso e persistente, apesar de pobre conseguiu entrar para a Universidade Furman aos 16 anos. Recebeu o diploma de mestre após cinco anos de estudos, ingressando posteriormente na Universidade de Chicago para doutorar-se em psicologia em 1903. Mais cinco anos e foi nomeado professor de psicologia experimental e comparada na Universidade, Johns Hopkins, em Baltimore.

Fig. 05



(<http://www.cobra.pages.nom.br/ec-watson.html>)

Com esse pequeno histórico, observamos que esse campo da Psicologia também sofreu barreiras no próprio avanço de seus estudos. Mas apesar disso, houve contribuições relevantes para o avanço da Psicologia do Desenvolvimento.



Mãos à obra

Diante do histórico exposto, faça uma pesquisa bibliográfica, utilizando jornais, revistas, textos da internet, que apresentem características comportamentais e culturais da sociedade em relação às crianças, na contemporaneidade.

Após a pesquisa, escreva um resumo sobre o tema a criança de ontem e de hoje, enfatizando as mudanças ocorridas.

Para ter subsídios em relação ao comportamento da sociedade em relação às épocas anteriores, pode-se utilizar a internet ou então a bibliografia indicativa no final, referente à educação infantil.

1.3 Características da Psicologia do Desenvolvimento

Discorrer sobre a Psicologia do Desenvolvimento é mergulhar num ambiente interdisciplinar, pois muitas hipóteses referentes ao processo de “evolução” humana têm suas bases na biologia, principalmente no que se refere à hereditariedade; por exemplo, quando dizemos “esse menino tem a inteligência do pai”. Além disso, existem bases sociológicas, antropológicas, uma vez que existem elementos externos que influenciam o desenvolvimento do ser humano.

Nesse contexto, tornou-se difícil definir o conceito da Psicologia do Desenvolvimento, pois existiam muitas definições que abragem vários aspectos desse desenvolvimento.

Diante disso, Mota (op. Cit) afirma que há uma “necessidade de se delimitar esse campo de atuação, definindo o que há de específico à Psicologia do Desenvolvimento Humano.”

Assim, visando essa delimitação, surgem estudos referentes ao conceito ou ao objeto de estudo desse campo da Psicologia. Alguns teóricos defendem que um dos objetos diz respeito às mudanças que ocorrem na vida dos indivíduos.

Ainda nesse sentido, Biaggio (1978 apud MOTA, p. 107) afirma que a característica da Psicologia do Desenvolvimento está “em estudar as variáveis externas e internas aos indivíduos que levam as mudanças no comportamento em períodos de transição rápida (infância, adolescência e envelhecimento)”.

Para se adquirir mais precisão quanto à Psicologia do Desenvolvimento, foram utilizadas bases metodológicas denominadas “Estudos Longitudinais”, que favorecem o acompanhamento do desenvolvimento dos indivíduos ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que podem controlar as variáveis que afetam o desenvolvimento.

Comitadamente a esse tipo de pesquisa, surge a abordagem do Curso da Vida, que aponta algumas limitações do tipo de pesquisa anterior; pois, para essa abordagem, a longitudinal apenas estuda uma coorte de cada vez, fato que não permite uma amplitude maior do comportamento humano entre as gerações. Defende a necessidade de incluir coortes históricas nos estudos, apontando para a realização de estudos longitudinais de coorte, mais amplos do que a longitudinal tradicional.

Analisando esses fatores metodológicos, consideramos que a definição sobre Psicologia do Desenvolvimento mais completa, no momento, é a apresentada por Mota (2005), ao afirmar que esse campo da psicologia se configura como o estudo – através de metodologia específica, que considera o contexto sócio-histórico – das múltiplas variáveis sejam cognitivas, afetivas, biológicas ou sociais, internas ou externas ao sujeito, que afetam o desenvolvimento do ser humano ao longo da vida.



Observamos, diante do conceito apresentado, que a Psicologia do Desenvolvimento visa contribuir com o conhecimento holístico do ser humano, e por isso tem importantes percursos interdisciplinares.

Diante disso, o campo de estudo dessa área da Psicologia tem três objetivos:

1. Descrever a gênese das condutas psicomotoras, afetivas, cognitivas e sociais, bem como o processo de mudanças dessas condutas ao longo da história de vida do ser humano.
2. Descobrir os fatores, mecanismos e processos que impulsionam o aparecimento das condutas e mudanças vivenciadas pelo ser humano.
3. Estabelecer o período crucial no processo de desenvolvimento.

O primeiro objetivo significa que os estudos realizados ultrapassam

o momento em que o comportamento foi apresentado. Por exemplo, por que sorrimos diante de determinada situação? A resposta a essa pergunta nos direciona ao estudo das emoções, sentimento. Contudo, estará restrito a um corte na vida do sujeito a um momento. Por isso, quando o pesquisador começa a buscar responder às perguntas do tipo: como se origina o sorriso? Que mudanças esse sorriso sofre ao longo da nossa vida? Ele transpõe a barreira do imediatismo e o seu interesse desloca-se para o desenvolvimento do sorriso, das emoções.

Quanto ao segundo objetivo, ao buscar descobrir os fatores responsáveis pela origem das condutas e pelas modificações que passam ao longo da vida, há contribuições de várias teorias, entre elas, as que afirmam que fatores genéticos são responsáveis pelas transformações sofridas ao longo de nossas vidas; já há outra que afirma ser o ambiente quem condiciona o comportamento. Para outros teóricos, o ambiente social influencia no desenvolvimento.

Analisando as diversas teorias apresentadas em relação a esses fatores, os estudiosos da área do desenvolvimento chegaram à conclusão que tanto os fatores genéticos quanto sociais são determinantes no desenvolvimento do ser humano.

Corroborando com essa questão, Cória-Sabini (2008, p. 16) afirma que "as características da primeira relação social, bem como o seu desenvolvimento posterior, são resultados da interação organismo-meio; não são apenas resultantes de aprendizagem (ambientais)".

Por exemplo, quando a criança chora, ou quando pega o nosso dedo, ou outra ação não ensinada, corresponde aos fatores genéticos ou hereditários, pois elas já nascem com uma série de comportamentos e capacidades. Os aspectos sociais surgem para discriminar, significar, ensinar determinados comportamentos; no caso do choro, a criança aprende quando e como chorar.

Outro fator que pode influenciar no desenvolvimento é a maturação, que corresponde ao "processo de diferenciações estruturais e funcionais do organismo, levando a padrões específicos de comportamento. Realiza-se através de etapas que se apresentam na mesma sequência, em todos os indivíduos da espécie, mas a velocidade com que cada um as percorre pode variar."

Fig. 06



Fig. 07

No que tange ao terceiro objetivo, que se refere à identificação de estágios ou fases do desenvolvimento, os resultados das pesquisas realizadas apontam que existem semelhanças no comportamento humano na mesma faixa etária. Tal conclusão desencadeou o uso de nomenclaturas como estágios, fases, idades do homem, entre outras.



A respeito das fases ou estágios ou zonas de desenvolvimento, estudaremos posteriormente e, assim, a compreensão será melhor.



Atenção!

Segundo o dicionário Aurélio, hereditariedade significa: s.f. 1. Qualidade de hereditário. 2. Transmissão dos caracteres físicos ou morais aos descendentes.



Mãos à obra

Para compreender as informações apresentadas nesta aula, vamos descrever, de forma sucinta, os três objetivos da Psicologia do Desenvolvimento. Após a descrição, faça um breve comentário pessoal sobre esses objetivos, apontando até que ponto estes, realmente, contribuem para o conhecimento no campo do desenvolvimento humano.



Um passo a mais

Para mergulharmos um pouco mais no campo da Educação Infantil, pode-se utilizar a seguinte bibliografia:

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005. Neste livro, a autora apresenta as características específicas da Educação Infantil, inclusive as contribuições dos estudos referentes ao desenvolvimento infantil.



Já sei!

Nesta aula, nós conhecemos a gênese da Psicologia do Desenvolvimento, que teve como seu objeto de estudo a criança, que inicialmente era percebida como um mini-adulto. Contudo, essa visão foi transformada em função dos estudos sobre o desenvolvimento, que constatou um diferencial na criança em relação ao adulto.

Quanto às suas características, observamos que estas nos fornecem informações imprescindíveis para nossa prática em sala de aula, pois podemos compreender determinados comportamentos através dos estágios, fases propostas pelas pesquisas realizadas, que serão estudadas no decorrer das demais aulas no campo da Psicologia do Desenvolvimento.



Autoavaliação

Na atualidade, o professor tem vivenciado diversas situações em sala de aula, dentre elas a questão da indisciplina de determinados alunos. Numa percepção psicológica, que fatores influenciam nesse comportamento: hereditários ou sociais? Justifique



Referências

BOCK, Ana Maria; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Psicologia: **Uma introdução ao Estudo da Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2007.

COBRA, Rubem Queiroz - **Educação e Comportamento: Resumos Biográficos. John Watson**. Site COBRA PAGES, www.cobra.pages.nom.br, INTERNET, Brasília, 1997 ("www.geocities.com/cobra_pages" é "Mirror Site" de www.cobra.pages.nom.br).

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do Desenvolvimento**. 2ª ed. São Paulo: 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (Minidicionário Aurélio). **Hereditariedade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MOTA, Márcia Elia. **Psicologia do Desenvolvimento**: uma perspectiva histórica. Revista Temas em Psicologia. Vol. 13. nº 2. p.105-111. Disponível em:<http://www.sbponline.org.br/revista2/vol13n2/PDF/v13n02a04.pdf>. Acessado em: 04.05.2010.

Fonte das Figuras

Fig. 01- <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=1281126>

Fig. 02- <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=931129>

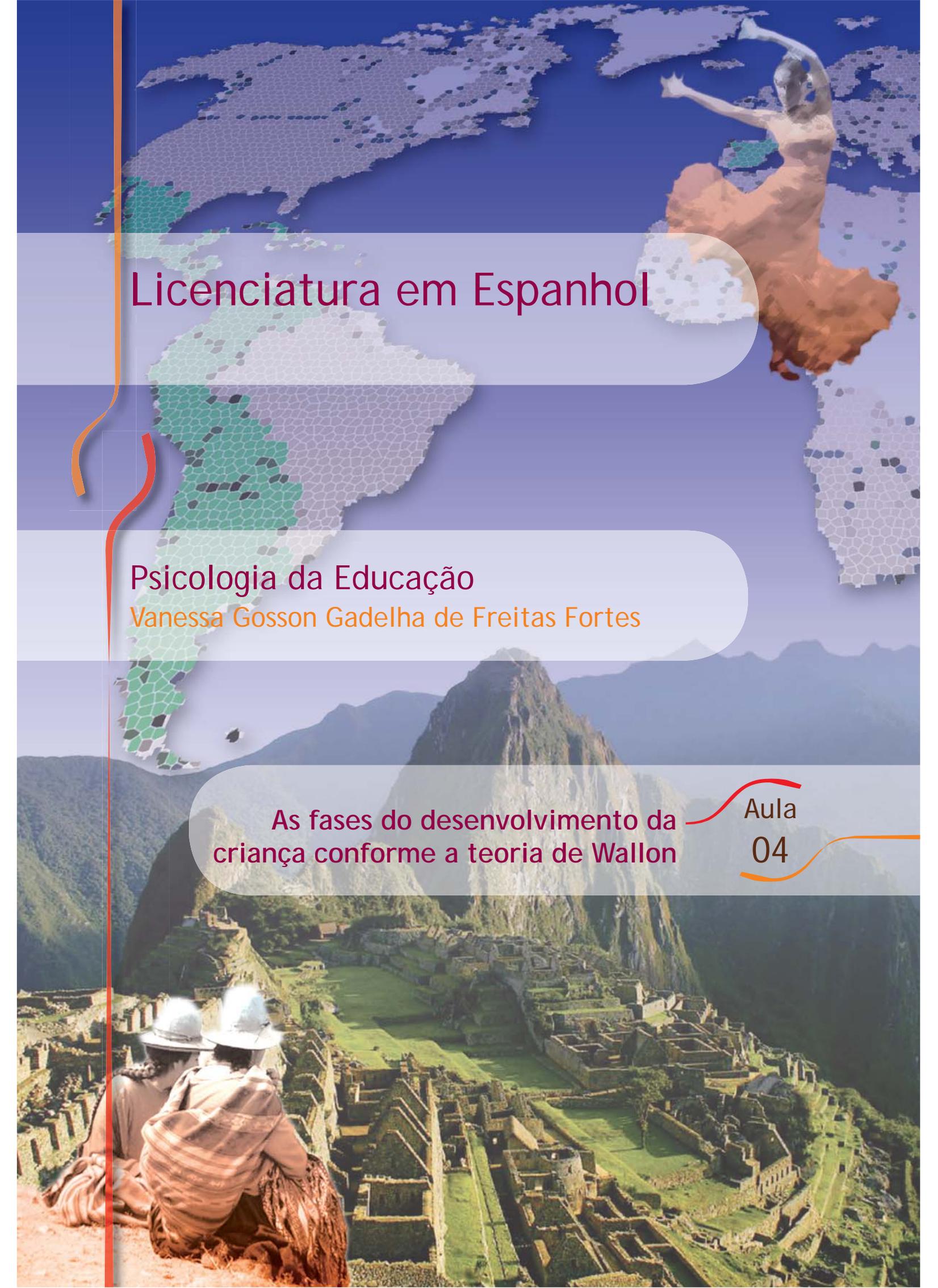
Fig. 03- <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=1186542>

Fig. 04- http://www.littlescholarspreschoolfl.com/images/bigstockphoto_babies_playing_with_toys_2666254_92r7.jpg

Fig. 05- <http://www.ovejaselectricas.es/wp-content/john-b-watson-1-sized.jpg>

Fig. 06- <http://www.hhs.state.ne.us/images/family-multigenerational.jpg>

Fig. 07- <http://www.hiren.info/desktop-wallpapers/babies-pictures/babies-cuties-friends>



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes

As fases do desenvolvimento da
criança conforme a teoria de Wallon

Aula
04

Aula 04

As fases do desenvolvimento da criança conforme a teoria de Wallon



Apresentação e Objetivos

Nesta aula, nós iremos conhecer uma das teorias que mais influenciou a prática na Educação Infantil, principalmente, por apresentar uma teoria bastante complexa no que tange ao desenvolvimento. Estamos nos remetendo às contribuições de Henri Wallon, que têm como foco a questão da psicogênese da pessoa completa, abordando os aspectos, motores, afetivos, sociais.

Assim, os objetivos desta aula serão:

- ▶ Compreender o papel social e individual no desenvolvimento do ser humano.
- ▶ Identificar as características de cada estágio do desenvolvimento proposto por Wallon.





Para começar

Vamos começar a nossa aula refletindo sobre a seguinte citação:

“As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores”.

Cláudio Saltini (apud KRUEGER, p. 1)

Analisando a citação de Saltini, percebemos que a escola tem sido lugar apenas de conteúdos, esquecendo de que os alunos também são pessoas que sentem, que pensam, que são emotivas, criativas, sociais.

Um caso verídico aconteceu numa escola pública em que a professora, nas aulas de educação artística, direcionava as crianças a pintarem a flor com a cor vermelha, o caule marrom e as folhas verdes. As crianças, nesse contexto, tornavam-se dependentes da orientação da docente. Não expressavam suas emoções e nem desenvolviam a sua criatividade.

Uma dessas crianças foi transferida para outra escola, onde a professora estimulava a criatividade. Num determinado dia, foi solicitada a mesma atividade: pintar uma flor. Os alunos começaram a pintar, menos uma delas. A professora curiosa, perguntou por que não tinha começado a fazer a atividade, e a criança respondeu que estava esperando a sua orientação, quanto à cor que deveria pintar a rosa.

Diante disso, que tipo de criança estamos formando?

Fig. 01



A criança é um ser pleno, e precisa ser estimulado para se desenvolver em todos os aspectos. No âmbito dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, existem orientações, tanto no aspecto social, emocional quanto motor e cognitivo.

É nesse sentido que Wallon aponta a necessidade de entendermos a criança, tanto no aspecto biológico como social; percebê-la na sua completude, e não apenas num determinado aspecto.

Vamos ver como Wallon defende as suas ideias quanto ao desenvolvimento?



A nossa aula seguirá o seguinte roteiro: primeiro, vamos conhecer a biografia de Wallon; em seguida, esmiuçaremos a teoria do pesquisador.

Vamos, então, começar?

A Biografia de Henri Wallon¹

Nasceu na França, em 1879 e morreu no ano de 1962. Foi médico, psiquiatra, psicólogo e educador. Viveu no período das duas guerras mundiais (1914-18 e 1939-45).

É importante salientar que depois de terminar o curso de Medicina, Wallon atuou em instituições psiquiátricas, dedicando-se ao atendimento de crianças com deficiência e distúrbios neurológicos.

No período da Segunda Guerra Mundial, Wallon também atuou na Resistência Francesa contra os alemães. Foi perseguido e teve que viver na clandestinidade. Envolveu-se em diversos movimentos contra a exclusão e o autoritarismo, ingressou em partidos da esquerda, liderou ações em prol da liberdade e da cidadania. Ainda nessa fase, atuou como médico no exército francês e teve contato com lesões cerebrais dos ex-combatentes.

Essa experiência fez com que reconsiderasse a sua posição quanto aos aspectos neurológicos que havia erguido durante o trabalho com crianças deficientes.

Em 1925, publica sua tese de doutorado "*A Criança Turbulenta*", dando início a um período de intensa produção de livros voltados para a psicologia da criança. Ainda neste ano, funda o laboratório dedicado à pesquisa e atendimento a infantes, fato que impulsionou o seu estudo sobre a evolução da criança inserida no seu contexto e estreitou os laços com a educação.

Em 1931, viaja para Moscou, e lá é convidado para integrar o Círculo da Rússia Nova, grupo formado por intelectuais que se reuniam com o objetivo de



Fig. 02

¹ Fonte: trechos retirados do Centro de Referência Educacional: consultoria e assessoria em educação. Texto da Internet.

aprofundar o estudo do materialismo dialético² e de examinar as possibilidades oferecidas por esse referencial aos vários campos da ciência.

Outra importante contribuição refere-se ao seu interesse pela educação. Wallon acreditava que existe uma relação recíproca entre a Psicologia e a Pedagogia, pois via a prática pedagógica como campo de estudo da Psicologia e que possibilita uma possível renovação pedagógica.

O interesse de Wallon pela educação trouxe consequências bem expressivas, como o envolvimento em diferentes movimentos relacionados à educação. Nesse contexto, outra importante contribuição foi a sua participação no comitê de reformulação do sistema de ensino da França, em 1944.

Nessa reformulação, Wallon aponta que as escolas deveriam preconizar as características psicológicas dos alunos, favorecendo ao máximo as aptidões individuais e valorizando a formação cidadã dos discentes.

Foi contemporâneo de Fred, Piaget e Vygotsky, e viveu com eles a influência do evolucionismo. Mas, para Wallon, o desenvolvimento infantil estaria inserido num contexto em que as relações interpessoais, históricas e culturais fossem privilegiadas.

Para finalizar, Wallon esteve no Brasil em 1935, e teve como intérprete o sociólogo Gilberto Freyre, e juntos percorreram as escolas e o morro da Mangueira (GUEDES s/d).

Para Guedes (s/d, p. 3),

“conhecer a vinculação de Wallon as questões mais amplas do seu meio social, seu engajamento no contexto político da época, nos permite compreender a visão ampla que ele lançava sobre a realidade. Tal visão é a marca de sua teoria do desenvolvimento humano e de sua atuação como pesquisador, psicólogo e médico.”

Depois desse pequeno passeio na vida de Wallon, vamos agora apresentar, de forma sucinta, a sua teoria.

2 O **materialismo histórico dialético** é uma tese do marxismo, segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social, política e espiritual. É um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas. Disponível em: http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/647.htm. Acessado em: 09/04/2010.

As principais ideias da teoria do desenvolvimento na perspectiva de Henri Wallon

1. A psicogênese da pessoa completa

Henri Wallon, em seus estudos, dedicou-se a pesquisar a psicologia genética. Em outras palavras, buscava entender a origem dos processos psíquicos. Para ele, essa análise se faz necessária, pois a partir do que vem antes, na cronologia das transformações vivenciadas pelo sujeito, permite-nos compreender de modo global a totalidade da vida psíquica, sem agrupá-las em blocos. Nesse contexto, o estudioso defende a observação como método que possibilita ter acesso às informações anteriormente apresentadas.

Para ele, o homem é um ser indissociavelmente biológico e social, e por isso a sua existência se dá entre as exigências do organismo e do meio.

Nessa conjuntura, a formação da inteligência é genética e organicamente social. Nas palavras de Dantas (apud, GUEDES, s/d, p. 4), "o humano é organicamente social e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar."

Considerando que o ser humano se constitui nas suas interações com o meio, Wallon propõe o estudo contextualizado do comportamento infantil, uma vez que, para entender as condutas da criança, é necessário considerar os aspectos do contexto social, familiar, cultural em que está inserida.

Apesar dessa contextualização, Wallon não desconsidera a questão do desenvolvimento em fases, mas sem ser linear, contínuo. Para ele, essas fases sofrem rupturas, retrocessos e são relacionadas ao contexto em que a pessoa vive.

Nas palavras de Wallon (1995, apud GUEDES, s/d, p. 4),

[...] pelo contrário, para quem não separa arbitrariamente comportamento e as condições de existência próprias a cada época do desenvolvimento, cada fase constitui, entre as possibilidades da criança e o meio, um sistema de relações que os faz especificarem-se reciprocamente. O meio não pode ser o mesmo em todas as idades. É composto por tudo aquilo que possibilita os procedimentos de que dispõe a criança para obter a satisfação das necessidades. Mas, por isso mesmo, é o conjunto dos estímulos sobre os quais exerce e se regula a sua atividade. Cada etapa é, ao mesmo tempo, um momento da evolução mental e um tipo de comportamento.

Podemos observar que existe uma relação holística³ entre o biológico, a maturação do indivíduo e o contexto. Por isso, o desenvolvimento humano é visto em conjunto. Wallon destaca a necessidade de se realizar um estudo integrado desse desenvolvimento, já que – como já foi destacado – o ser humano não é algo fragmentado, mas um complexo conjunto de vários elementos (emoção, social, psíquico, motor), e, portanto, não se pode privilegiar um domínio em detrimento dos demais. É por essa razão que a teoria de Wallon é denominada de: **a psicogênese da pessoa completa**.



Atenção!

A educação e a Psicologia da pessoa completa

Para Wallon, o estudo da criança não é um mero instrumento para a compreensão do psiquismo humano, mas também uma maneira de contribuir para a educação. Mais do que um estado provisório, considerava a infância como uma idade única e fecunda, cujo atendimento é tarefa da educação. A preocupação pedagógica é presença forte na psicologia de Wallon, tanto nos escritos em que trata de questões mais propriamente psicológicas - que constituem a maioria - como naqueles em que discute assuntos específicos da pedagogia (GALVÃO, 1995, p. 8).

2. O desenvolvimento: como ocorre?

Como foi dito anteriormente, o desenvolvimento, na perspectiva de Wallon não se constitui numa forma linear. Para ele, esse processo é descontínuo e marcado por contradições, conflitos, resultantes da maturação do organismo e da influência do ambiente.

Para Wallon, os elementos característicos de um determinado momento do desenvolvimento não são exatamente superados por outros, mas podem retornar em outro momento da vida, com novos sentidos, de acordo com as diferentes condições do ser humano.

Não é como vemos em livros sobre o bebê, que falam, por exemplo, na fase escolar, a criança vai estar apta para escrever, depois ler. Segundo Wallon,

³ **holística**: adj. Relativo a holismo, que busca tudo abranger, que é totalizante. Fonte: <http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php?P=Holistico>

o meio vai mediar esse desenvolvimento, fazendo com que essa fase não seja exatamente fixa. Ela pode estar na fase escolar, mas pelo fato de seu ambiente não favorecer à leitura, ela está mais sujeita a ter dificuldade na aquisição da leitura e da escrita.

Destacamos, ainda, que esse meio não é estático e homogêneo, sofre também transformações junto com a criança. Segundo Guedes, a criança, em cada idade, estabelece um tipo específico de interações com o meio, a saber:

Conforme a disponibilidade da idade, a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto, extraindo dele os recursos para o seu desenvolvimento. Este se baseará nas necessidades e competências específicas da criança naquele momento de vida. Essa determinação recíproca entre as condutas das crianças e o seu meio, confere um caráter de relatividade ao processo de desenvolvimento (GUEDES, op. Cit, p. 5).

Apesar desse caráter relativista do desenvolvimento, os fatores orgânicos conferem o aspecto da sequência contínua, fixa, que são observados nas fases de desenvolvimento apresentado por Wallon. Enfatizamos, porém, que essas fases não garantem a homogeneidade quanto ao seu tempo de duração, já que sofrem influência do meio.

Dessa forma, a duração de cada estágio e as correspondentes idades são relativas e variáveis: dependem das características individuais e das condições de existência.

Para entendermos melhor, veremos o que Galvão descreve a respeito do assunto [...]

O mais determinante no início, o biológico vai, progressivamente, cedendo espaço de determinação ao social. Presente desde a aquisição de habilidades motoras básicas, como a preensão e a marcha, a influência do meio social torna-se muito mais decisiva na aquisição de condutas psicológicas superiores, como a inteligência simbólica. É a cultura e a linguagem que fornecem ao pensamento os instrumentos para sua evolução. O simples amadurecimento do sistema nervoso não garante o desenvolvimento de habilidades intelectuais mais complexas. Para que se desenvolvam, precisam interagir com "alimento cultural", isto é, linguagem e conhecimento (GALVÃO, op. Cit, p. 28).

Assim, existe uma relação de interdependência entre o biológico e o social, conforme já estudamos.



Mãos à obra

Antes de continuarmos a nossa aula, vamos fazer uma atividade para por em prática os nossos conhecimentos acerca do estudo realizado até aqui.

1. Realize uma leitura da biografia de Wallon na leitura complementar presente no Moodle, e destaque os pontos principais, apontando aqueles que influenciaram o seu pensamento sobre o desenvolvimento humano.

3. Ritmo e estágios do desenvolvimento

Para Wallon, o ritmo do desenvolvimento – como já vimos anteriormente – é descontínuo, marcado por rupturas, retrocessos, em que cada etapa desse desenvolvimento traz profundas mudanças na maneira de realizar as atividades da fase anterior, ou então, elas podem sobreviver nas etapas posteriores, configurando uma sobreposição, um acréscimo.

Ainda, nesse contexto, o desenvolvimento do ser humano, mais especificamente da criança, é marcado por conflitos, que são de ordem exógena e endógena. Os de ordem exógena se caracterizam por serem “resultantes dos desencontros entre as ações da criança e o ambiente exterior, estruturado pelos adultos e pela cultura” (GALVÃO, op. Cit, p. 29); e os de ordem endógena referem-se aos fatores da maturação nervosa, do próprio biológico, do organismo.

Salientamos, ainda, que Wallon menciona que a passagem de um estágio ou fase para outra não se configura como uma simples ampliação, mas reformulação, uma vez que, com frequência, nos momentos de transposição de uma fase para outra, ocorre uma crise que pode afetar visivelmente o caminho da criança.

Apesar de não pontuar de forma fixa as fases do desenvolvimento, Wallon

destaca um aspecto do desenvolvimento em seus estudos e analisa-os nas demais fases. Por exemplo, ele estuda a questão da emoção; então, ele a analisa nas diferentes fases ou estágios.

Wallon entende que o desenvolvimento da pessoa é uma construção progressiva que ocorre em fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva, em que cada uma dessas fases tem uma tonalidade própria, que é dada pelo “predomínio de um tipo de atividade. As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente” (op. Cit, p. 30). Para entendermos melhor essas proposições, vamos apresentar as fases do desenvolvimento propostas por Wallon.

São cinco os estágios ou fases propostas por Wallon, cada uma com sua especificidade.

O primeiro estágio é denominado de “**Impulsivo-emocional**”, que corresponde ao primeiro ano de vida. As emoções se constituem como instrumento privilegiado da interação da criança com o meio. A afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas ao seu redor, intermediando às suas relações com o mundo físico.



Fig. 03

Fig. 04



O segundo estágio corresponde ao **sensório-motor projetivo**, que se prolonga até o terceiro ano. Nesse período, o interesse da criança está voltado para a exploração do mundo físico. A aquisição da marcha e da preensão possibilita à criança maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração dos espaços. Também, nesse estágio, ocorre o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. Para Wallon, “o ato mental se desenvolve a partir do ato motor”.

O terceiro estágio é o do “**personalismo**”, que cobre a faixa dos três aos seis anos de idade. O aspecto central é o processo de formação da personalidade. A criança começa a ter consciência de si a partir das interações sociais que estabelece com o meio, como também, ocorre a re-orientação do interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas.

O penúltimo estágio é o **categorial**, que se inicia em torno dos seis anos de idade. Nesse momento, o interesse da criança recai para o conhecimento e conquista do mundo exterior, devido ao seu progresso intelectual.



Fig. 05

Fig. 06



O último estágio corresponde ao da **adolescência**, quando se inicia a crise da puberdade, que impõe novos contornos à personalidade devido à própria transformação hormonal. Nesse momento, são trazidas à tona questões morais, pessoais, existenciais, retomando a predominância da afetividade.

No campo da afetividade, nessas fases, há, segundo Galvão (1995),

no primeiro estágio da psicogênese, uma afetividade impulsiva, emocional, que se nutre pelo olhar, pelo contato físico e se expressa em gestos, mímica e posturas. A afetividade do personalismo já é diferente, pois incorpora os recursos intelectuais (notadamente a linguagem) desenvolvidos ao longo do estágio sensório-motor e projetivo. É uma afetividade simbólica, que se exprime por palavras e ideias e que por esta via pode ser nutrida. A troca afetiva, a partir desta integração pode se dar à distância, deixa de ser indispensável a presença física das pessoas. Em seguida, integrando os progressos intelectuais realizados no estágio categorial, a afetividade torna-se cada vez mais racionalizada - os sentimentos são elaborados no plano mental, os jovens teorizam sobre suas relações afetivas (GALVÃO, 1995, p. 32).

4. Outros conceitos importantes

As ideias de Wallon tiveram por base quatro elementos básicos que estão a todo tempo em comunicação: afetividade, emoções, movimento e formação do eu.

No campo da afetividade, Wallon destaca que esta possui papel fundamental no desenvolvimento da pessoa, pois é por meio dela que o ser humano demonstra seus desejos e vontades. As transformações fisiológicas da criança revelam importantes traços de caráter e personalidade.

Quanto às emoções, elas são predominantemente orgânicas, e ajudam o ser humano a se conhecer. A raiva, o medo, a tristeza, a alegria e os sentimentos mais profundos possuem uma função de grande relevância no relacionamento da criança com o meio.

O movimento tem um caráter pedagógico, tanto pela qualidade do gesto e do movimento, quanto pela maneira com que ele é representado. A escola, ao insistir em manter a criança imobilizada, acaba por limitar o fluir de fatores necessários e importantes para o desenvolvimento completo da pessoa.

A formação do eu depende essencialmente do outro. Com maior ênfase a partir do momento em que a criança começa a vivenciar a 'crise de oposição', na qual a negação do outro funciona como uma espécie de instrumento de descoberta de si própria. Isso acontece mais ou menos em torno dos três anos, quando é a hora de saber quem 'eu' sou. Imitação, manipulação e sedução, em relação ao outro, são características comuns nessa fase.



Atenção!

Pensamento, Linguagem e Conhecimento

Segundo Wallon, a linguagem é o instrumento e o suporte indispensável aos progressos do pensamento. Entre pensamento e linguagem existe uma relação de reciprocidade: a linguagem exprime o pensamento, ao mesmo tempo em que age como estruturadora do mesmo. Conferindo grande importância ao binômio pensamento/ linguagem, Wallon elegeu, como objeto privilegiado de seu estudo sobre a inteligência, o pensamento discursivo (verbal). É muito grande o impacto da linguagem sobre o desenvolvimento do pensamento e da atividade global da criança. Com a posse desse instrumento, a criança deixa de reagir somente àquilo que se impõe concretamente a sua percepção; descolando-se das ocupações ou solicitações do instante presente, sua atividade passa a comportar adiamentos, reservas para o futuro, projetos. A aquisição da linguagem representa, assim, uma mudança radical na forma de a criança se relacionar com o mundo (GALVÃO, 1995, p. 54).

Finalizamos a nossa aula com a frase de Henri Wallon:

"O ser humano é organicamente social e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar" (DANTAS, 1992).



Mãos à obra

Partindo do que foi exposto sobre Wallon, faça um resumo a respeito das ideias propostas pelo médico no que tange ao desenvolvimento.



Um passo a mais

Para aprofundar o estudo sobre a teoria de Henri Wallon, sugerimos o livro de:

DANTAS, Pedro da Silva. **Para conhecer Wallon:** uma psicologia dialética. São Paulo, Brasiliense, 1983.

Nesse livro, o autor apresenta as linhas principais da teoria de Wallon, relacionando-a a outras tendências da Filosofia e Psicologia. Traz ainda, uma detalhada biografia do autor.



Já sei!

Estudamos, nesta aula, que Henri Wallon trouxe contribuições no campo do desenvolvimento, uma vez que não concebe o indivíduo de forma fragmentada, por isso, estudou-o de forma dialética, holisticamente. Defendeu a influência do meio no processo de desenvolvimento do ser humano. Apesar de ter apresentado estágios pelos quais o desenvolvimento passa, Wallon defende a descontinuidade de tais estágios.



Autoavaliação

Faça uma pesquisa em jornais, revistas, sites da internet acerca de temas referentes ao desenvolvimento das crianças e compare-os com a teoria de Wallon, apontando as diferenças e semelhanças.



GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ; Vozes, 1995. - (Educação e conhecimento).

GUEDES, Adriane Ogêda. **A psicogênese da pessoa completa de Henri Wallon**: desenvolvimento da comunicação humana nos seus primórdios. Disponível em http://www.museudainfancia.unesc.net/memoria/expo_escolares/GUEDES_psicogênese.pdf. Acessado em: 05.02.2010.

LIMA, Marcos Epifaneo Barbosa; NETO, Marcos Soares. Materialismo Histórico: pra quê? Disponível em http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/647.htm. Acessado em: 09/04/2010.

NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. A criança concreta, completa e contextualizada: a Psicologia de Henri Wallon. IN: CARRARA, Kester (org). **Introdução à Psicologia da Educação**: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação).

Fonte das figuras

Fig. 01- <http://www.nesam.in/images/ChildrenPainting.jpg>

Fig. 02-http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e2/Henri_Wallon.jpg

Fig. 03- http://www.centreforattachment.com/cfa_images/parents_and_newborn.jpg

Fig. 04- http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a5/Children_marbles.jpg

Fig. 05- <http://www.tcs.k12.nc.us/86110716155736647/lib/86110716155736647/Mother%20daughter%20reading.jpg>

Fig. 06- <http://wakecounty.files.wordpress.com/2007/08/j04285192.jpg>



Licenciatura em Espanhol



Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes



As fases do desenvolvimento da
criança conforme a teoria de Piaget

Aula
05

Aula 05

As fases do desenvolvimento da criança conforme a teoria de Piaget

Apresentação e Objetivos



Na aula anterior vimos que Wallon nos trouxe importantes informações do desenvolvimento da pessoa completa. Já nesta aula, aprenderemos outro aspecto do desenvolvimento: a inteligência que foi o campo de estudo do biólogo Piaget. Assim, os objetivos de nossa aula serão:

- ▶ Conhecer os principais conceitos de desenvolvimento na perspectiva de Piaget.
- ▶ Compreender os estágios de desenvolvimento da criança.





Para começar

Fig. 01



Ao observarmos a figura, vemos um momento que é único para os pais: o seu bebê começa a pegar as coisas para colocá-las na boca. Antes, essa pequena pessoa dependia de outra pessoa para pegar na mamadeira; agora, ela já utiliza as próprias mãos para pegar os objetos. Com o passar dos anos, ela come sozinha, anda, fala, entre outras ações. Observando essa evolução da criança, Piaget pesquisou o processo de inteligência, de evolução do

conhecimento pela criança, que possibilita avançar para outros estágios em sua vida.

Vamos agora estudar, um pouco, sobre a teoria de Piaget que foi denominada de Epistemologia Genética.

O roteiro desta aula será o seguinte:

1. Biografia de Piaget
2. A Teoria Epistemológica
3. As fases do desenvolvimento



Assim é

Vamos, então, começar o nosso passeio na vida e teoria de Piaget!

1. Biografia

Piaget nasceu em Neuchâtel – Suíça - no dia 9 de agosto de 1896 e faleceu em Genebra em 17 de setembro de 1980. Estudou a evolução do pensamento até a adolescência, procurando entender os mecanismos mentais que o indivíduo utiliza para apreender o mundo. Ele investigou o processo de construção do conhecimento. Todavia, nos últimos anos de sua vida, centrou seus estudos no pensamento lógico-matemático.

Em vida, publicou vários artigos na área da biologia. O primeiro foi escrito quando tinha onze anos de idade. Quando adolescente, estudou sobre assuntos referentes à filosofia, lógica e religião; fatos que o impulsionaram ao estudo da epistemologia enquanto ramo da filosofia, relacionado com o estudo do conhecimento.

Fig. 02



Licenciou-se em Ciências Naturais na Universidade de Neuchâtel em 1915 e, três anos mais tarde, doutorou-se. A sua tese foi sobre os moluscos numa região da Suíça. Tal formação possibilitou a compreensão do organismo (organização lógica). Fundamentou a sua teoria em estudos relacionados à biologia e filosofia, posteriormente com a psicologia experimental, tendo por base os testes de inteligência.

O caminho profissional de Piaget é longo e extremamente produtivo: foi professor de filosofia, psicologia e sociologia, desenvolveu pesquisas sobre a lógica do pensamento da criança, foi diretor de departamento, e, além disso, produziu uma vasta bibliografia que envolve artigos e livros, que explicitam o processo de desenvolvimento do pensamento.

Dentre os livros publicados, os que se destacam são: *Linguagem e o pensamento da criança* escrito em 1923; *O juízo e o Raciocínio da Criança* (1924); *A Representação do Mundo da Criança* (1924) e *O Julgamento Moral da Criança* (1932); *Psicologia da Inteligência* (1958); *O Nascimento da Inteligência na Criança* (1970); *Da Lógica da Criança à Lógica do Adolescente* (1976), dentre outras obras.

2. Teoria da Epistemologia Genética

2.1 Alguns procedimentos metodológicos utilizados por Piaget

Piaget como biólogo, utilizou muito os conceitos dessa área para a sua teoria, visando à compreensão da aquisição do conhecimento, o desenvolvimento da inteligência no ser humano.

Em sua pesquisa, Piaget realizava testes de inteligência, e averiguou que as soluções propostas pelas crianças, nos exercícios, tinham o mesmo resultado: erros idênticos em determinadas atividades. Diante disso, considerou que a lógica das crianças é qualitativamente diferente da lógica adulta.

Concluiu, ainda, que existia, também, a falta de padronização de respostas dadas pelas crianças durante esses testes, e por isso os desconsiderou e buscou novos caminhos para a compreensão da inteligência, como o método experimental e o de interrogação clínica, inspirado em Freud e Jung.

No desenvolvimento da pesquisa, identificou que a lógica não é inata, mas trata-se de um fenômeno que se desenvolve gradativamente.

Diante desse resultado, Piaget buscou compreender a gênese do conhecimento através do *desenvolvimento cognitivo da criança*. E, nesse sentido, apresenta teorias que vão de encontro às teorias behavioristas, gestaltistas e psicanalistas.

Quanto aos behavioristas, Piaget afirma que estes desconsideram a simbolização humana, e que para esses teóricos, o conhecimento era resultado das experiências e por isso, só estudavam os produtos da aprendizagem, sem se deterem ao processo.

Já em relação aos gestaltistas, mesmo com algumas compreensões convergentes, pois também acredita que o comportamento não é mero resultado do estímulo e resposta, mas sim, que envolve a interpretação das sensações, dos estímulos provenientes do meio. Piaget diverge dos gestaltistas, no que diz respeito ao conhecimento.

Aos psicanalistas, questionou a ênfase dada aos processos conscientes, apontando o papel fundamental do inconsciente na compreensão e desenvolvimento da personalidade humana.

De uma forma geral, ao questionar as tendências da psicologia, que ora inatista - já que enfatiza o aspecto endógeno, cujo ambiente tem um papel ínfimo sobre a trajetória do ser humano; ora positivista - que propunha estudar a Psicologia com exatidão e explicar, por causalidade, os fenômenos psíquicos elementares, Piaget cria um novo método de estudo do comportamento humano, que denominou de clínico-experimental.

O método Piagetiano consiste em compreender como indivíduo formula suas apreensões sobre o mundo que o cerca, como resolve os problemas, como explica os fenômenos naturais. Para tanto, utilizava o diálogo não padronizado, ou seja, sem um roteiro previamente estabelecido a ser seguido; fato que permitia obter respostas mais reais do pensamento infantil.

Nesse caminhar, Piaget constrói a sua teoria psicogenética, buscando estudar a gênese do conhecimento humano.

O fascínio de Piaget por essa epistemologia (filosofia) deve-se ao fato de que um dos grandes temas é saber como se passa de um estado de menor de conhecimento para um estado de maior conhecimento.

Assim, o problema epistemológico que despertou a atenção de Piaget, conforme Cunha (2003), "diz respeito a como se passa de um tipo de conhecimento a outro, como se transita de um estado em que a afirmação só é possível mediante a manipulação de laranjas, casas etc, a um estado em que os enunciados estão além disso" (CUNHA, 2003, p. 70). Por essa razão, ele denomina a sua teoria de Epistemologia Genética.

Quanto ao termo *genética*, usado para denominar a sua teoria, este não se remete à questão hereditária, mas sim ao modo de abordagem do objeto de estudo, desde seu estado elementar até o estado mais adiantado.

Ao finalizar a justificativa para a denominação de sua teoria em Epistemologia Genética, Piaget (1978, p. 14 apud PALANGANA, 2001, p. 17) afirma que "Epistemologia é a teoria do conhecimento válida, mesmo que esse conhecimento não seja jamais um estado e constitua sempre um processo, esse processo é essencialmente a passagem de uma validade menor para uma validade superior".

3. Conhecendo os pressupostos da teoria do desenvolvimento de Piaget

Piaget compreende o processo de desenvolvimento como direcional, ou seja, que ocorre em estágios. Para ele, a inteligência se constitui como uma estrutura biológica, e por isso tem a função de adaptar o organismo aos requisitos do meio. Essa adaptação acontece sob dois processos complementares: a assimilação e a acomodação.

A assimilação "é o processo de incorporação dos desafios do meio aos esquemas mentais existentes. Já a acomodação é processo de criação ou mudança de esquemas mentais em consequência da necessidade de assimilar os desafios ou informações do meio" (CÓRIA-SABINI, 2001, p. 32).

Para entendermos melhor esses processos presentes no desenvolvimento cognitivo do ser humano, vamos exemplificá-los. Começamos, então, com uma criança que a princípio, o seu esquema é o de preensão, o qual é inato e reflexo. Isso é percebido quando, ao colocarmos o nosso dedo na mão do bebê, ele automaticamente fecha a mão, prensando-o.

Com o tempo, ele começa a explorar os objetos ao seu redor, exercitando o seu esquema de apreensão, e assim assimila as características do objeto, percebe que uns são mais largos, outros mais longos, e que o seu esquema de apreensão não possibilita o alcance desses objetos. Então, ela muda a sua ação e realiza o movimento de pinça. Tal aspecto é resultante da acomodação, e é possível através da assimilação do meio.

A evolução da inteligência ocorre pelo processo de equilíbrio, que significa o equilíbrio das informações novas através da assimilação e acomodação.

Veremos como esse processo de equilíbrio acontece: durante o processo de assimilação e acomodação ocorre o desequilíbrio, pois as novas informações assimiladas estão sendo acomodadas, possibilitando o nascimento de outros esquemas. Até o esquema novo ser acomodado, estamos no processo de desequilíbrio, mas quando o esquema se acomoda às estruturas da inteligência, entramos então no processo de equilíbrio.



Atenção!

ESQUEMA: "definidos enquanto estratégias de ação generalizáveis, que correspondem, no comportamento, às estruturas biológicas, transformam-se constantemente, evoluindo desde os esquemas primários – que derivam diretamente do exercício reflexo – até os padrões interiorizados de pensamento ou esquemas operatórios" (PALANGANA, 2001, p. 20).



Responda à questão:

1. Para Piaget, o que vem a ser esquema, assimilação e acomodação? Cite exemplos.

4. Os estágios do desenvolvimento

Piaget defende que o desenvolvimento da inteligência passa por estágios, e que todos passam por eles. Contudo, o início e o término de cada estágio dependem das características biológicas do indivíduo e dos fatores externos, como a educação e o fator social. Por essa razão, a faixa etária apresentada em cada estágio é apenas uma referência; não há rigidez.

Os estágios defendidos por Piaget são:

- a) **Sensório-motor (0 a 2 anos)**
- b) **Pré-operatório (2 a 7 anos)**
- c) **Operatório Concreto (7 a 11 ou 12 anos)**
- d) **Operatório Formal (11 ou 12 anos em diante)**

Vamos estudar, agora, cada um dos estágios!

4.1 Estágio Sensório-motor (0 a 2 anos)

Este estágio é o que chamamos do uso da inteligência prática.

Piaget denomina de Sensório-motor porque [...] “à falta da função simbólica, o bebê ainda não apresenta pensamento nem afetividade ligados a representações, que permitam evocar pessoas ou objetos na ausência deles” (PIAGET E INHLEDER, 1986, p.11 apud PALANGANA, 2001, p.24).

Fig. 03



Todas as conquistas realizadas pela criança acontecem através da percepção, dos movimentos, da exploração do universo que a cerca. Por essa razão, a inteligência é prática.

Quanto ao bebê, a vida mental está relacionada com os reflexos, como a sucção, melhorando com o exercício diário. Vemos esse fato na amamentação, pois assim que é colocado junto ao seio da mãe, ele já começa a sugar o leite e, nessa ação, o bebê com mais idade já faz melhor do que quando ele tinha menos idade.

Por volta dos cinco meses, a criança é capaz de pegar objetos, uma vez que ela já consegue coordenar os seus movimentos dos olhos e das mãos.

No final do período, ela já utiliza um instrumento para pegar algum objeto do seu desejo. Por exemplo, ela puxa a toalha da mesa para pegar o biscoito ou a mamadeira. Novamente, ela está usando a inteligência prática, que envolve a percepção e os movimentos.

Ainda nesse estágio, o desenvolvimento físico é acelerado, proporcionando o aparecimento de novas habilidades como sentar, andar, o que possibilita uma exploração maior do ambiente e, conseqüentemente, o aparecimento de novos esquemas.

Ao longo desse estágio, a criança vai diferenciando – progressivamente – o seu eu e o mundo exterior. Se no início o mundo girava em torno de si mesma, ou seja, era a continuação do seu corpo, agora ela consegue se localizar como um elemento entre outros no seu ambiente.

Um exemplo bem claro do que dissemos é quando, antes de um ano de idade, tiramos um brinquedo do campo de visão da criança. Ela não vai procurá-lo, pois não compreende que o objeto não está mais ali. Mas, se com um ano de idade, fizermos a mesma ação, ela já vai procurar o objeto, pois compreende que, mesmo não percebendo o objeto, ele continua a existir, e por isso permanece pedindo-o.

Assim, num tempo curto desse período, mais ou menos por volta dos dois anos de idade, a criança evoluiu de uma atitude passiva para uma ativa e participativa em relação ao mundo. A interação no ambiente dar-se por imitação das regras e até mesmo da fala, embora compreenda algumas palavras.

Em suma, “pode-se dizer que, ao longo dos primeiros dois anos de vida a criança diferencia o que é dela do que é do mundo, adquire noção de causalidade, espaço e tempo, interage com o meio demonstrando uma inteligência fundamentalmente prática, caracterizada por uma intencionalidade e certa plasticidade. Ainda que essa conduta

inteligente seja essencialmente prática, é ela que organiza e constrói as grandes categorias de ação que vão servir de base para todas as futuras construções cognitivas que a criança empreenderá” (PALANGANA, 2001, p. 25).

4.2 Estágio Pré-operatório (2 a 7 anos)

Este estágio é bem diferente do anterior. O desenvolvimento da capacidade simbólica está presente de duas formas: a linguagem e o jogo simbólico.

Através da linguagem, a criança antecipa o que vai fazer, ou seja, planeja verbalmente suas ações. Portanto, o desenvolvimento do pensamento eclode.

Ela não depende somente e unicamente das percepções, sensações e movimentos. Utiliza os esquemas representativos, podendo assim distinguir entre a imagem, a palavra ou símbolo (significante) do objeto a que se refere (significado). Em outras palavras, ela compreende que a palavra maçã, significa o fruto que ela gosta de comer, sem que o objeto necessite estar presente no seu campo de visão.

Apesar dessa capacidade, ela ainda não tem um dos fatores essenciais referente ao desenvolvimento cognitivo: a reversibilidade, ou seja, não consegue “desfazer o raciocínio, no sentido de retornar do resultado ao ponto inicial” (PALANGANA, 2001, p. 25).

Além dessas características, a criança percebe o mundo sob a sua própria ótica, não imagina que existam outras possibilidades; fato que foi denominado por Piaget de **conduta egocêntrica** ou **autocentrada**. Um exemplo disso ocorre quando você pergunta à criança, quem está mais errado: aquele que quebrou um copo querendo ou aquele que quebrou dez copos sem querer. Sob a ótica dela, aquele que quebrou dez copos (maior quantidade) sem querer é mais errado.

Palangana (200, op. Cit.) apresenta ainda, outras peculiaridades presentes nesse estágio, que são:

- ▶ Raciocínio indutivo: se ela fica sabendo que a banana verde ocasiona dor de barriga, logo toda fruta de cor verde também pode provocar mal-estar.
- ▶ Pensamento artificialista: a criança atribui aos humanos a capacidade de interferir nos fenômenos naturais: quem faz chover ou não é o meu pai.

Fig. 04



Fig. 05



- ▶ Antropomorfismo: atribuição de características humanas a animais ou objetos. Como exemplo, temos os desenhos animados, em que os objetos e os animais falam.
- ▶ Animismo: atribui vida a seres inanimados. Por exemplo: a mesa é má e por isso pode me machucar.
- ▶ O realismo intelectual em detrimento da perspectiva visual: a criança desenha a pessoa vestida e coloca o umbigo.

No que tange à afetividade, os sentimentos interindividuais estão presentes, ou seja, a criança respeita os sujeitos que julga serem superiores a ela.

Salientamos também, que a maturação do sistema neurofisiológico torna-se completo, possibilitando o aparecimento de novos esquemas, como pegar pequenos objetos com as pontas dos dedos, segurar o lápis corretamente e realizar o movimento necessário para escrever.

4.3 Estágio Operatório Concreto (7 a 11 ou 12 anos)

Este estágio é denominado de Operatório Concreto, pois a criança ainda não consegue trabalhar com enunciados verbais; ela ainda está presa a realidade concreta. Por exemplo, para a criança compreender o conceito de adição, utilizamos questões práticas da vida cotidiana, como: mamãe comprou duas maçãs, depois comprou mais três. Quantas ela comprou ao total? Se trabalharmos com perguntas mais complexas que exigem abstrações maiores, a criança possivelmente terá dificuldades. Por essa razão, muitas práticas pedagógicas utilizam material concreto para explicar determinados conteúdos. Ela compreende o que está presente; não faz conjecturas.

Fig. 06

Apresenta ainda, a tendência em socializar a forma de pensar e entender o mundo que a cerca, evoluindo de um aspecto egocêntrico (apenas sob a sua própria perspectiva) para uma configuração mais socializada, em que as regras e as leis são comuns a todos.



Nesse momento, o pensamento lógico se apresenta, e a criança não apenas procura entender o raciocínio do pensamento do outro, mas busca fazer-se entender em relação aos seus pensamentos, de modo que sejam aceitos; fato que não acontecia no estágio anterior, pois a criança não estava preocupada se o seu pensamento não era compreendido pelo outro.

A reversibilidade e a conservação fazem parte do desenvolvimento cognitivo dessa fase. A conservação se manifesta quando a criança já apresenta esta reversibilidade, como por exemplo, ela tem a consciência de que a quantidade de água que é derramada de um copo baixo para um copo alto é conservada, ou seja, é a mesma.

Existem outros aspectos presentes nesse estágio, como:

- ▶ Abandono do pensamento fantasioso;
- ▶ Estabelecimento de relações entre causa e efeito, e meio e fim;
- ▶ Aquisição da capacidade de sequenciar ideias ou eventos;
- ▶ Aparecimento da vontade;
- ▶ Autonomia: cresce em relação ao adulto, passando a organizar os seus próprios valores;
- ▶ A cooperação também se faz presente. (BOOK, FURTADO, TEIXEIRA, 2007; PALANGANA, 2001).

4.4 Estágio Operatório Formal (11 ou 12 anos em diante)

Neste estágio, acontece a passagem do pensamento concreto para o abstrato, ou seja, o adolescente é capaz de abstrair e generalizar, de lidar com conceitos como liberdade, justiça, de formular hipóteses e testá-las e o raciocínio passa do indutivo para o hipotético-dedutivo.

Quanto ao aspecto social, o adolescente passa por uma fase de interiorização, o que aparentemente traz uma conotação de anti-social. Ele se afasta da família, não aceita os conselhos dos adultos. Entretanto, tudo isso é apenas para mascarar o verdadeiro alvo de suas críticas: a sociedade.

No campo da afetividade, o adolescente vive em conflitos, pois deseja ser independente dos adultos, mas ao mesmo tempo ainda depende deles. Deseja ser aceito, tanto pelos adultos quanto pelos amigos.

O adolescente vive um período de mudanças que findarão quando ingressar no mundo adulto.

Finalizamos este tópico sobre os estágios do desenvolvimento apresentando a consideração de Piaget (1986, p. 129 apud PALANGANA, 2001, p. 30) quanto a essa evolução mental:



“com sucessão de três grandes construções, cada uma das quais prolonga a anterior, reconstruindo-a primeiro num plano novo para ultrapassá-la em seguida, cada vez mais amplamente. Isto já é verdadeiro em relação à primeira, pois a construção dos esquemas sensório-motores prolonga e ultrapassa a das estruturas orgânicas num curso da embriogenia. Depois, a construção das relações semióticas, do pensamento e das conexões interindividuais interioriza os esquemas de ação, reconstruindo-os novo plano de representação e das estruturas de cooperação. Enfim, desde o nível de 11-12 anos, o pensamento formal nascente reestrutura as operações concretas, subordinando-as a estruturas novas, cujo desdobramento se prolongará durante a adolescência e toda a vida ulterior (com muitas transformações ainda).”



Mãos à obra

Faça um quadro com os estágios propostos por Piaget, destacando as principais características.



Um passo a mais

Para aprofundar o conhecimento referente à teoria de Piaget, indicamos os seguintes livros:

CARRARA, Kester (org). **Introdução à Psicologia da Educação**: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004. Neste livro, os autores detalham sobre a teoria psicogenética, bem como expõem a sua contribuição na área da educação.

CUNHA, Marcus Vinicius. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. Neste livro, através de uma linguagem acessível, o autor apresenta as principais ideias da teoria piagetiana.

Já sei!



Aprendemos, nesta aula, que Piaget estudou como ocorre o desenvolvimento da inteligência. Vimos que ele defende que esse desenvolvimento passa por estágios e que todos perpassaram por eles, mas o início e o fim não são fixos, por isso a idade cronológica apresentada em cada estágio é apenas a título de referência.

Os estágios são:

- a) Sensório-motor (0 a 2 anos):** através da percepção e movimentos a criança tem acesso ao mundo que a cerca.
- b) Pré-operatório (2 a 7 anos):** aparecimento da linguagem, o desenvolvimento do pensamento acelera, sentimentos interindividuais.
- c) Operatório Concreto (7 a 11 ou 12 anos):** início da construção lógica, relações de causa e efeito.
- d) Operatório Formal (11 ou 12 anos em diante):** reflexão, fase de interiorização.

Autoavaliação



Elabore um resumo contendo informações sobre o que você sabia sobre Piaget e sobre o que você aprendeu após o estudo desta aula, detalhando esse conhecimento obtido.



Referências

BOCK, Ana Maria; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologia: Uma introdução ao Estudo da Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2007.

CUNHA, Marcus Vinicius. **Psicologia da Educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. (Coleção O que você precisa saber sobre...)

PALANGANA, Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygostsky: a relevância social**. 5^a. São Paulo: Summus, 2001.

SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 2008.

Fonte das figuras

Fig.01 - http://i.telegraph.co.uk/telegraph/multimedia/archive/01010/child-breakfast_1010424c.jpg

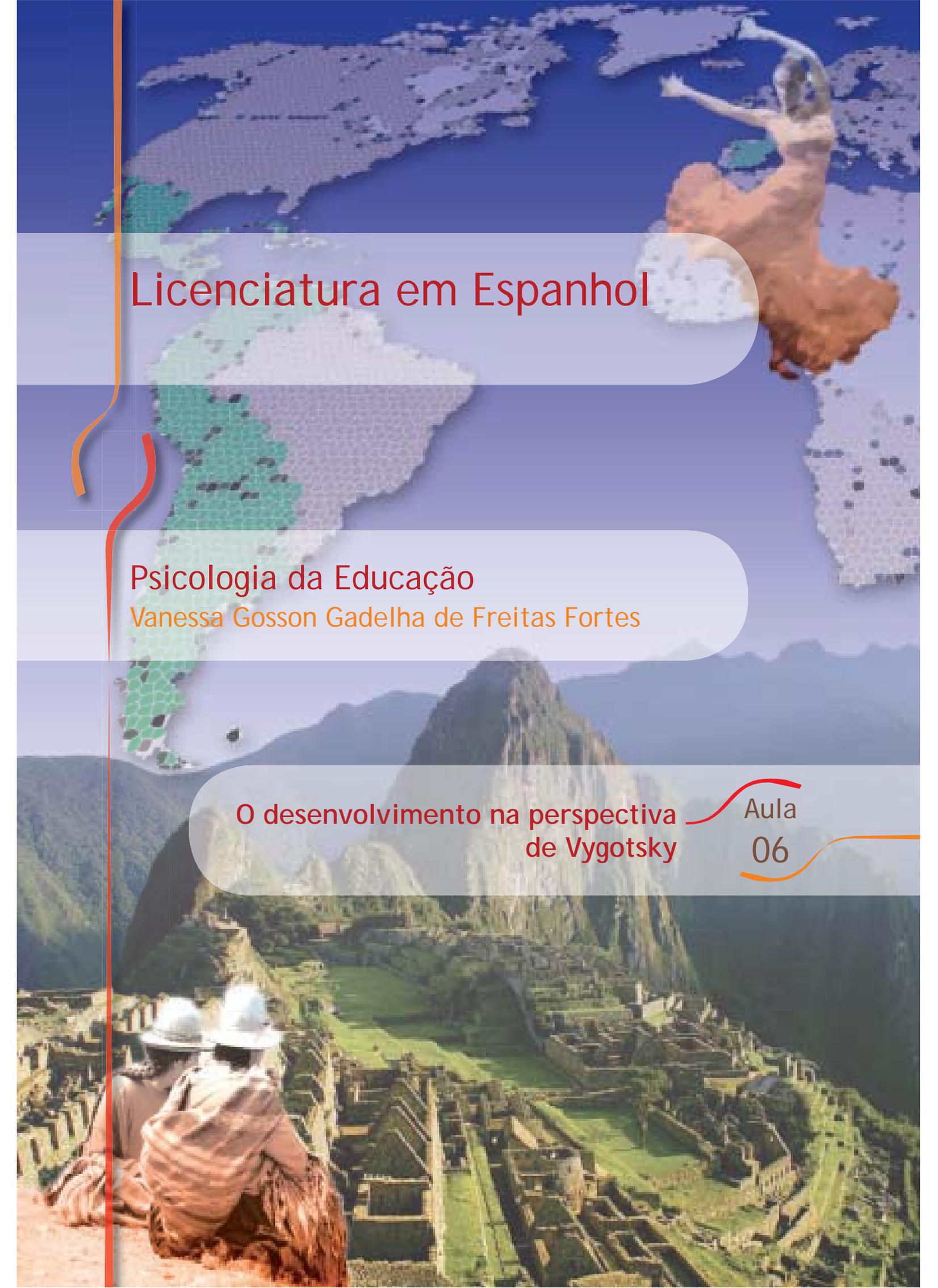
Fig.02 - http://1.bp.blogspot.com/_e9dRqFHRdzY/S1ZxSkDiQkI/AAAAAAAAAU/1WLYkdNIUxg/S755/JeanPiaget.jpg

Fig.03 - <http://thefastertimes.com/nonsensenews/files/2009/12/babies.jpg>

Fig.04 - <http://www.articlesextra.com/sale-fotos/girls-dirndl-austria-2.jpg>

Fig.05 - http://www.3dmd.net/forum/files/bee_movie_109.jpg

Fig.06 - http://www.airquality.dli.mlsi.gov.cy/Images/Articles/Kids_corner/kids_playing.jpg



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes

O desenvolvimento na perspectiva
de Vygotsky

Aula
06

Apresentação e Objetivos



Ao longo desta unidade, estamos estudando sobre o desenvolvimento do ser humano. Muitos foram os teóricos que trouxeram contribuições nessa área, entre eles, destaca-se o autor soviético Lev Semenovch Vygotsky, que preconiza o papel da cultura, do social no processo de desenvolvimento do indivíduo. Esse desenvolvimento, para o teórico, ocorreria na relação ativa do homem com o meio, agindo sobre o mundo que o cerca, sob a mediação do outro.

Esta aula tem como objetivos:

- ▶ Conhecer os principais conceitos de desenvolvimento na perspectiva de Vygotsky.
- ▶ Compreender as zonas de desenvolvimento da criança.





Para começar

Nas conversas dos adultos vários pontos são debatidos, dentre eles, a educação dos nossos filhos ou o comportamento dos filhos de outras pessoas. Entre os professores, apresentamos argumento sobre o mau comportamento dos alunos, e uma das hipóteses levantadas é a ausência da família no tocante à falta de ações disciplinares dos pais em relação aos filhos. De uma forma geral, o outro se torna responsável pelo comportamento dos mais jovens.

Existem, ainda, outros argumentos na tentativa de “justificar” o comportamento de determinadas pessoas, como o ingresso precoce na bebida. Uma das explicações apontadas é o ambiente em que a pessoa se encontra. Se conviver em um contexto em que todos bebem, há uma tendência para o jovem beber muito mais cedo, ou então por influência dos amigos, da televisão.

Mais uma vez o meio intervém no comportamento do ser humano. Mas será que essas hipóteses são reais?

Vamos descobrir como o outro influencia no comportamento do ser humano?



Assim é

Iniciaremos a nossa aula com a biografia de Vygotsky para entendermos as suas ideias no campo do desenvolvimento.

Biografia

Fig. 01



Lev Semynovytch Vygotsky nasceu em 5 de novembro de 1896, em Orsha, uma pequena cidade da Rússia Ocidental. Faleceu em 1934, com 37 anos de idade, devido a tuberculose.

Em 1917, Vygotsky se graduou em Literatura na Universidade de Moscou e logo iniciou a sua pesquisa literária. Durante os anos de 1917 a 1923 lecionou Literatura e Psicologia em Gomel¹ e realizou várias palestras sobre Literatura e Ciência.

Ele criou o laboratório de Psicologia no Instituto de Treinamento de Professores, onde lecionava Psicologia.

¹ Gomel fica na parte sudeste do país, na margem direita do Sozh rio, perto da fronteira com a Ucrânia, nas proximidades de Chernobyl (usina nuclear). É a segunda maior cidade da Bielorrússia.

Ainda em 1923, ao se mudar para Moscou, criou um Instituto de Estudos das Deficiências. Vygotsky se envolveu com a área das deficiências, e chegou a dirigir um departamento de educação de crianças deficientes físicas e com retardos mentais².

Em meados de 1925, Vygotsky reuniu um grupo de cientistas do campo da Psicologia interessados em pesquisar as anormalidades físicas e mentais. Durante esse período, chegou a cursar Medicina no Instituto Médico de Moscou e, posteriormente em Kharkov, onde também deu um curso de Psicologia na Academia de Psiconeurologia da Ucrânia. Nesse mesmo período, foi convidado a ser diretor do Instituto Soviético de Medicina Experimental.

É interessante destacar que os princípios defendidos por Vygotsky tiveram sua base filosófica no materialismo histórico-dialético. Assim, defende que existe uma relação dialética entre o ser humano e o meio.

Nas palavras de Rabelo e Passos (s/d, p. 3), a questão central da teoria de Vygotsky

“é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Para o teórico, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação”.

É oportuno informar que Vygotsky também foi criador da Escola Soviética de Psicologia Histórico-Cultural, também chamada de Escola de Vygotsky. Os pressupostos defendidos por essa Psicologia, nós iremos comentar agora.

² Nomenclatura utilizada anteriormente. Na atualidade, usa-se a nomenclatura ‘pessoas com deficiência intelectual’.



Atenção!

Materialismo Histórico-dialético: o **materialismo histórico** é uma tese do marxismo, segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social, política e espiritual. É um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas.

A análise materialista histórica parte da questão de que a produção, e a troca dos produtos, é pilar de toda a ordem social; existente em todas as sociedades que desfilam pela história. Sendo assim, a repartição destes produtos, aliada com ela à divisão dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo o que e como a sociedade produz e pelo modo de trocar as suas mercadorias.

http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/647.htm.

A escola de Vygotsky

O princípio básico que rege essa escola é a teoria histórico-cultural, a qual defende a teoria de que na existência de boas condições de educação e de vida, as crianças podem se desenvolver plenamente, desde a mais tenra idade.

Mas antes de comentarmos sobre as contribuições no campo do desenvolvimento, vamos adentrar no aspecto da gênese dessa teoria.

A origem da escola data-se nas décadas iniciais do Século XX, na União Soviética. Os estudiosos denominaram essa teoria de histórico-cultural em função de alguns fatores. Primeiro, defendiam que o ser humano é um ser social. Em outras palavras, eles queriam explicar determinadas especificidades humanas que o diferenciava dos animais: como se forma a personalidade, a inteligência, resumidamente, a consciência humana, que faz da pessoa um ser único e complexo.

Vygotsky, inconformado com as ideias presentes sobre a consciência, que alguns psicólogos a estudavam, apenas, em suas estruturas mais simples ou explicavam-na numa perspectiva divina, foi buscar em Karl Marx a explicação mais consistente da consciência.

Marx afirmava que os homens possuíam determinadas aptidões, características, habilidades, entre outros elementos, devido ao lugar que ocupam nas relações sociais, constituídas ao longo da história, sob as suas condições de vida e de educação.

Surge, desse argumento, o nome da Psicologia Histórico-Cultural, que tem a seguinte premissa:

"a criança nasce com uma única potencialidade, a potencialidade de aprender potencialidades; com uma única aptidão, a aptidão da aprender aptidões; com uma única capacidade, a capacidade ilimitada de aprender, e, nesse processo, desenvolver sua inteligência" (MELLO, 2004, p. 136).

De uma forma geral, para essa teoria, o ser humano não nasce humano, mas aprende a ser humano com o outro, e esse outro pode ser um adulto ou uma criança mais velha, de acordo com o momento histórico e cultural em que vive.

Mello (2004) complementa essa questão, ao afirmar que, para essa teoria, os seres humanos se apropriam das qualidades necessárias para viver em determinada época. Essas qualidades se distinguem de um grupo social para outro, de acordo com o acesso que o sujeito tem à cultura. Resumidamente, o ser humano depende do que aprende, do que conhece, e se utiliza da cultura para ser o que é.



Atenção!

Cultura :

Refere-se a tudo o que os seres humanos criaram ao longo da história, tanto no aspecto material e não-material. As coisas materiais referem-se aos instrumentos de trabalho, as máquinas, aos objetos que utilizamos para as diversas atividades, o que usamos para vestir, mobiliar a casa, os livros. Já os não-materiais dizem respeito aos hábitos e costumes de um povo, a língua, aos conhecimentos, as artes, ideias (MELLO, 2004).



Mãos à obra

O que significa a frase: "o homem não nasce humano, mas aprende a ser humano" (MELLO, 2004)?

O desenvolvimento na teoria da Psicologia Histórico-Cultural ou Escola de Vygotsky

Pelo que observamos anteriormente, o desenvolvimento do ser humano depende do aprendizado; primeiramente, a criança adquire o conhecimento necessário e depois se desenvolve.

Vygotsky defende que o desenvolvimento da inteligência e da personalidade é motivado, ou seja, é consequência da aprendizagem, e que, nesse caso, os fatores inatos são essenciais para o desenvolvimento, mas não são suficientes, pois não possuem força motora para movimentar esse desenvolvimento. Para os teóricos dessa linha histórico-cultural, a inexistência da cultura impossibilita o desenvolvimento do indivíduo; por isso, a aprendizagem antecede ao desenvolvimento.

Em outras palavras,

“sem o contato da criança com a cultura, com o adulto, com crianças mais velhas e com gerações mais velhas, a criação das capacidades e aptidões humanas não ocorrerá. Dito de outra forma, o desenvolvimento fica impedido de ocorrer na falta de situações que permitam o aprendizado” (Op.cit, p. 143).

Nessa concepção, Vygotsky não define estágios ou fases para o desenvolvimento, mas declara que o ser humano passa por zonas de desenvolvimento, que são: zona de desenvolvimento real e zona de desenvolvimento potencial. Por essa vertente, Vygotsky traz muitas contribuições à área da educação.

Para defender a sua teoria sobre as zonas de desenvolvimento, Vygotsky observou a avaliação realizada em sala de aula e averiguou que era apenas considerado o que a criança podia fazer sozinha.

A esse processo de ações que a criança pode fazer sozinha, independentemente do outro, ele denominou de Zona de Desenvolvimento Real.

Goulart (2007, p. 174) define a Zona de Desenvolvimento Real como “o conjunto de funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento”. Um exemplo dessa situação é quando a criança já consegue escrever sozinha.

Já a Zona de Desenvolvimento Potencial refere-se àquilo que a criança consegue fazer com a ajuda do outro, seja o professor, os pais ou as crianças mais velhas.

Entre essas duas zonas de desenvolvimento, existe ainda a Zona de Desenvolvimento Proximal, que corresponde à distância entre o que a criança pode fazer sozinha (real) e com a ajuda de outra pessoa (potencial).

Palangana (2001, p. 129), afirma que a Zona de Desenvolvimento Proximal

"constitui-se por aquelas funções que ainda não estão maduras, mas sim em processo de maturação, quer dizer, que ainda se encontram em um estágio embrionário".

Essa descoberta foi muito importante para nós e para Vygotsky (188, p.113 apud PALANGANA, 2001, p. 129), tendo em vista que:

"o que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos, poderá fazê-lo amanhã por si só. A área de desenvolvimento potencial permite-nos, pois, determinar os futuros passos da criança e a dinâmica do seu desenvolvimento e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação."

Portanto, para Vygotsky, o papel do outro e do ambiente é fundamental no desenvolvimento do ser humano, já que através do outro a criança pode chegar a um determinado nível de desenvolvimento que possibilite a sua ação independentemente da existência de outra pessoa para ajudá-la. Ela modificará o seu comportamento para atuar no meio em que se encontra.



Fig. 02

Momento de aprendizagem

Mãos à obra

Para você, o que vem a ser a Zona de Desenvolvimento Real e a Zona de Desenvolvimento Potencial? Cite exemplos de como esse desenvolvimento acontece.

A linguagem

Fig. 03



Um tipo de linguagem

Outro ponto importante da teoria de Vygotsky diz respeito à linguagem, que tem um papel fundamental no desenvolvimento de estruturas mentais mais complexas.

Segundo Vygotsky, a linguagem interfere no processo de desenvolvimento do ser humano desde o nascimento. Desde quando começa a ter contato com o mundo, a criança tem relação com a linguagem, pois os adultos discriminam os objetos ao seu redor: quando ela aponta algo, estes falam o nome do objeto.

No falar de Palangana (2001, p. 99),

“nesta interação, a criança é orientada na discriminação do essencial e do irrelevante podendo, posteriormente, ser capaz de exercer esta tarefa por si só, ao tentar compreender a realidade. Assim, com a ajuda da linguagem, a criança controla primeiro o ambiente e, mais tarde, seu próprio comportamento”.

Para Vygotsky, a linguagem torna-se instrumento para o desenvolvimento do pensamento, uma vez que sistematiza a experiência da criança e serve para organizar suas ações, pois durante a realização de alguma atividade, ela descreve o que faz, age enquanto fala. Portanto, a ação e a fala fazem parte de uma mesma função psicológica.

Esta relação entre fala e ação vai se modificando conforme o desenvolvimento da criança. Vamos apresentar – de forma sucinta - essa transformação.

Num primeiro momento, que corresponde até os três anos de idade, a fala da criança acompanha as suas ações, como foi mencionado anteriormente. Mas também, é dispersa e caótica, refletindo os altos e baixos do processo de solução do que deseja resolver. Esse momento é denominado de Fala Social.

No segundo período, entre os três e seis anos de idade, a fala se transfere para o início da ação, terminando antecedendo essa ação. Então a criança fala antes de agir, e não durante a ação, como era no primeiro momento. A fala, portanto, atua como auxiliar do plano idealizado, mas que ainda não se concretizou. Vygotsky denomina esse período de Fala Egocêntrica, mas com uma conotação diferente de Piaget. Para Vygotsky, a Fala Egocêntrica é uma transição da Fala Social para a Fala Interior.



Atenção!

Para mais detalhes sobre a diferença quanto à aquisição da linguagem para Piaget e Vygotsky, fazer a leitura complementar, sobre o tema referente a nossa aula localizada no moodle, aula 6.

Num terceiro momento, após os seis anos de idade, a Fala Externa ou Egocêntrica, vai se transformando em sussurros, vai se interiorizando, e por meio desse processo, o indivíduo começa a ter a capacidade de auto-regulação, e conseqüentemente, de controlar seus pensamentos e seu comportamento. Pensa, repensa, planeja as suas ações.

Ao atingir esse nível, a criança apresenta capacidades de realizar operações mais complexas dentro de um universo temporal, deixando de agir apenas sob o seu campo de visão. Em outras palavras, a criança não necessita que o objeto de seu desejo esteja no seu campo de visão, ele pode não estar mais presente, para que mesmo assim continue a planejar como alcançá-lo.

A fala, portanto, modifica o conhecimento da criança e a forma como compreende o mundo em que vive. Para David e Ramos de Oliveira (1988, p. 63, apud PALANGANA, 2001, p. 101),

“ao internalizar instruções, as crianças modificam suas operações cognitivas: percepção, atenção, memória, capacidade para solucionar problemas. É dessa maneira que formas historicamente determinadas e socialmente organizadas de operar com informações influenciam o conhecimento individual, a consciência de si e do mundo”.

Para mais informações sobre a linguagem e sua relação com o pensamento, utilizar o texto no campo leitura complementar, presente no moodle, aula 6.



Um passo a mais

Para aprofundar mais as ideias de Vygotsky, indicamos a leitura de algumas de suas obras:

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. Et al. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1988.



Já sei!

Aprendemos, com Vygotsky, que a aprendizagem é intrínseca e fundamental para o homem; através dela ele aprende a ser humano. A aprendizagem antecede ao desenvolvimento, que acontece, inicialmente, com a ajuda do outro, e posteriormente, a criança consegue fazer determinada ação sozinha. Para Vygotsky, o desenvolvimento não segue fases ou estágios, mas sim zonas, que são: zonas de Desenvolvimento Real e zonas de Desenvolvimento Proximal e Zonas de Desenvolvimento Potencial.



Autoavaliação

Elabore uma tabela contendo as semelhanças e diferenças entre as ideias de Piaget e Vygotsky. Ao finalizar a tabela faça considerações finais a respeito das contribuições teóricas dos estudiosos, destacando aquele com quem você mais se identificou, justificando a sua escolha.



Referências



GOULART, Iris Barbosa. **Psicologia da Educação**. 13ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, Marcos Epifaneo Barbosa; NETO, Marcos Soares. **Materialismo Histórico**: pra quê? Disponível em http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/647.htm. Acessado em 09/04/2010.

MELLO, Suely Amaral. A Escola de Vygotsky. IN: CARRARA, Kester (org). **Introdução à Psicologia da Educação**: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.

PALANGANA, Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**: a relevância social. 5ª. São Paulo: Summus, 2001.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. Vygotsky e o desenvolvimento humano. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> no dia 09/04/2010.

Fonte das Figuras

Fig .01 - http://3.bp.blogspot.com/_u_YF_SDVqWg/TGK0m7kviwi/AAAAAAAAA-U/CWPnrLqO_Zk/s1600/vygotsky2.jpg

Fig .02 - http://4.bp.blogspot.com/_OwGUybenLds/SwzApDQFD9I/AAAAAAAAAvA/GOCFRWm9WE8/s1600/kidscorner.gif

Fig .03 - <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=823654>



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes



O desenvolvimento na
perspectiva de Erik Erikson

Aula
07

Apresentação e Objetivos



Temos estudado, ao longo deste módulo, as várias teorias a respeito do desenvolvimento humano. Foram apresentadas as teorias de Piaget, Vygostsky, Wallon, cujos estudos enfatizaram a questão da evolução do sujeito a partir da infância. Esses aspectos são importantes para os professores em todas as áreas, para que possam analisar comportamentos futuros de seus alunos, bem como compreender a razão de determinadas condutas apresentadas na sala de aula.

Por este motivo, não poderíamos deixar de adentrarmos no “misterioso mundo da adolescência”, fase em que os adultos apontam como a mais problemática, chegando a denominá-la de “aborrecência”.

Para o professor, a fase da adolescência também é desafiadora, pois requer o uso de metodologias mais atraentes, uma vez que alunado convive com diversas tecnologias, grupos, valores.

Dessa forma, iniciaremos o nosso passeio no mundo adolescente tendo por base a teoria psicossocial de Erik Erikson, que apresentará as fases do desenvolvimento humano, destacando a questão da **crise na adolescência**.

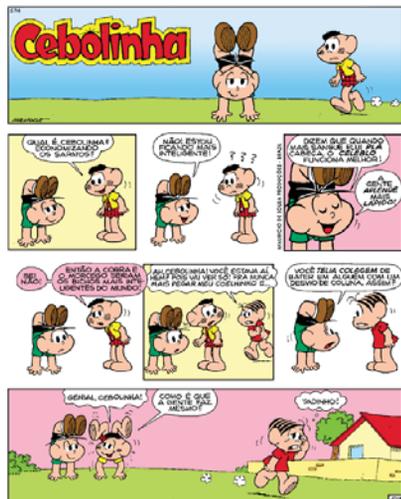
Por essa razão, os objetivos desta aula giram em torno de identificar as principais características da teoria e compreender o significado da termo **crise da adolescência**.





Para começar

Fig. 01



Turma da Mônica: quando eram crianças.

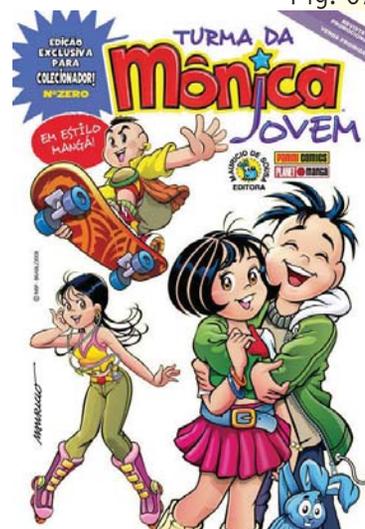
Vamos começar o nosso assunto, utilizando como exemplo a Turma da Mônica. Quem não se recorda dessa turminha, com a qual convivemos com a Mônica, sempre com seu coelho, e correndo atrás do Cebolinha e do Cascão? Aquele troca o r por l? E o Cascão, que não gosta de tomar banho? Ainda tem a Magali, conhecida como comilona.

Acontece que agora esses personagens passaram por uma grande transformação, tornaram-se adolescentes. O Cebolinha foi para a fonoaudióloga e não troca mais o r pelo l e não faz mais planos contra a Mônica, mas busca melhorar o mundo. Já o Cascão, por amor a Cascuda, toma banho. A Magali não é tão comilona, se alimenta mais de comida saudável e a Mônica é apaixonada pelo Cebolinha e não usa mais o seu coelho para bater no amigo, e também não é gorda.

Podemos perceber que esses personagens passaram por transformações, tanto físicas quanto psicológicas e, mesmo sendo um gibi, retratam as transformações que passamos quando saímos da infância e ingressamos na adolescência; sejam físicas, psicológicas ou sociais.

Analisando essas mudanças, Erik Eriksson contribuiu com a Psicologia, defendendo a teoria voltada para a adolescência. Vamos agora mergulhar, um pouco, na teoria Psicossocial de Erik Eriksson.

Fig. 02



Turma da Mônica Jovem: Várias transformações.



1. Erik Erikson¹

Erik Erikson nasceu na Alemanha, no ano de 1902. Começou a sua vida como artista plástico. Em 1927, depois de estudar arte e viajar pela Europa, passou a lecionar artes em Viena a convite de Anna Freud, filha de Sigmund Freud. Ainda em Viena, fez o curso de Psicanálise e sob orientação de Anna, submeteu-se à psicanálise e tornou-se ele próprio psicanalista, mas traçou críticas à psicanálise por esta não considerar as interações entre o indivíduo e o meio, enfatizando os aspectos sexuais e patológicos da personalidade.

No início da carreira, o interesse de Erikson esteve voltado para o trabalho com crianças. As suas concepções de desenvolvimento e de identidade influenciaram as pesquisas posteriores, inclusive sobre a adolescência, onde surge a expressão “crise da adolescência”.

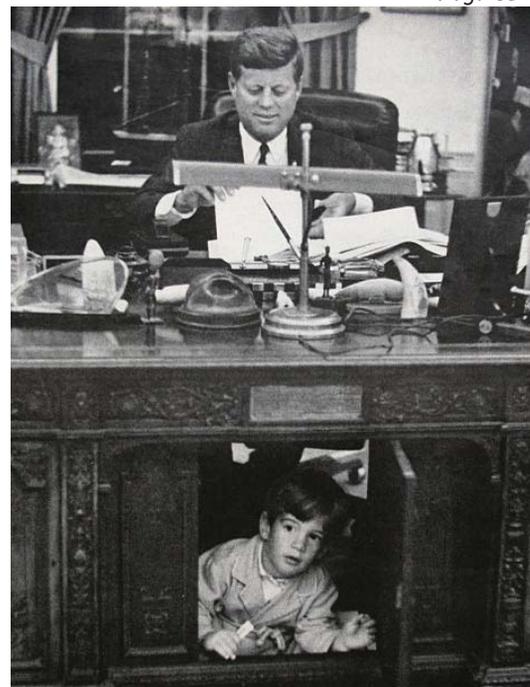
Na década de 60, Erikson ficou famoso por atender a John Fitzgerald Kennedy Jr. – filho do presidente dos Estados Unidos John Kennedy – sob o motivo de que a sua mãe, Jacqueline Kennedy, se queixava da dificuldade do seu filho em aprender.

Durante o atendimento, Erikson solicitou que John Kennedy fizesse um desenho, e percebeu que o garoto se desenhava embaixo da mesa de seu falecido pai John Kennedy. O psicanalista analisou que o menino tinha a figura do pai como algo grandioso, sempre a lhe envolver; fato que se tornou um fardo para o pequeno John-John.

Nesta época, Erik Erikson já era bastante conceituado nos Estados Unidos da América, e seu trabalho representa até a atualidade uma grande contribuição para o atendimento do crescimento psicológico saudável do ser humano.

Erik Erikson morreu em 12 de maio de 1994, em Harwich, estado de Massachusetts.

Fig. 03



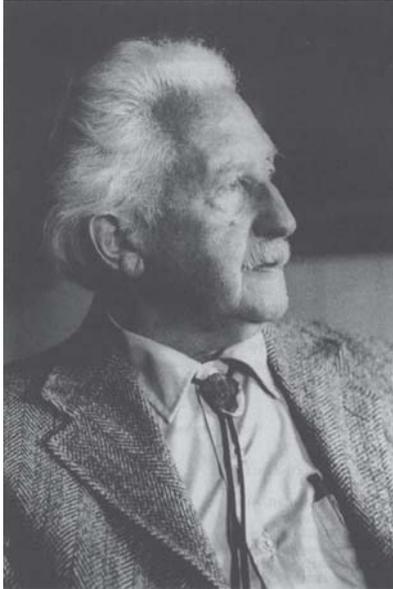
A foto representa o desenho feito por John Kennedy Jr, que se desenhava embaixo da mesa do pai falecido, o presidente John Kennedy.

¹ Fonte: Wikipédia: enciclopédia virtual.

2. Principais ideias de Erik Eriksson: A teoria Psicossocial

No campo do desenvolvimento Erik atribuía uma importância singular às primeiras fases da infância, influenciado pela teoria de Freud. Acrescenta que esse desenvolvimento faz parte de um processo vital, que mesmo com o advento da juventude e do amadurecimento, passamos por profundas modificações, e novas modalidades de funcionamento psíquico – que têm características específicas na adolescência – passam pela vida adulta até chegar à velhice com interações específicas com o meio.

Fig. 04



Erik Erikson.
Artista e Psicanalista.

Erik destaca que, em cada fase do processo evolutivo, aparecem novas exigências tanto por parte do ser humano em desenvolvimento quanto por parte do ambiente.

Para Erik, as necessidades e estímulos presentes em cada fase da vida assumem características distintas e se constituem em crises virtuais, decorrentes da transformação substancial de perspectiva.

Cada fase do desenvolvimento traz consigo uma nova crise a ser superada pelo Ego em evolução, cuja solução para essa crise implica em dois tipos: positivo ou negativo; fato que vai influenciar sobre como vai ser vivenciada a próxima fase. Para a solução apresentada, tanto o indivíduo como o meio serão partes decisivas.

Durante essa evolução do ser humano, a personalidade foi se estruturando, se reformulando, se adaptando, tendo como base as experiências vividas, sejam nas experiências vividas satisfatórias ou nos fracassos dos estágios anteriores. A esse princípio, denominou-se de

epigenético.

É interessante destacar que, em cada solução positiva, o Ego se torna mais fortalecido, mais enriquecido; e, no desfecho negativo, o Ego se torna mais frágil, mais deteriorado. Nós iremos entender melhor estes aspectos quando estudarmos as fases do desenvolvimento que serão marcadas pelas crises.



Atenção!

O Ego, no conceito de Erikson, é mais abrangente do que o apresentado pela psicanálise, pois detém valores como confiança, esperança, autonomia, vontade, intimidade, amor, produtividade, consideração, integridade, que não são comumente debatidos nas teorias psicanalíticas, mesmo sendo valores reconhecidamente humanos. Por essa razão, o Ego teria capacidades criativas de superar as crises vivenciadas durante o desenvolvimento.

Fonte: files.jplmpsic.webnode.com



Mãos à obra

Vamos exercitar a nossa memória? Descreva as ideias apresentadas pela Teoria Psicossocial quanto ao desenvolvimento do ser humano. Depois, faça uma consideração pessoal a respeito dessa teoria.

3. As fases do desenvolvimento epigenético

Para entendermos essas fases, vamos observar o quadro a seguir:

As oito idades do homem		
1ª IDADE	0 – 1 ano	Confiança x Desconfiança
2ª IDADE	1 – 3 anos	Autonomia x Vergonha e Dúvida
3ª IDADE	4 – 5 anos	Iniciativa x Sentimento de Culpa
4ª IDADE	6 – 12 anos	Atividade x Inferioridade
5ª IDADE	12 – 18 anos	Identidade x Confusão
6ª IDADE	18- 45 anos	Intimidade x Isolamento
7ª IDADE	45 – 65 anos	Produtividade x Estagnação
8ª IDADE	65 – até a morte	Integridade x Desespero

Se atentarmos para esse quadro, podemos observar que em cada fase haverá um conflito presente, cuja solução apresentará uma versão positiva (confiança) e outra negativa (desconfiança), que se firmarão de acordo com a relação que o indivíduo estabelecerá com o meio.

Vamos, então, entender essas fases!

3.1 1ª IDADE: Confiança x Desconfiança

Nesta fase, a interação da criança com o meio é muito importante para a personalidade em desenvolvimento.

A mãe exerce um papel fundamental, pois a satisfação das necessidades e desejos, bem como o afastamento das situações dolorosas dependem dessa pessoa que, para Erikson, não se restringe a mãe biológica, mas sim aquela que se ocupa permanentemente em cuidar do bebê. Resumindo, a sobrevivência da criança, tanto no sentido biológico quanto emocional, está em dependência direta das atenções e dos cuidados que recebe.

A medida que o bebê percebe que suas necessidades são satisfeitas e que não está abandonado, vai adquirindo **confiança**, que Erikson, denomina de **Confiança Social**.

Assim, um bebê que adquire confiança, geralmente dorme mais tranquilo, se alimenta bem, suas funções excretoras funcionam normalmente.

Mas nesse processo, Erikson destaca que para que a criança venha a ter confiança, que se estende em si e nos outros, não significa que os pais não precisam por limites nos filhos e que não podem sofrer frustrações, uma vez que fazem parte do desenvolvimento. Tudo dependerá da forma como os pais colocarão os limites.

Já por outro lado, caso o bebê sinta que não tem um lugar em que possa sentir-se seguro e passe por experiências excessivas de frustração e desalentos, isso o levará a desenvolver um sentimento de **desconfiança**, tanto em si como nos outros. As consequências na personalidade são desastrosas, como a esquizofrenia infantil; e nos adultos, "um sentimento frágil de confiança costuma fazer parte de estados esquizóides e depressivos"



Fig. 05

Mãe e o seu bebê: momento de construção de confiança da criança.

(BRAGHIROLI, PEREIRA, RIZZON, 1994, p.109).

3.2 2ª IDADE: Autonomia x Vergonha e Dúvida

Esta fase corresponde, em termos cronológicos, ao estágio anal, defendido pela Psicanálise. É nesse período que a criança adquire força no tônus muscular, fato que permite a exploração do meio em que se encontra, afastando o que não lhe agrada.

A força de vontade adquire espaço; o que permite que faça escolhas e tente impor os seus desejos.

Por estar andando, pulando, correndo, explorando, os pais devem supervisionar esses momentos, pois a criança ainda não tem maturidade suficiente para identificar os perigos no percurso. Em outras palavras, os adultos devem encorajar para que avance em suas conquistas e a proteção deve ser moderada, para assim desenvolver a **autonomia**.

É interessante destacar que a estimulação quanto à autonomia também não pode ser em demasia, pois a criança pode perder o autocontrole e passar a envergonhar-se de si mesma e de suas incapacidades, fazendo com que se esconda dos outros para não ser observada e nem criticada.

Se analisarmos a questão sob esse prisma, existem pais que colocam os seus filhos em várias atividades, sejam esportivas, artísticas, esperando estimulá-los; e a criança se envolve. Mas ao perceber que não corresponde aos anseios de seus pais, sente-se pequena, sem valor. Tal aspecto pode ter sérias consequências no campo da auto-estima que está em formação. Por isso, temos que ter equilíbrio nesses estímulos.

Fig. 06



Momento de autonomia da criança.

Todavia, existe o outro lado: o controle excessivo das ações das crianças, que terminam sendo colocadas numa redoma, para não explorar o ambiente, não se sujar. O que nos lembra a propaganda do sabão em pó, em que a criança é um robô, mas ao começar a brincar na chuva e na lama, vai se transformando em ser humano.

Tal situação fará com que a criança torne-se frágil, insegura, com vergonha de si mesma. Essa **vergonha** excessiva, irá desenvolver um sentimento de que seu corpo e seus desejos são ruins, e por isso devem ser reprimidos.

A **dúvida** surge nesse período, porque pelo fato de que a origem da vergonha foi externa, a criança procurará realizar as suas ações longe dos olhos dos adultos, e pelo fato de não saber se estes estarão observando-lhe, sempre terá um sentimento de dúvida, e por isso, pode vir a sentir-se perseguida constantemente. E isso terá consequências na vida adulta: surgimento de temores paranóicos.

3.3 3ª IDADE: Iniciativa x Sentimento de Culpa

A idade cronológica corresponde ao estágio genital-infantil ou fálica, em que a criança, entre outras, características, irá apresentar um desenvolvimento intelectual.

Ainda nessa fase, a criança está cheia de vivacidade, energia, que possibilita a superação de fracassos e vencer os obstáculos para satisfazer os seus desejos. A **iniciativa** é constante nesse momento. O jogo torna-se elemento essencial para a criança vivenciar as fantasias e o mundo social do adulto.

Apesar dessa iniciativa e extrema energia, quando a criança se envolve com fantasias, fortalecida pelos novos poderes físicos e mentais que vão além de suas possibilidades reais, faz com que contenha a carga de energia que a impulsionou a realizar a ação.

E, por exercer essa contenção contínua, a criança pode vir a vivenciar um **sentimento de culpa**, levando-a a um nível alto de ansiedade; e, para se proteger dessa circunstância, vale-se de fantasias em que adquire poderes mágicos, ou por outros momentos vê-se perseguida por essas figuras que fantasiou.

Para Erikson (apud BRAGHIROLI, PEREIRA, RIZZON, 1994, p. 113), “essas fantasias se relacionam com os conflitos vivenciados pela criança no plano da sexualidade e, portanto, dizem respeito ao temor à castração e ao complexo de Édipo.”

A consequência, na vida adulta, dessa solução não satisfatória quanto ao desenvolvimento da iniciativa, pode ser observada em patologias relacionadas à sexualidade, como por exemplo, a repressão do desejo de forma exagerada, a inibição sexual e a impotência, ou então, doenças psicossomáticas.

Lembremos que as ideias defendidas por Erik Erikson tiveram influência da psicanálise.

3.4 4ª IDADE: Atividade x Inferioridade

Erikson destaca que esse período é decisivo no campo social. A criança vive um momento de estabilidade emocional; e, no campo da psicanálise, essa idade corresponde à fase de latência.

A atenção da criança está concentrada nas tarefas escolares esportivas e, no desenvolvimento de relações com colegas e grupos. Durante a participação dos sujeitos nas atividades diárias, sejam escolares ou não, o papel do adulto é fundamental, pois quando pais e professores mostrarem interesse e aprovação pelas suas conquistas, o(a) menino(a) desenvolverá o senso de realização. Caso contrário, o sentimento de inferioridade surgirá.



Fig. 07

Crianças estudando

Mas existe, também, o outro lado, pois ao se envolver ou se identificar em demasia com o trabalho, pode se conformar com as obrigações, abandonando as outras atividades necessárias para o seu bem-estar; fato que acarretará prejuízos na sua personalidade, que se encontra em formação.

3.5 5ª IDADE: Identidade x Confusão

Essa fase corresponde ao mais confuso e sofrido dos processos de evolução pelo qual passa o ser humano. Estamos saindo da infância e entrando na puberdade, onde ocorrem transformações físicas e hormonais.

Fig. 08



Adolescente: busca de identidade.

O adolescente busca consolidar a sua identidade, pois passa por transformações que deixam para trás o lado criança, mas ao mesmo tempo não se configura como completamente adulto, bem como, no âmbito psicológico e social, não tem maturidade suficiente para determinados aspectos do mundo do adulto.

Por essas questões – não ser mais criança e ao mesmo tempo não ser adulto – o adolescente busca definir um estilo próprio de vida, uma identidade. Agrega-se a pares, forma grupos com estilos próprios, que – muitas vezes – afrontam o adulto.

Nesse momento em que se afiliam a grupos com vistas a determinar a sua identidade, existe um perigo, mais especificamente quando se apegam extremamente ao grupo, tornando-se rígidos, ao ponto de serem agressivos com aqueles que não fazem parte da “galera”.

Existe um detalhe que é importante comentarmos, quando nas fases anteriores, se a criança desenvolveu a confiança, a autonomia, a iniciativa, a atividade, nesse estágio, esse jovem vai estar com a identidade definida.





Atenção!

Crise da Adolescência: Busca da identidade

O período da adolescência é marcado por diversos fatores, mas sem dúvida, o mais importante é a tomada de consciência de um novo espaço no mundo, a entrada numa nova realidade que produz confusão de conceitos e perda de certas referências. O encontro dos iguais no mundo de diferentes é o que caracteriza a formação dos grupos dos adolescentes, que se tornam lugar de livre expressão e de reestruturação da personalidade, ainda que esta fique por algum tempo sendo coletiva.

Essa busca do eu nos outros na tentativa de se obter uma identidade para o seu ego é que o psicanalista Erik Erikson chamou de "crise de identidade" o que acarreta angústias, passividade ou revolta, dificuldade de relacionamento inter e intrapessoal, além de conflito de valores. Para Erikson, o senso de identidade é desenvolvido durante todo o ciclo vital, onde cada indivíduo passa por uma série de períodos desenvolvimentais distintos, havendo tarefas específicas para se enfrentar. A tarefa central de cada período é o desenvolvimento de uma qualidade específica do ego. Para esse autor, dos 13 aos 18 anos a qualidade do ego a ser desenvolvida é a identidade, sendo a principal tarefa adaptar o sentido do eu às mudanças físicas da puberdade, além de desenvolver uma identidade sexual madura, buscar novos valores e fazer uma escolha ocupacional.

A construção da identidade é pessoal e social, acontecendo de forma interativa, através de trocas entre o indivíduo e o meio em que está inserido. Esse autor (Erik Erikson) enfatiza ainda que a identidade não pode ser vista como algo estático, imutável, como se fosse uma armadura para a personalidade, mas como algo em constante desenvolvimento.

[...] O grande conflito a ser solucionado na adolescência é a chamada crise de identidade e essa só será terminada quando a identidade tiver encontrado uma forma que determinará, decisivamente, a vida ulterior.

É importante entender que o termo crise, adotado por Erikson, não é sinônimo de catástrofe ou desajustamento, mas de mudança; de um momento crucial no desenvolvimento onde há necessidade de se optar por uma ou outra direção, mobilizando recursos que levam ao crescimento

(LEPRE, 2010, p.1)

3.6 6ª IDADE: Intimidade x Isolamento

Nesse novo patamar, o adolescente, que agora é jovem e tem sua identidade bem definida, busca relacionar-se com outras pessoas e com elas

estabelecer laços afetivos mais profundos e duradouros; fato que possibilita assumir responsabilidades, como constituir uma família e prover seu sustento; o que está relacionado com a maturidade para buscar adentrar no mundo do trabalho com compromisso.

Por outro lado, quando esse jovem adulto não tem a sua identidade bem definida, existe uma tendência a isolar-se, por sentir-se ameaçado em sua identidade; evita, portanto, qualquer tipo de relacionamento.

Fig. 09



Jovens em busca de relacionamento mais duradouros.

3.7 7ª IDADE: Produtividade x Estagnação

Na fase anterior, o jovem adulto consolida o início de relacionamentos mais efetivos. Nesse momento, existe o desejo de perpetuar essas relações, principalmente, no que tange à contribuição para gerações futuras. Existe, portanto, uma preocupação em repassar para as futuras gerações tudo o que foi adquirido nos anos de experiência; não esquecendo de que o lado profissional também se torna mais importante. Essas características se constituem como o aspecto positivo dessa idade.

Do lado negativo, há a estagnação quando a rigidez e o autoritarismo estão bem presentes nos relacionamentos para esses adultos. A pessoa se sente velha, inválida, inútil.

3.8 8ª IDADE: Integridade x Desespero

Esse momento representa a proximidade com o fim do ciclo vital; é o tempo de colher os frutos dos demais estágios.

Considera-se que, o que podia ser feito já foi, e não existe mais tempo de recuperar o que não foi realizado.

A integridade torna-se presente quando os sujeitos aceitam e convivem com as próprias decisões e ações desenvolvidas ao longo de suas vidas. Mas quando a pessoa não reconhece ou tem dificuldade em aceitar a sua trajetória de vida, bem como conviver com a ideia de definitivo de que a morte significa, e não tem como refazer a sua vida, a desesperança, o desespero tornam-se

marcantes, ocasionando a formação de idosos amargos, inconsoláveis, excessivamente rígidos, difíceis de terem convívio social.

Podemos observar, portanto, que Erik Erikson traz uma nova perspectiva no campo do desenvolvimento, em que a interação entre meio (ambiente, o outro) com o indivíduo, possibilita que o mesmo supere ou não as crises vivenciadas em cada período ou estágio.

Fig. 10



Idosos buscando qualidade de vida, superação da crise vivenciada neste período.

Mãos à obra

Diante do nós estudamos, faça um resumo contendo, no máximo, uma página, não esquecendo de escrever um breve comentário pessoal no final do resumo.



Um passo a mais

Não é muito fácil encontrar uma bibliografia das obras de Erik Erikson, mas ao fazer uma pesquisa pela internet, encontramos um livro mais atualizado sobre a teoria Psicossocial:

VERISSIMO, R. Desenvolvimento Psicossocial (Erik Erikson). 1ª ed. Porto: Medisa, 2002.

Resumo: Na sua heterodoxia, a perspectiva sobre o desenvolvimento da personalidade de Erikson, aqui apresentada no contexto da sua própria biografia, é mais positiva (menos depressiva) que a de Freud. Sobretudo, na medida em que, se o indivíduo é responsabilizado pelo seu desenvolvimento, também resulta num certo clima de otimismo o ponto de vista de que, em cada estado, as pessoas podem modificar o seu comportamento. Ou seja, de que não são aceitáveis padrões fixos e imutáveis, uma vez submetidos ao tempo e a experiências favoráveis.

Existe, ainda, a possibilidade de material sobre Erik Erikson em sites sugeridos pelo Google ou em livros sobre Psicologia Social.



Já sei!

Nós já sabemos que Erik Erikson foi um estudioso do comportamento humano, que trouxe contribuições mais amplas que os demais pesquisadores, pois adentrou no âmbito da adolescência, bem como no desenvolvimento do adulto. Por essa razão, apresenta oito fases desse desenvolvimento, que abrange desde o nascimento até o final da vida, em que passamos por crises que, influenciadas pelo meio, podemos superá-las positivamente ou negativamente.



Autoavaliação

Faça uma pesquisa em revistas, na internet sobre o comportamento do adolescente e analise esse comportamento sob a perspectiva da teoria Psicossocial de Erik Erikson.

Referências



BRAGHIROLI, Elaine Maria; PEREIRA, SILOÉ; RIZZON, Luiz A. Temas da Psicologia Social. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Erik Erikson. Disponível em files.jplmpsic.webnode.com. Acessado em: 25 de junho de 2010.

Erik Erikson. Disponível em Wikipédia. Acessado em: 15 de março de 2009.

LEPRE, Rita Melissa. Adolescência e construção de identidade. Disponível em: <http://www.psicologia.org.br/internacional/artigosz.htm>. Acessado em: 25 de junho de 2010.

TARDELI, Denise D'Aurea. Erik Erikson e a visão psicossocial da adolescência: Como funciona o modelo de desenvolvimento da personalidade proposto pelo psicanalista e ex-retratista, amigo de Freud, que criou o conceito da crise de identidade o adolescente. Reportagem da Revista Ciência e vida Psique. Edição 23. Editora Escala. IN: Portal Ciência e Vida. Disponível em: <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESPS/Edicoes/23/artigo69939-2.asp>. Acessado em: 21 de junho de 2010.

Fonte das Figuras

Fig. 01 - <http://www.monica.com.br/comics/tabloide/images/t002-01.gif-t002-01.gif>

Fig. 02 - http://comunicadores.info/wp-content/uploads/2008/08/turma_da_monica_jovem_revista_capa_zero.jpg

Fig. 03 - <http://www.pep-web.org/document.php?id=pct.019.0164.jpg>

Fig. 04 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/69/JFK_jr_under_presidents_desk.jpg

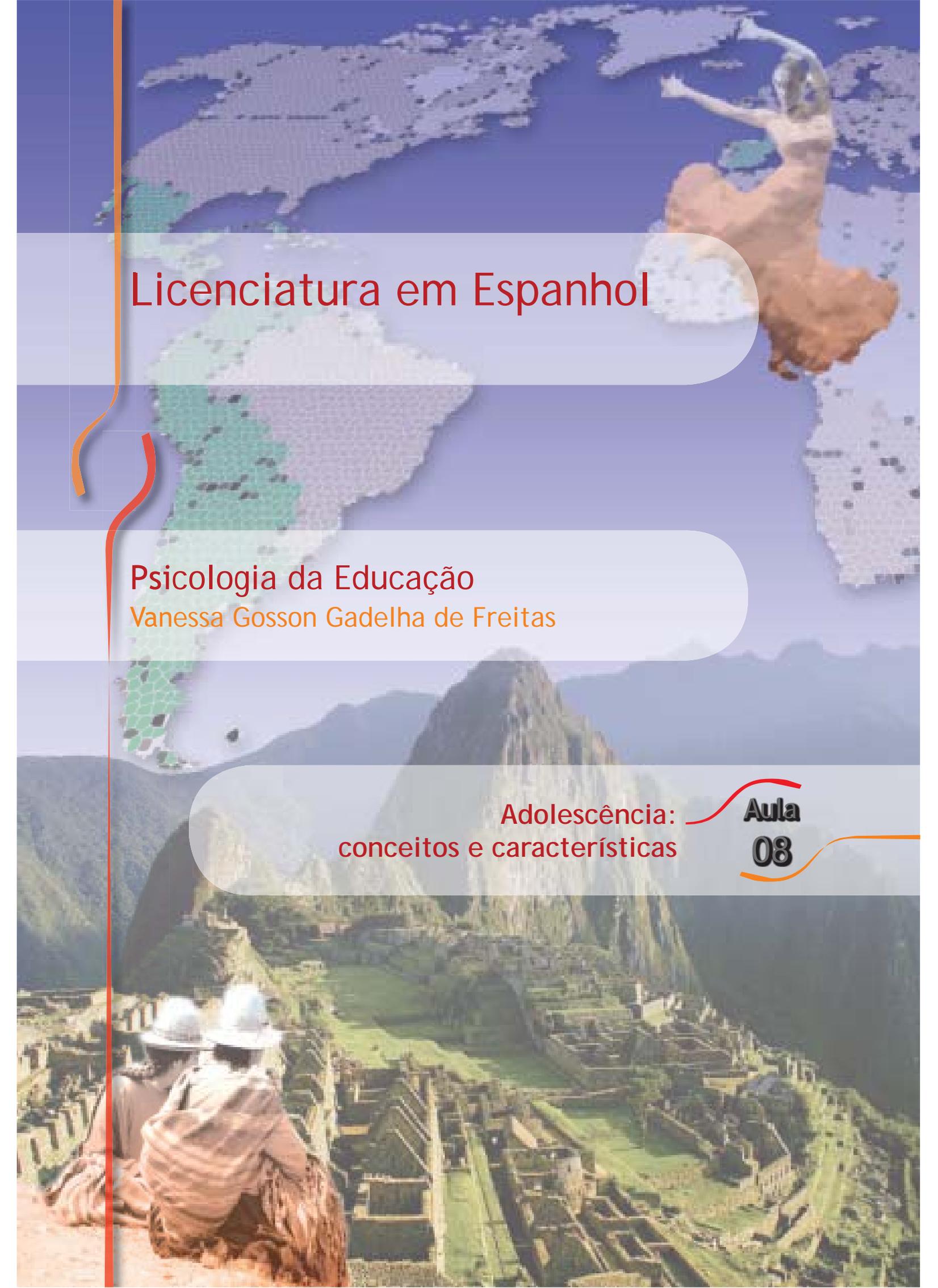
Fig. 05 - <http://www.clickonf5.org/wp-content/uploads/2009/07/baby-mother-thumb.jpg>

Fig. 06 - <http://www.solveitltd.com/rltrust/assets/images/KidPaint.jpg>

Fig. 08 - <http://sandandsoul.com/Images/adolescentgirlsad.JPG>

Fig. 09 - <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/70/YoungCoupleEmbracing-20070508.jpg>

Fig. 10 - <http://philip.greenspun.com/images/pcd0305/rome-old-couple-62.4.jpg>



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas

Adolescência:
conceitos e características

Aula
08



Apresentação e Objetivos

Nesta aula, vamos dar continuidade ao que estudamos anteriormente. Comentamos sobre a teoria Psicossocial de Erik Erikson, que apresenta a fase da crise de identidade dos adolescentes.

Estudaremos os conceitos sobre adolescência e as características dessa fase, principalmente, na atualidade, já que muitas são as dificuldades vivenciadas pelos alunos, como a violência psicológica devido a apelidos que maculam a auto-estima, a agressividade ao extremo, em que até o professor torna-se vítima dessa atitude agressiva dos alunos, como por exemplo, alguns docentes são até espancados quando chegam a chamar a atenção de um determinado discente.

Diante da necessidade de conhecer o mundo da adolescência ou do adolescente, para ensinar com mais subsídios psicológicos e pedagógicos, os objetivos desta aula serão:

- ▶ Analisar as características da adolescência.
- ▶ Compreender o significado de crise na adolescência.



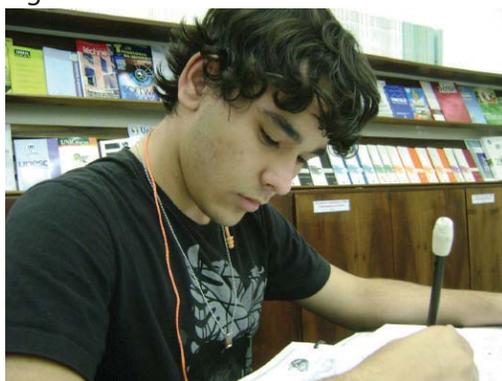


Para começar

Quem nunca passou pela adolescência? É uma fase em que sofremos por amor não correspondido, buscamos ser populares, ingressar nos grupos; algumas pessoas chegam a mudar até o visual para poder entrar num determinado grupo.

Nas rodas de conversa, escutamos: no meu tempo de adolescente... era bem diferente... A cada novo contexto aparecem novas exigências, principalmente para o adolescente, que hoje convive com vários desafios no campo amoroso; o namoro tem suas dificuldades; os adolescentes falam sobre a questão da fidelidade, da relação sexual, que tem sido mais cedo do que anteriormente.

Fig. 01



Jovem estudando para o vestibular

Além disso, o vestibular também aparece como uma porta para a realização pessoal, mas também como um bicho-de-sete-cabeças, pois muitos ainda não sabem que profissão escolher e que critérios usar para fazer essa escolha: realização, indicação dos pais, continuação da profissão da família, vocação, dinheiro.

Juntamente com essa questão, existe o outro lado: trabalhar ou estudar. Muitos têm que deixar os estudos para poder sustentar ou ajudar no sustento da família; outros, que por uma gravidez indesejada, abandonam os estudos. Não está sendo fácil para os adolescentes, principalmente, na atualidade.

Vivemos num mundo globalizado, que traz várias exigências, como pessoas com experiência, criativas, competentes, fato que será possibilitado aos futuros adultos quando ingressarem no mercado de trabalho, constituindo-se outra dificuldade a ser vivenciada pelo adolescente que está ingressando na juventude.

Vamos conhecer um pouco sobre as especificidades dessa fase!



1. Conhecendo a Adolescência

Quando falamos que as crianças estão adentrando na fase da adolescência, associamos a isso as transformações físicas, mas anteriormente, em tempos mais antigos, a adolescência não passava de uma ante-sala para a fase adulta.

Na sociedade primitiva, o que marcava a transição para a adolescência eram os rituais. Em pouco tempo, eram ensinados algum ofício. Posteriormente se casavam, assumindo responsabilidades de um adulto. Assim, o tempo dessa fase era muito curto e, muitas vezes, doloroso.

Mas, ao fazermos a transposição para a nossa sociedade, é necessário questionar: o que caracteriza o fato de uma pessoa estar na adolescência? Seria o fato das mudanças físicas? Seria a idade? Qual a diretriz para essa identificação?

Ao observamos a sociedade globalizada, o ser adolescente tem se tornado um pouco mais complexo e longo, pois ao mesmo tempo em que as leis apontam a possibilidade de votar aos 16 anos, em outros momentos lhes são negados outros direitos. Não existe um ritual de passagem.

Estudiosos apontam que as variáveis que irão demarcar as fronteiras da infância para a adolescência são culturais. No Brasil, essa situação está bem definida. Se analisarmos uma classe pobre, essa passagem é bem mais curta, pois meninas e meninos têm que assumir responsabilidades de adulto para poder sobreviver. Já para os de classe média e alta, esse período é bem mais longo.

Podemos perceber, assim, que a simples mudança física não caracteriza a adolescência. Essa é uma fase de mudança de perspectivas, de pensamento ou perpetuação da herança social materializada nas atitudes dos adolescentes.

Agora complicou! As mudanças físicas não fazem parte então desse momento? Vamos agora analisar esse aspecto.

O início da adolescência é marcado por essas mudanças biológicas, denominada de puberdade, que vem do latim *pubertate*, e significa cobrir-se de pêlo na região púbica. É o período em que o ser humano está apto, pronto para a procriação.



Já adolescência, que vem do latim *adolescencia*, e significa período de crescer, de desenvolver, não depende da puberdade para se fazer presente, pois as mudanças ocorridas durante esse período transcendem o aspecto biológico.



No falar de Moragas (apud GRIFFA; MORENO, 2008, p. 11), a puberdade, entendida como uma mudança radical das estruturas bioquímicas e morfológicas do soma, é precedida, acompanhada ou seguida de um período adolescente. O contrário, porém, não é exato. Se, devido a transtornos somáticos, a puberdade não ocorrer, ou ocorrer de forma muito atenuada, nem por isso a adolescência deixará de se manifestar no indivíduo.

Podemos perceber, portanto, que a puberdade pode ser considerada o marco inicial da entrada na adolescência, mas não é requisito obrigatório. A adolescência se caracteriza pelas mudanças psicológicas, de valores, que distingue da fase da criança e do adulto.

2. Contribuições dos estudos sobre Adolescência

Começamos com W. Stanley Hall, praticamente, o primeiro psicólogo e educador a pesquisar sobre adolescência. Defende que a idade correspondente da adolescência seria 12 aos 24 anos, aproximadamente. Essa fase é tão importante, que Hall denomina de segundo nascimento, pois representa transição e turbulência; e todos nós passamos por isso.

Nesse mergulhar na compreensão da adolescência, Ana Freud, a filha de Freud, assevera que os adolescentes são extremamente egoístas, ver-se como o centro de todas as coisas, mas ao mesmo tempo, chegam a ser generosos, devotos, e até se auto-sacrificam em determinadas situações.

O psicólogo Otto Rank trouxe a sua colaboração, ao assegurar que a fase mais importante da vida humana estaria na adolescência, já que esta se constitui como a passagem da dependência para a independência.

Segundo a psicanalista Arminda Aberastury, o que especifica o ingresso na adolescência seria a necessidade de adentrar no mundo dos adultos. Para ela, a evolução corpórea e o desenvolvimento da sexualidade são compreendidos pelo adolescente como o aparecimento de um novo papel, que transforma a sua posição na sociedade.

¹Organismo considerado como expressão material, em oposição às funções psíquicas.

Além desses aspectos, Arminda defende que o adolescente passa por três fases de luto: luto pelo corpo infantil, uma vez que sofre transformações significativas em termos biológicos; o luto pela identidade e pelo papel da família, pois as transformações anteriores desencadeiam mudanças de identidade, de papéis e por isso começa a buscar novas identidades. E por último, o luto pelos pais da infância, pois ao mesmo tempo que procura se desvincular dos pais, ter a sua independência, nas horas de dificuldades procura a ajuda paterna e materna.



Já para o psiquiatra Maurício Knobel, o adolescente representa uma população vulnerável, porque são depósitos de todas as mazelas sociais; principalmente do contexto adulto, como por exemplo: a prostituição, a violência, o vício, a promiscuidade sexual, que são associados à fase da adolescência, mesmo que não estejam presentes somente nesse momento da vida. Segundo Knobel, esses fenômenos tendem a aumentar na adolescência, pois nessa fase, são mais vulneráveis.

Para filósofo, teólogo e pedagogo Romano Guardini, a crise da passagem da infância para a adolescência perpassa por dois aspectos, ou como ele denomina, por dois impulsos humanos básicos: a afirmação individual e a tendência sexual.

No campo da afirmação do eu, o autor aponta que o objetivo do adolescente é de diferenciar-se dos outros, sendo ele mesmo; ou seja, não ser o que o pai ou a mãe ou o responsável desejam que seja; "é ter um julgamento próprio sobre o mundo e uma situação exclusiva nele; é chegar a ser 'eu mesmo' para aproximar-se dos demais, considerando-os como 'o outro', enquanto ele é um 'eu'. (GRIFFA; MORENO, 2008, p. 18). Além desses aspectos, Guardini, defende a existência de duas características básicas dessa fase: força vital e falta de experiência da realidade.

Podemos observar que essas teorias que apresentam as tarefas e características dos adolescentes são bastante complexas. E, com fins didáticos, os estudiosos definiram três fases da adolescência, com vistas a descrever as diversas tarefas presentes nessas fases.

Mas antes de adentrarmos nesse assunto, vamos sistematizar o que estudamos?



Mãos à obra

1. Responda às questões a seguir:

a) Qual a diferença entre adolescência e puberdade?

b) Qual a relação existente entre puberdade e adolescência?

2. Elabore um quadro destacando os teóricos e as teorias sobre a adolescência, conforme o modelo abaixo:

Teóricos	Teorias (aspectos principais)



Atenção!

Fig. 02



Otto Rank (1884-1939) era um estudante de 21 anos quando encontrou Sigmund Freud. Rank seguiu adiante para fazer um doutorado em psicologia e por fim tornou-se par de Freud. Ele via cada pessoa como um artista cuja tarefa final é a criação de uma personalidade individual. Para Rank, o neurótico é um artista manque, uma pessoa cujo forte impulso criativo é frustrado pelo uso negativo da vontade.

http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/mauricio_knobel_morre_aos_85_anos_3.html

Foi presidente do Departamento de Psiquiatria da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas, da Regional Campinas da Sociedade de Medicina Psicossomática, da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil e da Comissão Assessora de Saúde Mental do Estado de São Paulo.

Entre diversos outros cargos, ocupou a vice-presidência da Associação Mundial de Psiquiatria Dinâmica e da Federação Internacional de Psicoterapia Médica, foi consultor da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e membro da comissão científica da Universidade de Londrina. Idealizou e dirigiu o Centro de Prevenção ao Suicídio em Campinas.

Teve mais de 300 trabalhos científicos publicados, além de ter escrito 52 capítulos de livros e 12 livros, entre os quais *Adolescência e família* (1971), *Adolescência normal* (1973), com Arminda Aberastury, *Psiquiatria infantil psicodinâmica* (1977), *A adolescência e a família atual* (1981), *Psicoterapia breve* (1986) e *Orientação familiar* (1992).

http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/mauricio_knobel_morre_

3. Fases da adolescência

Considerando que a adolescência corresponde, cronologicamente, entre os 12 aos 20 anos, e para alguns autores até os 24 anos, foi necessário que estabelecer fases para assim delimitar melhor as mudanças ocorridas durante este período. Assim, as fases da adolescência são:

3.1 Adolescência inicial ou primeira adolescência²

Essa fase inclui a puberdade, que nas mulheres ocorre entre os 11 e os 12 anos, e nos homens entre os 12 e os 13 anos de idade.

No campo do desenvolvimento corporal, ocorre em termos do tamanho e da forma do corpo. Existe uma diferenciação física entre os sexos. E o relacionamento com o outro do sexo oposto é percebido como perigoso, por isso a tendência é de relacionar-se com indivíduos de seu próprio sexo; daí a formação de grupos bem sólidos de meninos e meninas.



Fig. 03

3.2 Adolescência propriamente dita ou média ou segunda adolescência

Corresponde às idades de 12-13 anos até os 16 anos. Nesse momento, são construídas a identidade sexual e a pessoal, tornando-se mais definidas.

Fig. 04



Esses indivíduos começam a voltar-se para o sexo oposto e formar grupos mistos, compostos por meninos e meninas. Por isso, realizam atividades que possam aproximar-se, como bailes, esportes, festas.

Ocorre, ainda, o distanciamento afetivo da família, que deixa de ser o centro de interesse da pessoa. Nas tentativas de auto-afirmação, de busca pela independência são frequentes os atos de rebeldia em relação aos adultos, mais especificamente, aos pais, como forma de questionar a autoridade dos mesmos.

²Terminologia apresentada no livro A Psicologia dos jovens e adolescentes de 9 a 20 anos, cujo autor é Bernabé Tierno.

Mas ao mesmo tempo em que confrontam a autoridade dos adultos, submetem-se às normas de seu grupo, por estarem firmemente ligados a esse grupo, comumente denominado de "galera".

No campo afetivo, os adolescentes passam por conflitos e momentos de contradições. "A confusão e o descontrole são frequentes. É uma fase de busca do sentido da vida, de descoberta de valores e de preocupação ética" (GRIFFA; MORENO, 2008, p. 24).

3.3 Adolescência final ou alta adolescência

Não existe uma definição clara no que tange à idade correlativa a essa fase. Os critérios que podem ser utilizados são os mais variados, tais como: a inserção no mundo do trabalho, a responsabilidade legal, a separação dos pais, a capacitação profissional.

Mas, se consideramos os aspectos psicológicos como a identidade e a competência de estabelecer vínculos mais íntimos, as idades correspondentes para essas aquisições são entre os 16 e os 18 anos. É um período de escolha, de decisão do futuro profissional, que precisa tomar individualmente.



Observamos que a adolescência não é um período muito fácil, tanto para quem está se tornando adolescente quanto para aqueles que estão convivendo com os mesmos. Apesar da existência dessas fases, não podemos engessar os indivíduos, pois corremos o risco de nos tornarmos rígidos ao ponto de desconsiderar outros fatores que interferem nesse desenvolvimento do sujeito, ou até mesmo de estigmatizar os adolescentes, e assim não buscar formas de agir democraticamente junto aos jovens.

4. Características psicológicas

Apesar de termos estudado anteriormente algumas dessas características, existem outras que iremos apresentar agora; são elas:

- a) **Pudor perante o adulto e, sobretudo, diante de amigos que são do sexo oposto. Tanto as meninas quanto os meninos têm vergonha do seu corpo, são mais reservados, não gostam de serem vistos pelos adultos no momento em que estão trocando de roupa.**
- b) **Os meninos são bastante grosseiros e fanfarrões diante dos próprios amigos.**
- c) **Existe uma curiosidade extremamente excessiva no campo**

d) A vaidade entre as meninas se intensifica; buscam vestimentas e acessórios da moda.

e) Os meninos enfatizam mais os aspectos eróticos e as meninas os sentimentais e ternos.

f) Tanto o menino quanto a menina se preocupam com o físico. (TIERNO, 2007).

4.1 Outros aspectos importantes:

1. Desenvolvimento da inteligência: o adolescente tem capacidade para o uso do raciocínio lógico, dialético, pode pensar de forma sistemática, apresentar e averiguar hipóteses, buscar leis gerais, analisando-as, entre outras ações mais complexas.

2. O desejo de independência manifesta-se em atitudes como:

a) Sair e chegar em casa sem hora marcada;

b) Ter seu próprio quarto e chave para fechá-lo;

c) Ter um diário que mantém escondido;

d) Ter dinheiro para comprar o que deseja;

e) Escolher seus amigos, escola, atividades extra-escolares sem interferência dos adultos;

f) Mostrar-se egoísta e apenas cumprimentar as pessoas;

g) Utilizar o seu próprio critério na escolha de amizades, namoros, entre outros aspectos;

h) Vestir-se de acordo com seu gosto, seguir a moda (TIERNO, 2007).

3. Necessidades mais imprescindíveis:

Para Tierno (2007), as necessidades que precisam de nossa atenção, são:

a) Ter próximo a ele alguma pessoa que entenda seus problemas;

b) Ter alguém que compartilhe suas experiências e sonhos;



- c) **Saber que pertence a um grupo e que é aceito pelo mesmo;**
- d) **Expressar seus sentimentos e ideias;**
- e) **Preparar-se para experimentar comportamentos que não havia experimentado anteriormente;**
- f) **Contar com o exemplo de comportamento maduro dos pais (TIERNO, 2007, p. 49).**

Podemos observar que, apesar da busca pela independência, o adolescente necessita de apoio dos adultos, e estes precisam ter diplomacia, autoridade, mas sem ser autoritário, para que possam ajudar os jovens durante essa fase de novo nascimento. O professor, também, é importante nesse processo, pois a forma como se relaciona com seus alunos pode auxiliá-los nos dilemas da vida, como namoro, escolha da profissão, entre outros aspectos.

Para aprofundar a temática, sugerimos que garimpe a leitura complementar, onde existe parte de um texto que aborda as mudanças físicas presentes na adolescência e esmiúça o desenvolvimento cognitivo do adolescente.

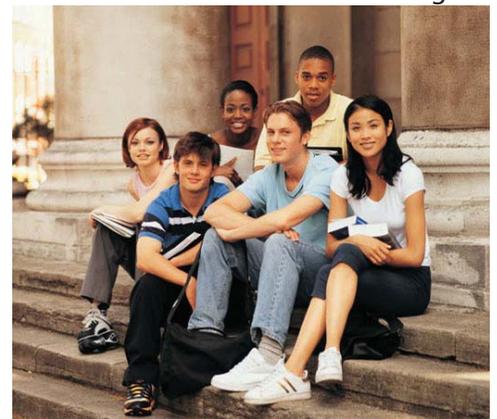


Fig. 05

Mãos à obra

Descreva as maiores dificuldades que você identifica no campo da adolescência e relacione-as com as fases da adolescência, apresentadas anteriormente.



Um passo a mais

Para conhecer um pouco mais sobre a temática da adolescência, ler o livro "O que é adolescência?" autor Daniel Becker. São Paulo: Editora Brasiliense. Coleção: Primeiros Passos. Neste livro, o autor detalha vários aspectos relacionados à adolescência, perpassando pelas transformações físicas até as sociais.

Outro livro muito interessante é "Adolescentes: quem ama educa", de Içami Tiba. Neste livro, o autor traz contribuições em vários aspectos:

1. Amor, sob todas as formas;
2. Gratidão, reconhecendo os benefícios recebidos;
3. Cidadania, sendo responsável;
4. Religiosidade, procurando uns aos outros;
5. Disciplina, como qualidade de vida e convivência;
6. Solidariedade, para poder compartilhar;
7. Ética, o que é bom para você, é bom para o outro.



Autoavaliação

Analise a seguinte frase:

"Um dos objetivos da adolescência é conseguir a independência afetiva de seus pais; porém, temos de refletir até que ponto nós, como pais e sociedade permitimos isso".

Não se esqueça de destacar os pontos positivos e negativos dessa independência; e até que ponto os pais e a sociedade devem interferir.



GRIFFA, Maria Cristina; MORENO, José Eduardo. Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento: adolescência, vida adulta e velhice. São Paulo: Paulinas, 2008.

TIERNO, Bernabé. A Psicologia dos jovens e adolescentes de 9 a 20 anos. São Paulo: Paulus, 2007.

Maurício Knobel. Revista Mente e Cérebro. Edição 209. Junho 2010. Disponível em http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/mauricio_knobel_morre_aos_85_anos_3.html. Acessado em 06 junho de 2010.

Fonte das Figuras

Fig. 01- <http://juizdeforaonline.files.wordpress.com/2009/09/dsc06920.jpg>

Fig. 02- <http://www.crystalinks.com/rank.jpg>

Fig. 03- <http://content.fibers.com/blog/wp-content/uploads/2009/08/7th-grade-fashion.jpg>

Fig. 04- <http://www.liesyoungwomenbelieve.com/assets/images/group%20of%20teen%20guys%20and%20girls.jpg>

Fig. 05- <https://www.ocps.net/cs/SiteCollectionImages/steps.jpg>



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes



As fases do desenvolvimento do adulto

Aula
09

Apresentação e Objetivos



Muito temos estudado sobre o comportamento humano. Vimos que a Psicologia enquanto ciência esmiuçou o conhecimento sobre o sujeito homem, analisando o seu comportamento. Surgiram, então, correntes que defenderam ideias nesse campo, como o Behaviorismo, a Gestalt e a Psicanálise. Posteriormente, surgiram outros estudiosos com ideias sobre como ocorre o desenvolvimento do indivíduo, as quais algumas enfatizam um determinado aspecto, seja no campo cognitivo (Piaget), seja no social (Vygotsky), seja no emocional e global (Wallon), abrangendo várias idades ou fases. Contudo, não explanavam, não objetivavam trazer uma análise mais ampla de outros momentos, como a adolescência e o desenvolvimento adulto. Todavia, existiu um estudioso que mergulhou nesses dois momentos de nossa vida: Erik Erikson, que já foi estudado em outra aula.

Como já estudamos até a adolescência, vamos agora compreender – um pouco mais – sobre a fase em que muitos de nós nos encontramos: a adulta.

Os objetivos, portanto, desta aula são:

- ▶ Compreender as fases de desenvolvimento no adulto.
- ▶ Identificar os aspectos positivos e negativos das teorias voltadas para o desenvolvimento do adulto.





Para começar

Quando somos adolescentes, não vemos a hora de chegarmos à maior idade, sermos adultos; pois, queremos dirigir, sair sem hora para chegar, beber, namorar, ter dinheiro, fazer escolhas sem interferência total dos outros. Mas, por outro lado, temos muitas responsabilidades, como: pagar contas, educar os filhos, trabalhar, entre outras obrigações.

O interessante é que, durante as nossas vidas como adultos, pensamos que já aprendemos o necessário, que não há mais aspectos para serem desenvolvidos, pois chegamos ao ápice do nosso desenvolvimento.

Contudo, estudiosos do comportamento humano nos trazem informações valiosas quanto ao desenvolvimento do adulto.

Vamos estudar os detalhes desse processo?



Assim é

1. Os primeiros estudos no campo do desenvolvimento do adulto

A sociedade passou por várias mudanças em muitos aspectos; fato que tem impulsionado o estudo da relação entre passado e futuro na formação da personalidade.

O número de estudos em relação ao adulto tem-se intensificado. Contudo, o início dessas pesquisas foi nas décadas de 40 e 50; mas somente na década de 70 é que esses estudos são reconhecidos, devido ao fato de que o número de pessoas com mais de 60 anos tem aumentado nos últimos anos.

Esses estudos iniciais enfatizavam apenas a questão da velhice e consideravam o avanço da idade como uma dificuldade; fato impulsionado pelos estudos que eram realizados em instituições para idosos, trazendo a representação da velhice como um momento de solidão, de abandono, de saúde frágil.

Mas, o interesse de um número maior de pesquisadores desmistificou esse tipo de conotação, pois muitos utilizaram outras variáveis, como idade, classe social, profissões e culturas.

Esses estudos trouxeram mudanças nas análises no campo do

desenvolvimento do adulto, como a descoberta de que a referência para estudar esse campo era inadequada, pois as análises eram baseadas na Psicanálise, a qual defende que as experiências e traumas vividos durante a infância refletem no desenvolvimento emocional futuro; e por isso, os pesquisadores estudavam apenas a história de vida do sujeito.

As pesquisas concluíram que, durante o ciclo de nossas vidas, as mudanças psíquicas são contínuas, e por isso o desenvolvimento psicológico do adulto não pode ser estudado apenas sob um parâmetro, no caso, a infância.

Durante esse período, surgiram várias teorias, convergindo em duas premissas: a primeira defende que o desenvolvimento do adulto passa por fases; e a segunda não concorda com essa afirmativa.

A seguir, estudaremos essas fases.

1.1 As fases do desenvolvimento do adulto

Existem autores que apontam a existência de três fases, que seriam: a idade adulta jovem, a maturidade e a velhice (CÓRIA-SABINI, 2008). Já outros autores apresentam quatro fases: juventude ou segunda adolescência (18-25 anos), a vida adulta jovem ou precoce (25 a 30 anos), a vida adulta média (30 a 50 anos), amadurecimento adulto e crise da meia-idade; e por fim, a vida adulta tardia ou segunda vida adulta (50 a 65 anos). Essas fases são percorridas por Griffa e Moreno (2008), e serão delineadas a seguir.

a) Juventude e vida adulta jovem

Essa fase corresponde à idade de 18 a 25 anos; é denominada de juventude ou adolescência superior, devido o prolongamento não natural da adolescência na sociedade contemporânea. Lembrando de que depende muito da classe social e do aspecto cultural em que se encontram, pois para o adolescente da classe pobre, geralmente, essa fase é muito breve, uma vez que se insere no mundo do adulto, no mundo do trabalho como meio de sobrevivência. Já para o jovem da classe com maiores condições financeiras, esse período é mais longo, pois permanece mais tempo nos estudos.



Destacamos, ainda, que nesse período, o desenvolvimento cognitivo já atingiu o auge, pois – conforme Piaget – estaria no estágio de operações formais¹.

Existem outras características, tais como:

- ▶ Mudanças ficológicas tanto no aspecto físico e intelectual diminuem;

¹ Para mais detalhes, retornar ao módulo referente a Piaget e ao desenvolvimento do adolescente no campo da leitura complementar.

- ▶ Ingresso na vida social de forma completa;
- ▶ Início no trabalho ou no ensino superior;
- ▶ Início na vida matrimonial;
- ▶ Auto-sustento social, psicológico e econômico;
- ▶ Vivência de conflitos na hora de escolha da profissão;
- ▶ Maior dedicação ao trabalho e à família;
- ▶ Auto-exigentes;

Busca pela realização pessoal.

É importante frisar que algumas das características mencionadas fazem parte de um contexto mais geral, e ocorrem normalmente. Todavia, existem exceções, no caso pessoas que ingressam nessa fase, de forma antecipada, casam antes dos 18 anos de idade, estão no mercado de trabalho informal, se sustentam, amadurecem mais rapidamente devido às circunstâncias da vida.

Existem, ainda, outras pessoas que adiam o seu ingresso no mundo dos casados, por vários motivos: como prioridade para a vida profissional, falta de maturidade emocional, ilusões, entre outros fatores.

No que tange à característica física, esta se encontra em pleno vigor, energia, resistência. Os homens chegam a sua altura máxima por volta dos 21 anos de idade e a mulher, aos 18 anos de idade.

É interessante pontuar a existência de estudos destacando que nessa idade, o número de doenças é mínimo. O índice de mortalidade, na maioria das vezes, deve-se a acidentes ou atos violentos; fato que ocorre mais entre os homens do que nas mulheres.





Atenção!

Esta fase denominada de Juventude e vida adulta jovem, Levison (apud GRIFFA; MORENO, 2008) a divide em três estágios, em que o primeiro seria a **saída do lar**, que aconteceria entre os 18 a 24 anos, adquirindo maior independência em relação aos pais e maior contato com outras instituições como universidades, empresas, entre outros.

O segundo estágio seria o **ingresso no mundo adulto**, que aconteceria aos 24 anos a 28 anos. Nesse momento, ele adquiriu maior autonomia e constitui uma vida mais estável.

O terceiro estágio é denominado de **transição para a quarta década**, que corresponde as idades de 28 a 33 anos. Caracteriza-se na busca pela reafirmação das conquistas anteriores, e liberação das atividades diárias para garimpar outras oportunidades, outras perspectivas de vida, como voltar para fazer um curso superior que gostaria de ter realizado, mas por fatores superiores, não realizou.

Salientamos, contudo, que esses estágios propostos são de uma forma geral, e que existem algumas especificidades, como no caso do terceiro estágio; nesse estágio, têm pessoas que se acomodaram, que não querem ou não precisam buscar ampliar seus horizontes, por várias situações.

Ao adentrarmos no aspecto das relações interpessoais, pesquisadores destacam a existência de três níveis de relacionamento. O primeiro seria baseado na questão da tarefa, ou seja, o relacionamento com o outro seria mediado por uma atividade em comum, como a elaboração de um projeto, ou então dois adultos trabalham juntos para a montagem de uma máquina. Nesse momento, a relação interpessoal é facilitada pela tarefa de troca de ferramentas para a montagem.

O segundo nível seria baseado no conjunto de regras estabelecidas pelo grupo. Para ter essa relação, cumprimos tais normas com o objetivo de sermos aceitos.

Por fim, o terceiro nível seria o da intimidade. Nesse caso, não predomina nem a relação mediada pela tarefa e nem pelas normas estabelecidas pelo grupo, mas sim pela "abertura pessoal para o conhecimento mútuo em profundidade" (GRIFFA; MORENO, 2008, p. 82).

As relações interpessoais são permeadas por uma proximidade mais íntima como namoro, noivado, companheirismo. São baseadas no amor, no estar junto, na necessidade do outro.

Mãos a obra

Elabore um resumo sobre as características da primeira fase do desenvolvimento do adulto. No final do resumo, faça as suas considerações pessoais quanto aos aspectos apresentados.

Fig. 01



b) Vida adulta média: amadurecimento e crise da meia-idade

Este é o momento da idade adulta propriamente dita, corresponde à idade de 30 a 50 anos. O sujeito compreende que a sua vida já adquiriu uma direção mais definitiva, que ele está mais próximo da velhice, e começa a avaliar o seu percurso até então.

Durante a passagem para a vida adulta média, esta é marcada mais por um estado de ânimo do que por mudanças físicas, as quais se manifestam na dilatação e aumento do corpo.

Griffa e Moreno (2008) apontam algumas peculiaridades marcantes desse estágio:

- ▶ Capacidade de maior concentração, perseverança e resistência;
- ▶ Aumento da experiência pessoal;
- ▶ Crescimento das atividades individuais;
- ▶ Predominância da estabilidade, profundidade e sossego;

- ▶ Sentimentos mais profundos e perduráveis;
- ▶ Necessita sentir-se necessária, precisa de alento naquilo que produziu e de que deve cuidar. Erik Erikson denomina essa particularidade de *capacidade generativa*, que consiste na preocupação em orientar as futuras gerações.

Quanto ao aspecto do amadurecimento, Erik Erikson afirma que ocorre quando o indivíduo, “[...] de alguma forma, cuida de coisas e de outras pessoas, consegue adaptar-se aos triunfos e desilusões próprios do ser que gera, de outros seres humanos ou produtos e ideias, marcas que testemunham sua passagem pelo mundo” (GRIFFA, MORENO, 2008, p. 85).

Esse amadurecimento, contudo, não significa, necessariamente, que com o passar da idade, a pessoa a amadureça. Existem indivíduos que, mesmo com o avançar da idade - tendo passado pelos processos de desenvolvimento ao longo da sua vida - apresentam amadurecimento inferior. Já existem outras pessoas que, mesmo apresentando qualidades menores e mais limitadas, o amadurecimento é maior.

Amadurecer é muito mais do que crescer fisicamente ou no desenvolvimento; implica em orientar a sua vida segundo o sentido da sua existência; é aceitar seus próprios limites; é mudar a si mesmo; é buscar a sabedoria.

Ainda sobre as características presentes no amadurecimento, C. Pedrosa (apud GRIFFA; MORENO, 2008 p. 87) afirma que esse amadurecimento só pode ser atingido na fase adulta, e que apresenta as seguintes peculiaridades:

- ▶ Harmonia das funções que supõem autogoverno;
- ▶ Visão global objetiva do mundo. Supõe experiência vital e a saída de si mesmo, assim como inclusão da morte no plano de vida;
- ▶ Aceitação das limitações e possibilidades, tanto da realidade externa quanto interna;
- ▶ Aceitação de responsabilidade; independência e espontaneidade no pensamento e na ação;
- ▶ Autoconfiança e serenidade.

São interessantes esses aspectos, pois quando somos muito jovens, queremos fazer muitas coisas, ultrapassamos nossos limites. Até mesmo quando chegamos aos 30 anos, fazemos coisas que desafiam as nossas possibilidades, e por isso nos estressamos.

Um exemplo bem claro disso é na profissão de professor ou médico ou enfermeiro. Temos conhecimento de casos em que professores, por terem ultrapassado seus próprios limites, foram ao médico com alto nível de estresse. O médico, então, receitou quinze dias de descanso; e o docente ainda perguntou o que seria dos alunos e das aulas; e o doutor disse que se não cumprisse estes quinze dias, ele daria 30 dias de atestado, pois era imprescindível o descanso,

uma vez que o estresse já estava prejudicando a sua saúde.

Com o avanço da idade, compreendemos e aceitamos as nossas limitações, acreditamos que o professor não faria mais exageros para cumprir as suas aulas. Respeitaria os seus limites.

E a questão da crise da meia-idade? Como isso ocorre?

A crise da meia-idade ocorre, geralmente, nas idades de 35 a 45 anos, pois o adulto começa a sentir o peso do passado e a proximidade com o fim. Percebe que os melhores anos da sua vida já passaram; fato que pode levá-lo a uma depressão.

Vive o luto da juventude e se arrepende das conquistas ou metas não alcançadas, e que algumas delas nunca serão atingidas, mas que outras podem ser retomadas, pois ainda há tempo.

Essa crise atinge ambos os sexos. No caso da mulher, esta passa pelo climatério feminino, caracterizado pela irritabilidade, insônia, ansiedade e depressão, e pode aparecer – em sua grande maioria – antes da menopausa, que ocorre em média entre os 45 e os 53 anos de idade.

Essa crise pode ser intensificada quando a mulher, por uma situação grave, precisa retirar o útero, os ovários, determinando o fim da maternidade.

Para os homens, a crise se materializa pelo receio em perder o vigor sexual, o prazer sexual; e algumas vezes se envolvem com novos relacionamentos com o objetivo de sentirem mais jovens.

Nesse período, acontece uma maior preocupação com a aposentadoria.



Mãos à obra

Faça a leitura deste momento de amadurecimento do adulto; em seguida, analise os adultos da sociedade atual e descreva até que ponto houve amadurecimento e que desafios estão vivendo; e informe se estimulam ou não esse amadurecimento.

c) Vida adulta tardia ou segunda vida adulta

Corresponde à idade de 50 a 65 anos. Esse estágio caracteriza-se pela afirmação de si mesmo através do casamento, da realização profissional e pessoal. Concomitantemente, percebe o declínio físico, agora marcado pelas rugas, a capacidade física é menor, há a perda do vigor, aumenta também a queda de cabelo. Surge certo cansaço físico. Por essas e outras circunstâncias, a pessoa tem um sentimento de inferioridade em relação ao jovem, mas ao mesmo tempo passa a ser considerada como uma pessoa de idade.

Fig. 02



A foto refere-se a pessoas com 50 anos estudando.

Muitas pessoas sofrem durante o período de envelhecimento, pois ainda se encontram presas no ideal de eterna juventude. Um número bastante elevado faz plástica para ficar mais jovem. Outras pessoas se tornam hostis em relação aos jovens, criticam a sua maneira de ser; mas, na verdade, estão escondendo a inveja da juventude deles.

Há outro grupo de pessoas, como as solteiras, viúvas ou separadas, que passam pelo medo da velhice solitária. Já para os casados e com filhos, estes, pelo fato de estarem crescidos, casados ou morando sozinhos, desencadeiam o sentimento nos pais, denominado de síndrome do ninho vazio que, para as mulheres, a sensação é de um novo parto. Nesse período, o casal precisa refazer seus planos e pensar em sua relação matrimonial.

Há uma valorização da espiritualidade, que se manifesta em ações de caridade, idas à igreja, preocupação com o próximo.

d) A velhice

Considera-se uma pessoa nesta fase quando tem mais de 65 anos. Não é fácil envelhecer numa sociedade predominantemente jovem, ou então num país que está envelhecendo e não está preparado a atender às necessidades desse novo perfil social.

Nesse estágio da vida, surge um novo desafio que precisamos superar: a perda do trabalho, da autoridade na família, da funcionalidade no grupo, entre outros aspectos.

Os familiares e a sociedade desvalorizam o processo de envelhecimento, bem como os idosos; não existe mais respeito a esse grupo de pessoas, são consideradas – na maioria das vezes – como um peso social, pois não são vistas como produtivas. Na sociedade contemporânea, o sujeito vale enquanto se pode aproveitar dele e se tem bom rendimento.

Fig. 03



Griffa e Moreno (2008, p. 99) apontam alguns fatores que influenciam de forma negativa no processo de envelhecimento:

Privação de uma atividade ocupacional; condenação à passividade: a aposentadoria, às vezes, mais do que um direito adquirido, é uma verdadeira condenação social e econômica;

- ▶ Doenças físicas e enfraquecimento corporal;
- ▶ Lentidão das funções psíquicas;
- ▶ Diminuição ou exclusão das atividades prazerosas e agradáveis da vida;
- ▶ Medo diante da aproximação da morte.

Apesar desses pontos negativos, hoje existem ações e políticas em prol da inclusão desses idosos; entre elas, destacamos a criação do Estatuto do Idoso, resultado do Projeto de lei nº 3.561 de 1997, que respalda a garantia do idoso a todos os aspectos necessários à prática da sua cidadania, como também o direito à saúde, ao lazer, entre outros elementos.

Nesse contexto, algumas instituições, como por exemplo, o IFRN, busca alcançar a inclusão desses idosos através da realização de atividades físicas para idosos, e inclusive, a instituição referendada organizou jogos esportivos para esse grupo. Além disso, existem áreas de lazer para os idosos.

No campo da sexualidade, o governo tem realizado campanhas para o uso de preservativo, pois existem idosos que estão contaminados com doenças sexualmente transmissíveis.

Mesmo que sejam ações pontuais, já é uma mudança significativa na forma de atender e entender o idoso.



Um passo a mais



Para aprofundar a temática em questão, indicamos assistir ao filme "Clik", dirigido por Frank Coraci, lançado no ano de 2006. O filme retrata a história de um empresário que deseja sucesso em sua vida, e adquire um controle remoto, que possibilita que passe determinados períodos de sua vida. Ao final, descobre que perdeu muito tempo, muitas vivências. É uma reflexão para nós: aproveite cada momento de sua vida, pois é única.

Recomendamos, ainda, a leitura do artigo sobre o desenvolvimento do adulto presente na leitura complementar, bem como dos trechos do livro indicado na referência, que também estão no campo da leitura complementar do módulo.

Já sei!



Aprendemos, nesta aula, que o desenvolvimento do adulto também passa por fases, que se distinguem. Observamos que esse período não é fácil, pois transformações ocorrem em nossas vidas, e nos fazem refletir sobre o que realizamos até o momento. A velhice é outra fase emaranhada de dificuldades, já que o vigor não é mais o mesmo e a sociedade não está pronta para atender às necessidades dos idosos.

É importante lembrar que, ao conhecermos as fases do adulto, torna-se mais viável a adaptação das ações pedagógicas para cada grupo.

Autoavaliação



Realize uma entrevista com algum idoso, perguntando sobre as maiores dificuldades que enfrenta - tanto no aspecto físico quanto social. Posteriormente, escreva uma redação (com no mínimo um paper) com as informações obtidas, utilizando como fonte e subsídios para a análise dos dados obtidos, o material da aula ou então, proveniente da internet.



Referências

GRIFFA, Maria Cristina; MORENO, José Eduardo. **Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento: adolescência, vida adulta e velhice**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do Desenvolvimento**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 2008.

Fonte das figuras

Fig. 01- http://windsormedia.blogs.com/photos/uncategorized/women_shopping.jpg

Fig. 02- <http://www.ihes.com/bcn/spanish/images/courses/class50s.jpg>

Fig. 03- <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=557748>



Licenciatura em Espanhol



Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes



As contribuições das teorias do desenvolvimento para a educação

Aula
10

As contribuições das teorias do desenvolvimento para a educação

Apresentação e Objetivos



Após estudarmos as várias teorias referentes ao desenvolvimento do ser humano, vamos, nesta aula, entender o porquê de termos feito um passeio no campo da Psicologia do Desenvolvimento.

Para averiguarmos essa proposição, iremos apresentar em que aspecto cada teórico estudado contribuiu ou contribui na educação, na formação do professor.

Assim, os objetivos da nossa aula serão:

- ▶ Analisar como essas teorias estão presentes na educação.
- ▶ Identificar os aspectos positivos e negativos dessas teorias no campo da educação.





Para começar

No campo da educação existem várias políticas educacionais, propostas curriculares, metodologias baseadas na realização de projetos para ensinar os conteúdos. É comum, nas escolas, os estudos e mudanças no projeto político pedagógico com vistas a atender às novas propostas curriculares em nível nacional, que se encontram materializadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Quando lemos os parâmetros, mais especificamente, no livro introdutório, percebemos que este defende a utilização dos princípios construtivistas, que possui, entre os seus fundamentos teóricos, a teoria de Piaget.

Assim, no emaranhado de nossas ações pedagógicas estão presentes fundamentos da Psicologia da Educação, incluindo a do desenvolvimento e da aprendizagem. Assim, não teríamos como ensinar se não compreendêssemos como se aprende e o que isso acarreta no desenvolvimento do ser humano.

Vamos, então, conhecer a contribuição dessas teorias para a educação?



Assim é

Como foi comentado anteriormente, não existe prática pedagógica sem fundamentos didáticos, políticos, sociais e psicológicos. As aulas ministradas apresentam concepções sobre o processo de ensino e aprendizagem.

A contribuição da Psicanálise

Começaremos a nossa aula com a contribuição da Psicanálise para a educação. Mas, em que aspecto a Psicanálise tem uma ligação com a educação?

Alguns autores descartam a contribuição das ideias da Psicanálise para a educação. Todavia, ao final de sua vida, Freud direcionou os seus estudos no âmbito social, e afirma o papel da educação no controle dos impulsos humanos.

Outro princípio defendido por Freud encontra-se na relação de transferência: “é um processo psicológico, que consiste em transferir para pessoas ou objetos aparentemente neutros emoções e atitudes que existem no indivíduo desde a infância” (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 36). É uma relação emocional especial.

Essa transferência, para Freud, também ocorre na relação entre professor-aluno; o que permite que o aluno acredite ou não que pode aprender com o professor.

Freud ainda acrescenta que a educação pode se tornar uma atividade de sublimação, ou seja, de transposição do prazer sexual – que se refere a tudo que dá prazer, independentemente das relações genitais – para um prazer referente a uma atividade, mesmo sendo simples.

Sob essa vertente, Freud afirma que os papéis do educador e da escola são:



Conseguir o equilíbrio usando sua autoridade na correção educativa necessária, mas não de forma excessiva. Isso se deve ao fato de que a repressão ao extremo pode ocasionar traumas, mas a permissividade também é ruim, é prejudicial a sobrevivência humana.

É responsabilidade do educador o justo equilíbrio entre o prazer individual e as necessidades coletivas. Ele deve transformar a curiosidade em conhecimento, e não reprimir. Um exemplo disso tem acontecido em algumas escolas americanas, em que crianças, ainda na pré-escola, recebem aula sobre a sexualidade humana.

Por fim, ao educador também cabe a tarefa de conseguir o equilíbrio entre a permissão e a proibição, ou seja, sacrificar o mínimo de prazer sem entrar em choque com as exigências da sociedade. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 38 e 39).

De uma forma geral, a contribuição da Psicanálise está na compreensão, no entendimento do aluno como um sujeito com subjetividade e desejos, cujas manifestações, significados – muitas vezes – são de difícil compreensão. Possibilita, também, a compreensão de determinadas dificuldades a partir do momento em que oferece subsídios sobre o desenvolvimento da personalidade.

A contribuição de Wallon

Cabe lembrar que Wallon estudava a pessoa numa perspectiva completa, analisava o comportamento humano tanto no aspecto emocional, quanto cognitivo e motor, que se integravam, ou seja, havia

uma relação de interdependência entre eles. Além disso, para Wallon, não havia dicotomia entre o eu e o social, ambos tinham uma relação dialética.

Apesar dessa visão global do indivíduo, não propôs uma teoria pedagógica, mas elaborou textos sobre a educação, e juntamente com professores, participou de um projeto de reforma do ensino da França, que ficou conhecido por Projeto Langevin-Wallon.

Os textos produzidos se encaixam em duas categorias: a pedagogia explícita que apresenta teorias sobre a Educação Nova e sobre a Educação em geral; e a pedagogia implícita, que traz informações sobre a sua teoria psicogenética e sua atuação como docente.

Na análise que Wallon realizou sobre a Educação Nova, declarou que muitos teóricos dessa nova proposta educacional não conseguiram superar a dicotomia entre sujeito e sociedade. Para esse estudioso, autores como Ferrière, Claparède, Freinet, Dewey, Montessori, trouxeram contribuições parciais, pois não deram abertura à escola para a sociedade, uma vez que ora privilegiam o individual ou o social.

Os únicos autores que superaram essa dicotomia, e que asseguram a integração entre a formação da pessoa e sua inserção no social, possibilitando a formação integral do indivíduo são Decroly e Makarenko.

Decroly utiliza os centros de interesse em que o ponto de partida são as atividades da criança. A instrução inicia-se pela experiência pessoal de cada uma. O conhecimento é trabalhado de forma global. Decroly respeita o indivíduo em sua totalidade (eu e social).

Makarenko supera a oposição entre indivíduo e sociedade. Para esse autor, a formação da personalidade origina-se da interação com o meio social e as crianças têm direito de ser felizes. Essas são algumas de suas ideias.

De uma forma geral, Makarenko apresenta os objetivos que devem ser atingidos na educação, mas não preestabelece formas de ação, pois para esse autor, cada ser humano é diferente no tempo e no espaço.

Já no âmbito da Psicologia implícita, o autor afirma que:

O adulto, ao propor a conhecer a criança, deve considerar cada etapa do desenvolvimento da mesma.

Deve-se dar importância ao momento presente, pois cada etapa deve ser vivenciada com seus objetivos e necessidades, que vão variar de acordo com as condições de vida de cada criança, sendo essas questões

objeto de preocupação do professor.

É responsabilidade do adulto, e principalmente, do professor adequar o meio escolar às necessidades e possibilidades do seu educando.

Deve-se aproveitar as possibilidades da criança em cada fase, e para isso, precisa usar métodos diversificados para cada idade em formação.

Existem outros elementos defendidos por Wallon que influenciaram a reforma da educação francesa e que podem também contribuir com a qualidade do nosso ensino. Contudo, destacaremos uma: a relação professor-aluno.

Para Wallon, o respeitar o aluno é:

- ▶ Aceitá-lo no ponto em que está, o que significa conhecê-lo em sua etapa de formação e conhecer os meios em que se desenvolve;
- ▶ Não impor limites a seu desenvolvimento;
- ▶ Oferecer outros meios e grupos para que ele possa desenvolver suas ações;
- ▶ Aceitar que a educação é uma relação evolutiva, que vai se transformando e tende para a autonomia, para o ponto em que o aluno não precisa mais do professor (ALMEIDA, 2008, p. 82).

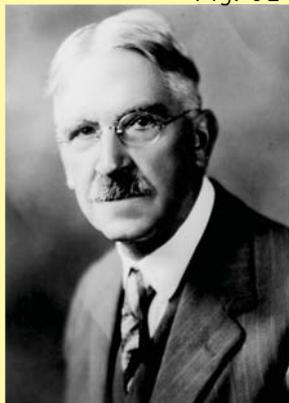
Essa forma de compreender a educação ultrapassa práticas obsoletas que apenas formam reprodutores e não pensadores. Forma apenas uma parte, como se o ser humano se constituísse apenas de um aspecto, esquecendo que existe uma inter-relação entre todos os elementos, sejam emocionais, cognitivos, motores ou sociais.

Mãos a obra

Informe quais são as contribuições da Psicanálise e da Teoria de Wallon para a educação, e como tais contribuições se materializam na escola.

Atenção!

Fig. 01

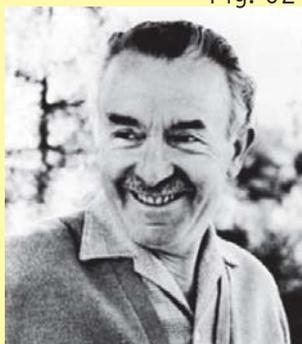


John Dewey (Burlington, Vermont, 20 de outubro de 1859 - 1 de Junho de 1952) foi um filósofo e pedagogo norte-americano.

Para Dewey, era de vital importância que a educação não se restringisse ao ensino do conhecimento como algo acabado – mas que o saber e habilidade adquiridos, pelo estudante, possam ser integrados à sua vida como cidadão, pessoa, ser humano.

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre

Fig. 02



Celestin Freinet (Gars, 15 de outubro de 1896 - Vence, 8 de outubro de 1966). Foi um pedagogo anarquista francês, importante referência da pedagogia de sua época, cujas propostas continuam tendo grande ressonância na educação dos dias atuais. Para Freinet, que iniciou a carreira docente em 1920, a educação deveria proporcionar ao aluno a realização de

um trabalho real. Sua carreira docente teve início construindo os princípios educativos de sua prática, em que enfocava que “ninguém avança sozinho em sua aprendizagem; a cooperação é fundamental”. Ele propunha uma mudança da escola, pois a considerava teórica e, portanto, desligada da vida. Suas propostas de ensino estão baseadas em investigações a respeito da maneira de pensar da criança e de como ela construía seu conhecimento. “A sala de aula deve ser prazerosa e bastante ativa, pois o trabalho é o grande motor da pedagogia”. Através da observação constante, ele percebia

onde e quando tinha que intervir e como despertar a vontade de aprender do aluno. A aprendizagem através da experiência se faz mais eficaz, porque se o aluno faz um experimento e dá certo, ele o repetirá e avançará no procedimento; porém não avançará sozinho, precisará da cooperação do professor. Fica claro que a interação professor-aluno é essencial para a aprendizagem. Para que ocorra esta sintonia, é necessário que o professor considere o conhecimento do aluno, já existente, e que é o fruto do meio em que vive. Estar em contato com a realidade em que vive, para o aluno, é fundamental. As práticas atuais de jornal escolar, troca de correspondência, trabalhos em grupo, aula-passeio são ideias defendidas e aplicadas por Freinet, desde os anos 20 do século passado.

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre

Fig. 03



Maria Montessori (Chiaravalle, 31 de agosto de 1870 - Noordwijk aan Zee, Países Baixos, 6 de maio de 1952). Educadora italiana, médica e feminista.

Maria Montessori, filha de Alessandro Montessori e Renilde Stoppani, nasceu como informa seu certificado de batismo, em 31 de agosto de 1870 a Chiaravalle AN.

Desde menina manifesta, interesse pelas matérias científicas, principalmente matemática e biologia, resultando em conflito com seus pais, que possuíam o desejo que ela seguisse a carreira de professora.

Indo contra as expectativas familiares, ela se inscreve na Faculdade de Medicina da Universidade de Roma, escolha que a levou a ser, em 1896, a primeira mulher a se formar em medicina na Itália. Após sua formatura, iniciou um trabalho

com crianças com necessidades especiais na clínica da universidade, vindo posteriormente dedicar-se a experimentar em crianças sem comprometimento algum, os procedimentos usados na educação dos que tinham comprometimento. Observou também, crianças que ficavam brincando nas ruas e criou um espaço educacional para estas crianças.

Responsável também pela criação do Método Montessori de Aprendizagem, composto especialmente por um material de apoio, em que a própria criança (ou usuário) observa se está fazendo as conexões corretas.

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre

As contribuições da teoria sobre o desenvolvimento de Piaget para a educação

Piaget – assim como Wallon, não elaborou uma teoria pedagógica. Contudo, muitos teóricos dessa área se valem das ideias piagetianas para elaborar propostas de ensino.

É importante ressaltar que a educação, numa proposta piagetiana, considera a atividade do aluno, estimula a ação do mesmo, que organize as suas ideias, suas atividades, a partir de um objetivo mais ou menos elaborado.

Para Piaget, é essencial que os professores produzam o material de acordo com o intelecto da criança, e não baseado numa compreensão restrita do desenvolvimento que, muitas vezes, apresenta-se na escola. E, no falar de Cury (1999), engessando a inteligência.

Na visão de Piaget, para o professor realizar essas atividades conforme o caminho intelectual do aluno, ele precisa entender a criança, seu desenvolvimento, e por isso, necessita observá-las.

Em sintonia com essa perspectiva, defende que, pelo fato de cada criança passar por estágios de desenvolvimento cognitivo e, por sua

Fig. 04



vez, cada etapa apresenta uma forma de resolução dos problemas, pois depende da estrutura mental da criança, cabe ao professor identificar a fase em que o aluno se encontra naquele momento.

Para tanto, o professor deve realizar uma observação minuciosa da estrutura cognitiva através das tarefas piagetianas. Diante disso, o professor faria, durante a aula, um levantamento do conhecimento prévio de seus alunos, para depois, introduzir um novo assunto.

Para Piaget, é incumbência da educação proporcionar a autonomia dos discentes a propiciarem o desenvolvimento cognitivo. Por isso, as formas de ensino apresentadas precisam ser reformuladas, pois não possibilitam a autonomia, mas sim a dependência cognitiva.

Segundo Zacharias (2008), as decorrências do pensamento da teoria de Piaget para a aprendizagem, são:

- ▶ Os objetivos pedagógicos necessitam estar centrados no aluno, partir das atividades do aluno.
- ▶ Os conteúdos não são concebidos como fins em si mesmos, mas como instrumentos que servem ao desenvolvimento evolutivo natural.
- ▶ A primazia de um método que leve ao descobrimento por parte do aluno, ao invés de receber passivamente através do professor.
- ▶ A aprendizagem é um processo construído internamente.
- ▶ A aprendizagem depende do nível de desenvolvimento do sujeito.
- ▶ A aprendizagem é um processo de reorganização cognitiva.
- ▶ Os conflitos cognitivos são importantes para o desenvolvimento da aprendizagem.
- ▶ A interação social favorece a aprendizagem.
- ▶ As experiências de aprendizagem necessitam estruturar-se de modo a privilegiarem a colaboração, a cooperação e intercâmbio de pontos de vista na busca conjunta do conhecimento.

Iremos estudar mais as contribuições da teoria piagetiana quando nós formos para a unidade referente à Psicologia da Aprendizagem.

A contribuição de Vygotsky

Conforme a teoria de Vygotsky, o sujeito é um ser ativo e interativo, que aprende e se desenvolve a partir da mediação do outro, que possibilita o acesso à cultura material e não-material. Em outras palavras, os conhecimentos adquiridos se formam a partir das relações intra e interpessoais.

No dizer de Zacharias (2008, p.1),

“É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência. Trata-se de um processo que caminha do plano social - relações interpessoais - para o plano individual interno - relações intrapessoais.”

Por aprendermos e nos desenvolvermos por meio dessas relações, a escola torna-se um lugar de aprendizado, em que a intervenção pedagógica precisa ser intencional, visando a chegada do aluno à Zona de Desenvolvimento Real.

Nesse contexto, o professor torna-se o mediador, aquele que irá interferir no processo de aprendizado, mediar o acesso ao conhecimento que a criança não consegue, ainda, adquirir sozinha. Ele tem o papel de proporcionar o acesso à cultura, provocando avanços em seus alunos, fato que se torna possível a partir do momento em que interfere na Zona de Desenvolvimento Proximal (refere-se ao que a criança realiza com a ajuda do outro).

Zacharias (2008, p.1) aponta que outro fator importante da teoria de Vygotsky para a educação refere-se à:

“atuação dos demais membros do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo, pois uma intervenção deliberada desses membros da cultura, nessa perspectiva, é essencial no processo de desenvolvimento. Isso nos mostra os processos pedagógicos como intencionais, deliberados, sendo o objeto dessa intervenção: a construção de conceitos.”

Apesar dessa intervenção direcionada do professor e da escola serem fundamentais, o aluno também deve ser considerado não somente como o sujeito da aprendizagem, mas também aquele que aprende com o outro, o que o seu grupo social produz, como valores, linguagem, conhecimentos, entre outros aspectos.

Vygotsky enfatiza o aprendizado, pois ele impulsiona o desenvolvimento. Por essa razão, destaca que o professor, ao estar atendo à Zona de Desenvolvimento Proximal, pode planejar suas atividades de forma a adiantar o desenvolvimento potencial dos seus alunos, tornando-o real.

Ainda nessa perspectiva, Carrara (2004) enfatiza que, para Vygotsky, o bom ensino é aquele que proporciona a aprendizagem e estimula o desenvolvimento. Contudo, para que esse bom ensino aconteça, é importante a existência de um processo de colaboração entre o professor e o aluno, em que aquele não deve fazer a atividade pela e nem para a criança, mas com ela, agindo como parceiro mais experiente, mas não no lugar da criança.



Um passo a mais

Para pesquisar mais sobre o assunto, os autores Bock, Furtado e Teixeira, em seu livro "*Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*" traz uma indicação de uma coleção de livros, muito interessante que aborda vários aspectos do desenvolvimento.

A autora referendada é Clara Regina Rappoport, que escreveu quatro volumes: o primeiro é *As teorias do desenvolvimento: modelo psicanalítico, piagetiano e de aprendizagem social*; o volume dois é *A infância inicial: o bebê e sua mãe*; o volume três, *A idade pré-escolar* e o volume quatro: *A idade escolar e a adolescência*; todos na perspectiva teórica do primeiro volume.



Já sei!

Aprendemos, nesta aula, que as teorias sobre o desenvolvimento influenciam nas práticas pedagógicas, como no caso da influência de Wallon, que intermediou a reformulação do ensino francês, defendendo a perspectiva da Escola Nova. Com Piaget, compreendemos que a criança constrói o seu conhecimento a partir da interação com o objeto. Por isso, temos que observar a fase de desenvolvimento em que se encontra essa criança para, assim, realizar atividades que correspondam às necessidades dos alunos. Já para Vygotsky, a escola e o professor têm um papel mediador do aprendizado, que por sua vez, desencadeia o desenvolvimento. Para tanto, o professor precisa planejar suas ações, considerando as Zonas de Desenvolvimento Proximal e Real.



Autoavaliação

Analisando as contribuições anteriores, como o professor pode criar novos interesses ou necessidades de conhecimento nos alunos?

Referências



ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Wallon e a educação. IN: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho (orgs). **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo, 2008.

CURY, Augusto. **Inteligência Multifocal: análise da construção dos pensamentos e da forma de pensar**. São Paulo: Cultrix, 1999.

MELLO, Suely Amaral. A Escola de Vygotsky. IN: CARRARA, Kester (org). **Introdução à Psicologia da Educação: Seis abordagens**. São Paulo: 2004.

SHIRAHIGE, Elena Etsuko; HIGA, Marília Matsuko. A contribuição da Psicanálise à Educação. IN: CARRARA, Kester (org). **Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens**. São Paulo: 2004.

ZACHARIAS. Vera Lúcia Câmara. Piaget. Disponível em: www.centrodereferenciaeducacional.com.br. Acessado em 17.09.2008.

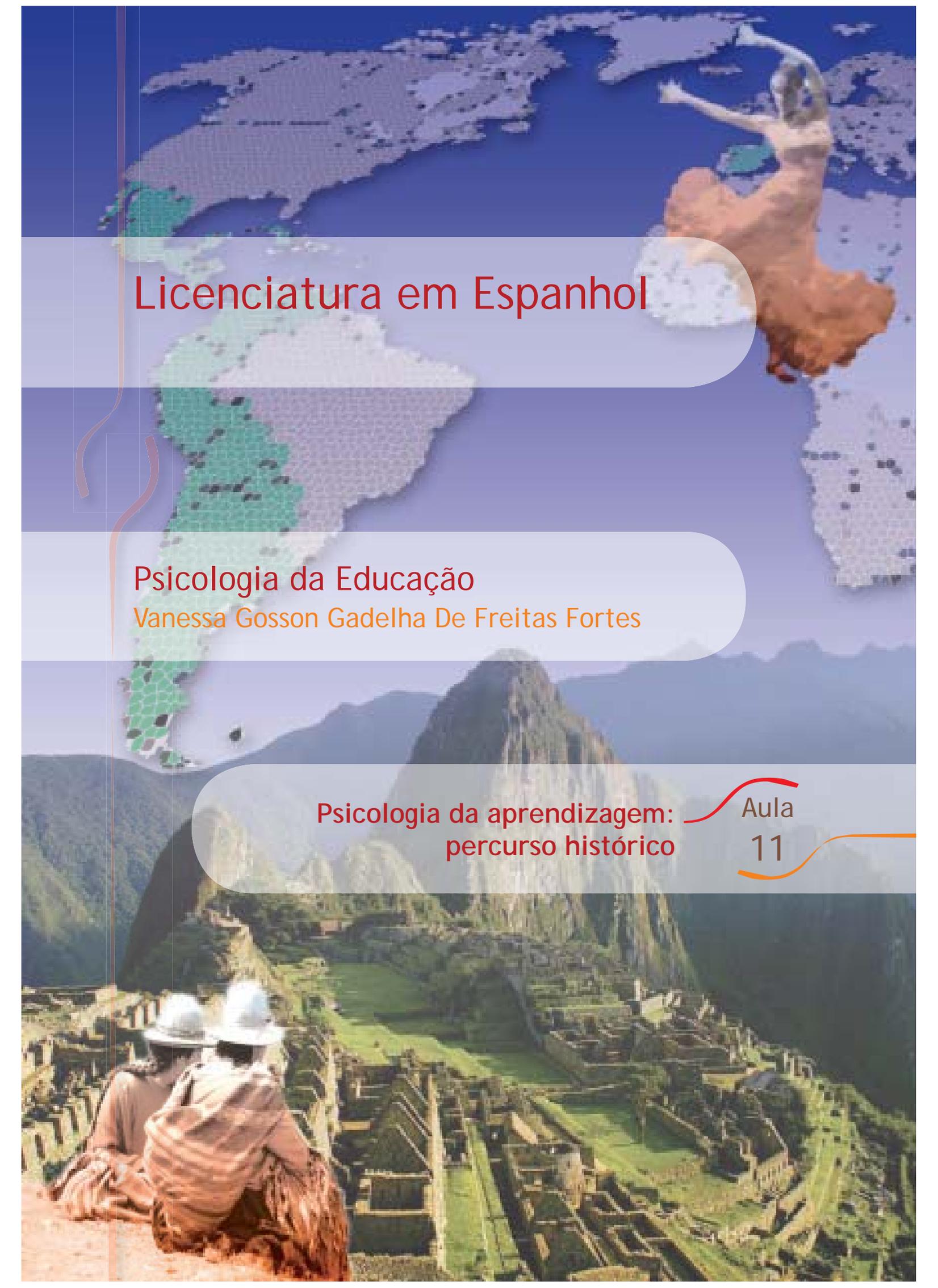
Fonte das figuras

Fig.01 - <http://media-2.web.britannica.com/eb-media/23/133723-050-51FCC66F.jpg>

Fig.02 - http://www.escolacurumim.com.br/wp-content/uploads/2009/04/pedagogia_freinet1.jpg

Fig.03 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e2/Maria_Montessori.jpg

Fig.04 - <http://www.flickr.com/photos/dalbera/2738451853/sizes/m/>



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha De Freitas Fortes

Psicologia da aprendizagem:
percurso histórico

Aula

11

Apresentação e Objetivos



Não poderíamos deixar de adentrar no assunto sobre Psicologia da Aprendizagem, pois este muito do que somos é fruto do que aprendemos ao longo de nossas vidas.

Desta forma ao longo desta aula estudaremos elementos que nos auxiliam a compreender a pertinência dos conhecimentos fornecidos pela Psicologia da Aprendizagem que auxiliam em nossa prática pedagógica .

Os objetivos de nossa aula são:

- ▶ Conhecer origem da Psicologia da Aprendizagem;
- ▶ Identificar as principais contribuições da psicologia no campo da aprendizagem





Para começar

É comum, numa roda de conversa de mulheres, comentarmos sobre algo que é bom para, por exemplo, "chá de camomila é bom para os nervos. Aprendi isso com minha mãe". Em algum momento de nossas vidas, nós falamos que aprendemos algo com alguém ou em algum lugar.

Esse aprendizado gera mudanças em nossas vidas. Antes não sabíamos cozinhar; agora, alguém nos ensinou e fazemos a melhor torta de maçã, por exemplo.

E porque não dizer que, ao ingressar no curso à distância, alguns não sabiam utilizar a internet? Porém, com o auxílio das disciplinas na área de informática, aprenderam a usar o programa, e assim, galgaram outros espaços que não conseguiam até pouco tempo.

A nossa vida é aprender: aprendemos a falar, andar, o que comer, o que vestir, a nos comportar em diversos ambientes, aprendemos uma profissão, aprendermos ...

Diante disso, tanto para a escola quanto para o professor, conhecer os elementos que favorecem à aprendizagem é imprescindível à escolha dos objetivos e métodos para a aula, como também para proporcionar novas aprendizagens. Não devemos nos esquecer de que esses aspectos também estão interligados com o desenvolvimento.



Assim é

Fig. 01



Começamos observando os homens e os animais. Qual a diferença entre eles? Sabemos que nos animais mais, de 90% das suas ações são inatas, e suficientes para satisfazer as suas necessidades. Apenas uma porção muito pequena é aprendida, no caso de alguns animais, como por exemplo, cachorro que, durante o adestramento, aprende truques, como andar sob duas patas.

Mas, para a espécie humana, essa proporção é inversa, ou seja, uma porcentagem muito pouca é inata; a maior parte do nosso comportamento ou de nossas ações é aprendida.

Por essa razão, a aprendizagem na nossa vida começa com, ou até antes

do nascimento, e continua até o dia em que morremos.

Com o aprendizado, o indivíduo pode viver melhor ou pior, mas vive de acordo com que aprende. Alguém nos ensina a ser uma pessoa de caráter, honesta; já outros ensinam a enganar, a roubar. Praticamente, tudo que vivemos depende do que aprendemos.

Nas palavras de Campos (1987),

a aprendizagem é, afinal, um processo fundamental da vida. Todo indivíduo aprende e, através da aprendizagem, desenvolve os comportamentos que o possibilitam viver. Todas as atividades e realizações humanas exibem os resultados da aprendizagem. Quando se considera a vida em termos do povo, da comunidade, ou do indivíduo, por todos os lados são encontrados os efeitos da aprendizagem (CAMPOS, 1987, p. 15).

Por exemplo, os professores, os médicos, os cozinheiros, enfim, os profissionais em geral aprendem seus ofícios. A aprendizagem torna-se elemento essencial para a nossa sobrevivência.

Ratificando essa importância, estudos sobre a história da educação afirmam que nos primórdios, os homens sentiram necessidade de passar para as futuras gerações o que tinham aprendido, a fim de perpetuar a espécie. Num primeiro momento, essa transmissão de conhecimento dava-se oralmente. Com o surgimento da escrita, utilizam-se, portanto, os manuscritos para ensinar.

A escola surge, então, como um local onde irá transmitir, sistematicamente, os conhecimentos necessários à participação e sobrevivência do sujeito no meio em que está inserido.

É por meio do que aprende em casa, na escola, com o outro que formamos nossa personalidade, passamos a agir de forma racional, nos preparamos para desempenhar o nosso papel na sociedade.

Mãos à obra

Após essa breve apresentação da importância da aprendizagem na vida da pessoa, escreva um texto descrevendo as coisas que você aprendeu, e que usa até hoje; e com quem aprendeu.

Histórico sobre a Psicologia da Aprendizagem

a) Ideias dos filósofos

Foi percebendo a seriedade da aprendizagem que muitos estudiosos começaram a pesquisar essa temática. Vamos agora conhecê-los.

Os primeiros a fazer uma pesquisa sobre a questão foram os filósofos, Sócrates, Platão e Aristóteles. Partindo das suas ideias, a compreensão que se tinha sobre aprendizagem estava relacionada com apreender, fixar, armazenar e evocar informações, que posteriormente, ficou conhecido como conhecer e aprender.

Para Sócrates, o conhecimento do indivíduo já existia no espírito do homem e, a aprendizagem tinha a função de despertar esse conhecimento inato e adormecido. Para despertar o conhecimento, era necessário o uso da maiêutica¹.

Segundo Platão, como a alma estava separada do corpo, para que se recuperasse o conhecimento, que também estava adormecido, defendeu a doutrina da reminiscência (lembrança), já que a alma está sob o efeito da metempsicose (reencarnação) e guarda as lembranças da outra vida, e que estas, podem voltar à consciência através da percepção.

Aristóteles defendia que todo o conhecimento inicia-se pelos sentidos, e por isso rejeita as ideias dos filósofos anteriores. Foi ele quem inaugurou o ensino intuitivo, através do método dedutivo (sistema lógico) e do indutivo (observações, experiências e hipóteses).

Mesmo suas ideias sendo consideradas irrefutáveis, Aristóteles organizou a teoria da associação, utilizando os princípios de semelhança, de contraste e de proximidade.

Além de Sócrates, Platão e Aristóteles, Santo Agostinho também defendeu suas ideias. Ele adotou o método indutivo e a introspecção para anotar as suas próprias ideias mentais e esboçou a teoria das faculdades mentais.

Com São Tomaz de Aquino, a aprendizagem era um processo inteligente, dinâmico e ativo. Fez distinção entre os aspectos científicos e religiosos. Juan Luis Vives defende que o método indutivo para a aprendizagem ultrapassa a fronteira da religiosidade e da ênfase na teoria. Apesar de esses autores terem essa visão mais empírica em relação à educação, o predomínio ainda era da religião e da teoria.

¹ Segundo o dicionário Aurélio (Miniaurélio) maiêutica significa sf. Na filosofia socrática, arte de extrair do interlocutor, por meio de perguntas, as verdades do objeto em questão.

Atenção!



Juan Luis Vives: nasceu em Valencia, no dia 6 de março de 1492, e morreu no dia 6 de maio de 1540. Foi um humanista de origem judaica.

Escreveu uma teoria sobre educação, que pode ter influenciado diretamente os ensaios de Michel Eyquem de Montaigne. Recomenda o cuidado com o corpo, preocupa-se com o aspecto psicológico, valoriza os métodos indutivos e experimentais e reconhece a importância da observação dos fatos e da ação como meio de aprendizagem.



Fig. 02

A par do ensino do latim, insistia na necessidade do adequado estudo da língua materna. Foi admirado por Thomas More e Erasmo, que escreveu que Vives "irá ofuscar o nome do programa Erasmus".

Vives é considerado o primeiro estudioso a analisar diretamente a psique. Realizou extensas entrevistas com pessoas, e observou a relação entre a exposição de afetos, e as palavras específicas e questões que estavam discutindo.

Método Indutivo

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

Exemplo:

- O corvo 1 é negro
- O corvo 2 é negro
- O corvo 3 é negro
- O corvo "n" é negro

(todo) corvo é negro

(Lakatos, Eva M. e Marconi, Marina A., "Metodologia Científica", Editora Atlas S.A., São Paulo SP. 1991, p. 47)

Método dedutivo

A dedução é o processo mental contrário à indução. Através da indução, não produzimos conhecimentos novos, porém explicitamos conhecimentos que antes estavam implícitos.

O seguinte exemplo mostra a diferença entre os métodos indutivo e dedutivo:

Dedutivo:

Todo mamífero tem um coração.

Ora, todos os cães são mamíferos.

Logo, todos os cães têm um coração.

Indutivo:

Todos os cães que foram observados tinham um coração.

Logo, todos os cães têm um coração.

Fonte: <http://www.professorwellington.adm.br/dedutivo.htm>

b) A aprendizagem na modernidade

A compreensão da aprendizagem modificou-se com o passar dos anos. Estudiosos como Copérnico, Bacon, Galileu, Descartes, Locke, entre outros, se valeram do método indutivo defendido por Aristóteles, a fim de comprovar cientificamente as questões referentes ao ser humano.

Bacon, Descartes e Locke, acrescentam ainda que o conhecimento deve ser baseado no senso-percepção e no raciocínio lógico.

O método científico torna-se, portanto, elemento essencial de análise e previsão de eventos, através da observação, do experimento e classificação da experiência.

Nesse contexto mais científico, surgem novas concepções sobre aprendizagem. Uma delas é defendida por Lucke, que no século XVII, ratifica o princípio aristotélico da inteligência. Discorda da concepção platônica sobre o inatismo, defende a transferência e a generalização dos conhecimentos.

Ele foi o precursor do conceito da **tábula rasa**, tão difundido e criticado no meio educacional, pois se apregoa que a pessoa não teria nenhum conhecimento, e nós professores, seríamos responsáveis em escrever esse conhecimento. A sistematização de suas ideias foi realizada por Herbart.

Herbart estabeleceu a doutrina da percepção e os "**Passos Formais para o ensino**" (preparação, apresentação, associação, sistematização e aplicação). Para esse estudioso, a educação era fundamental da formação humana. A educação era por instrução.

Martins e Campos (1987, p.19) afirmam que "em toda metade do século passado, a pedagogia aceitava com entusiasmo o chamado "**método intuitivo**" de ensino com coisas ou das "lições de coisas". Esse movimento provinha de Pestalozzi, mas foi fortalecido por Herbart.

Existiram outros estudiosos que contribuíram para o estudo referente à aprendizagem, como Lloyd Morgan, Decroly, Morrison e Mac Murray.

Atenção!

Fig. 03

John Locke (29 de agosto de 1632 — 28 de outubro de 1704), médico, filósofo inglês e ideólogo do liberalismo, é considerado o principal representante do empirismo britânico e um dos principais teóricos do contrato social. Locke rejeitava a doutrina das ideias inatas e afirmava que todas as nossas ideias tinham origem no que era percebido pelos sentidos. Escreveu o Ensaio acerca do Entendimento Humano, onde desenvolve sua teoria sobre a origem e a natureza de nossos conhecimentos. Dedicou-se também à filosofia política. No Primeiro tratado sobre o governo civil, critica a tradição que afirmava o direito divino dos reis, declarando que a vida política é uma invenção humana, completamente independente das questões divinas. No Segundo tratado sobre o governo civil, expõe sua teoria do Estado liberal e a propriedade privada.



Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Fig. 04



Nicolau Copérnico (em polaco: Mikołaj Kopernik; em latim: Nicolaus Copernicus; Toruń, 19 de Fevereiro de 1473 — Frauenburgo, 24 de Maio de 1543) foi um astrónomo e matemático polaco que desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar. Sua teoria do Heliocentrismo, que colocou o Sol como o centro do Sistema Solar, contrariando a então vigente teoria geocêntrica.

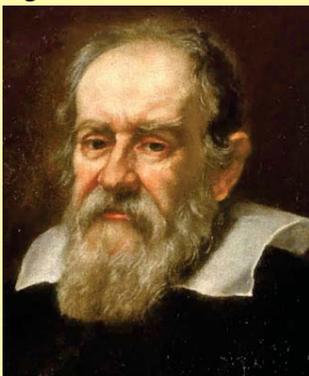
Francis

Bacon, também referido como **Bacon de Verulâmio** (Londres, 22 de Janeiro de 1561 — Londres, 9 de Abril de 1626) foi um político, filósofo e ensaísta inglês, barão de Verulam (ou Verulamo ou ainda Verulâmio), visconde de Saint Alban. É considerado como o fundador da ciência moderna.

Fig. 05



Fig. 06



Galileu Galilei (em italiano Galileo Galilei) (Pisa, 15 de fevereiro de 1564 — Florença, 8 de janeiro de 1642) foi um físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano que teve um papel preponderante na chamada revolução científica. Galileu Galilei desenvolveu os primeiros estudos sistemáticos do movimento uniformemente acelerado e do movimento do pêndulo. Descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da inércia e o conceito de referencial inercial, idéias precursoras da mecânica newtoniana.

Fig. 07



René Descartes (La Haye en Touraine, 31 de março de 1596 — Estocolmo, 11 de fevereiro de 1650) foi um filósofo, físico e matemático francês. Durante a Idade Moderna também era conhecido por seu nome latino Renatus Cartesius. Notabilizou-se sobretudo por seu trabalho revolucionário na filosofia e na ciência, mas também obteve reconhecimento matemático por sugerir a fusão da álgebra com a geometria - fato que gerou a geometria analítica e o sistema de coordenadas que hoje leva

o seu nome. Por fim, ele foi uma das figuras-chave na Revolução Científica.

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Johann Friedrich Herbart

(Oldemburgo, 4 de Maio de 1776 - Göttingen, 11 de agosto de 1841) foi um filósofo e psicólogo alemão, fundador da pedagogia como uma disciplina acadêmica. Conheceu alguns dos mais importantes intelectuais da época, dos doze aos dezoito anos cursou o ginásio, inclusive aos dezoito anos já era aluno do filósofo Johann Fichte, na Universidade de Iena. Realizou sua primeira experiência pedagógica aos vinte anos, como professor particular em Interlaken, na Suíça, período em que ficou amigo de Pestalozzi.

Fig. 08



Em 1802, doutorou-se em Göttingen com uma série de idéias amadurecidas. Foi professor de filosofia em Göttingen e mais tarde em Königsberg. Fundou em Königsberg, um seminário pedagógico com uma escola de aplicação e um internato. Os estudos mais relevantes de Herbart foram sobre filosofia do espírito, à qual subordinou suas obras (entre elas, Pedagogia Geral e Esboço de um Curso de Pedagogia). Diversos pensadores tiveram a influência de sua teoria, dando origem a várias interpretações, até entrar em declínio no início do século 20. O pensador morreu no dia 14 de agosto de 1841, depois de uma vida entregue inteiramente à atividade acadêmica.

Fig. 09



Johann Heinrich Pestalozzi (Zurique, 12 de janeiro de 1746 — Brugg, 17 de fevereiro de 1827) foi um pedagogo suíço e educador pioneiro da reforma educacional.

Como ele próprio disse, o verdadeiro trabalho de sua vida não se deu em Burgdorf ou em Yverdon. Estava em seus primeiros momentos como educador, com a sua observação, a preparação do homem integral, a prática junto aos órfãos de Stans. Pestalozzi foi um dos pioneiros da pedagogia moderna, influenciando profundamente todas as correntes educacionais, e longe está de deixar de ser uma referência. Fundou escolas, cativava a todos para a causa de uma educação capaz de atingir o povo, num tempo em que o ensino era privilégio exclusivo.

"A vida educa. Mas a vida que educa não é uma questão de palavras, e sim de ação. É atividade."

Johann Heinrich Pestalozzi

Entre os pensadores da educação que, na virada do século 19 para o 20, contestaram o modelo de escola que existia até então e propuseram uma nova concepção de ensino, o belga **Ovide Decroly** foi provavelmente o mais combativo. Por ter sido, na infância, um estudante indisciplinado, que não se adaptava ao autoritarismo da sala de aula nem do próprio pai, Decroly dedicou-se apaixonadamente a experimentar uma escola centrada no aluno, e não no professor, e que preparasse as crianças para viver em sociedade, em vez de simplesmente fornecer a elas conhecimentos destinados a sua formação profissional.

Fig. 10



Decroly foi um dos precursores dos métodos ativos, fundamentados na possibilidade de o aluno conduzir o próprio aprendizado e, assim, aprender a aprender. Alguns de seus pensamentos estão bem vivos nas salas de aula e coincidem com propostas pedagógicas difundidas atualmente. É o caso da ideia de globalização de conhecimentos – que inclui o chamado método global de alfabetização – e dos centros de interesse.

Fonte: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/ovide-decroly-307894.shtml>

c) Teorias nacionais sobre aprendizagem

No campo nacional, inicia-se com o movimento do método intuitivo, que se refletiu na tradução do livro de Calkins², “Lições de Coisas”, realizada por **Rui Barbosa**.

Esse método foi concebido com o intuito de resolver o problema da ineficiência do ensino diante de sua inadequação às exigências sociais decorrentes da revolução industrial que se processara entre o final do século XVIII e meados do século XIX. Os defensores desse método defendiam o uso de materiais, que compreendiam peças do mobiliário escolar; quadros negros parietais; caixas para ensino de cores e formas; quadros do reino vegetal, gravuras, cartas de cores para instrução primária; equipamentos de iluminação e aquecimento; alimentação e vestuário etc.

Mas o uso de todo esse variado material dependia de diretrizes metodológicas claras, implicando a adoção de um novo método de ensino entendido como concreto, racional e ativo. O que se buscava, portanto, era uma orientação segura para a condução dos alunos, por parte do professor, nas salas de aula. Para tanto, foram elaborados manuais segundo uma diretriz que modificava o papel pedagógico do livro. O mais famoso desses manuais foi o do americano Norman Allison Calkins, denominado Primeiras lições de coisas. (SAVIANE, 2010).

As maiores influências no campo da aprendizagem brasileira foram originadas por estudiosos da psicologia moderna, como Herbart, Binet, Dewey, Thorndike, Claparède e Piaget.

Além dos autores citados, o Behaviorismo, representado por Skinner, a Gestalt, representada por Watson, também estiveram ou estão presentes nas concepções sobre a aprendizagem nas escolas brasileiras.

É interessante ressaltar que os paradigmas acerca da aprendizagem têm passado por mudanças, influenciadas, principalmente por ideias contemporâneas da Psicanálise de Freud – como vimos na última aula sobre as contribuições da Psicologia do desenvolvimento na educação.

As teorias de Vygotsky, Piaget, Ausebel³, Bruner começaram a adentrar nas escolas como forma de proporcionar um ensino significativo para a vida dos alunos.

2 Para saber mais sobre o autor e a obra, ir para o link leitura complementar, tópico Norman C.

3 Iremos estudar o referido autor mais adiante, no campo da aprendizagem significativa.



Atenção!

Fig. 11



Ruy Barbosa de Oliveira^[1] (Salvador, 5 de novembro de 1849 — Petrópolis, 1 de março de 1923) foi um jurista, político, diplomata, escritor, filólogo, tradutor e orador brasileiro, formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Alfred Binet

(8 de julho de 1857, Nice - 28 de outubro de 1911, Paris) foi um pedagogo e psicólogo

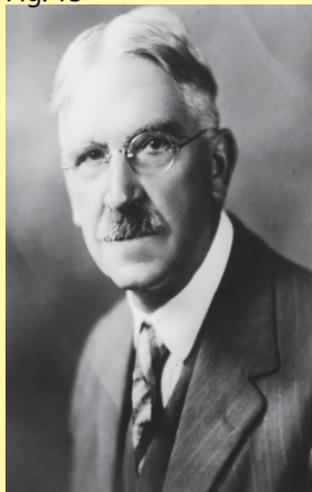
francês. Ele ficou conhecido por sua contribuição à psicometria, a saber, foi o inventor do primeiro teste de inteligência, a base dos atuais testes de QI.

Fig. 12



Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Fig. 13



John Dewey (Burlington, Vermont, 20 de Outubro de 1859 — 1 de Junho de 1952) foi um filósofo e pedagogo norte-americano.

Para Dewey, era de vital importância que a educação não se restringisse ao ensino do conhecimento como algo acabado – mas que o saber e habilidade do estudante adquiridos possam ser integrados à sua vida como cidadão, pessoa, ser humano. No laboratório-escola que dirigiu junto a sua esposa Alice, na Universidade de Chicago, as crianças bem novas aprendiam conceitos de física e biologia presenciando os processos de preparo do lanche e das refeições, que eram feitos na própria classe.

Este elemento de ensino com a prática cotidiana foi sua grande contribuição para a Escola Filosófica do Pragmatismo.

Fig. 14



Jerome Seymour Bruner (Nova Iorque, 1915) é um psicólogo estadunidense.

Graduou-se na Universidade de Duke, Durham (Carolina do Norte), em 1937 e posteriormente em Harvard, Cambridge (Massachusetts), em 1941, obteve o título de doutor em Psicologia e tem sido chamado o pai da Psicologia Cognitiva, pois desafiou o behaviorismo. Um aspecto relevante de sua teoria é que o aprendizado é um processo ativo, no qual aprendizes constroem novas

idéias, ou conceitos, baseados em seus conhecimentos passados e atuais.

O aprendiz seleciona e transforma a informação, constrói hipóteses e toma decisões, contando, para isto, com uma estrutura cognitiva. A estrutura cognitiva (esquemas, modelos mentais) fornece significado e organização para as experiências e permite ao indivíduo "ir além da informação dada". A aprendizagem torna-se, então, um processo interno e não um produto direto do ambiente, das pessoas ou de fatores externos àquele que aprende.

Fonte: www.wikipedia.com.br

Mãos à obra

Faça uma releitura do surgimento da Psicologia da Aprendizagem e escreva, resumidamente, os pontos principais.



Um passo a mais

Para conhecer um pouco mais sobre os autores apresentados, pesquisar a vida e as contribuições em livro de Didática, Filosofia da Educação e História da Educação.



Já sei!

Percebemos que, assim como a Psicologia Geral, a Psicologia da Aprendizagem teve a sua origem entre os filósofos. Com o passar do tempo e da própria evolução da ciência, os estudiosos começaram a apontar uma necessidade metodológica para estimular a aprendizagem.

Na atualidade, muitas são as teorias presentes sobre como se processa a aprendizagem e que métodos devem ser utilizados para um aprendizado significativo.



Autoavaliação

Quais as maiores contribuições da Psicologia da Aprendizagem para a prática pedagógica da escola e do professor? Até que ponto tais contribuições estão sendo praticadas em sala de aula?



Referências



- Alfred Binet. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 16.04.2010.
- CAMPOS, Dinah Martins de Couza. **Psicologia da Aprendizagem**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.
- DERMEVAL, Saviane. Método intuitivo. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_metodo_%20intuitivo%20.htm. Acessado em 16.04.2010.
- Francis Bacon. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 16.04.2010.
- Galileu Galilei. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 16.04.2010.
- Herbart. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 16.04.2010.
- Jerome Seymour Bruner. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 16.04.2010.
- John Dewey. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 16.04.2010.
- John Locke. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 16.04.2010.
- LAKATOS, Eva M. e MARCONI, Marina A. "**Metodologia Científica**", Editora Atlas S.A., São Paulo SP. 1991.
- Método Dedutivo. Disponível em: <http://www.professorwellington.adm.br/dedutivo.htm>. Acessado em 16.04.2010.
- Nicolau Copérnico. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 16.04.2010.
- Ovide Decroly. Disponível em: Fonte:<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/ovide-decroly-307894.shtml>. Acessado em 17.04.2010.
- Ovide Decroly. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/ovide-decroly-307894.shtml>. Acessado em 16.04. 2010.
- Pestalozzi. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 16.04.2010.
- René Descartes. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 16.04.2010.
- Rui Barbosa de Oliveira. Disponível em: www.wikipédia.com.br. Acessado em 16.04.2010.

Fonte das figuras

Fig .01 - http://www.temmais.com/UpLoad/Blog/petsblog/Editor/dog_adesra01.jpg

Fig .02 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fe/Juan_Luis_Vives.jpg

Fig .03 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/82/Marco_Basaiti_-_Astronomer_-_Lviv_Gallery.jpg

Fig .04 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/82/Marco_Basaiti_-_Astronomer_-_Lviv_Gallery.jpg

Fig .05 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/65/Francis_Bacon.jpg

Fig .06 - <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/Galileo.arp.300pix.jpg>

Fig .07 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/73/Frans_Hals_-_Portret_van_Ren%C3%A9_Descartes.jpg

Fig .08 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/86/Johann_Friedrich_Herbert_%283%29.jpg

Fig .09 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d3/Johann_Heinrich_Pestalozzi.jpg

Fig .10 - http://www.educacaomoral.org.br/reconstruir/Imagens/foto_decroly.jpg

Fig .11 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/44/Rui_Barbosa.jpg

Fig .12 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4f/Alfred_Binet.jpg

Fig .13 - <http://brianakira.files.wordpress.com/2010/06/john-dewey-cofounder-naacp.jpg>

Fig .14 - http://3.bp.blogspot.com/_WmIyaZPESuQ/Sw-O_St8KuI/AAAAAAAAAAEmo/PuJgpPuTu08/s1600/20070412232152-jerome-bruner.jpg



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes



Aprendizagem: conceitos,
características e condições
pedagógicas para a aprendizagem

Aula
12



Apresentação e Objetivos

Neste momento, vamos trabalhar um dos aspectos mais importantes para a prática do professor: a aprendizagem. Nesse sentido, cabe questionar: como o aluno aprende? Que aspectos demonstram que o aluno aprendeu? O que é uma aprendizagem significativa? De posse das possíveis respostas para essas questões, o professor terá um maior subsídio para utilizar metodologias mais coerentes com o objetivo maior de suas aulas: o aprendizado do aluno.

Os objetivos, portanto, da nossa aula serão:

- ▶ Conhecer as condições necessárias para a aprendizagem.
- ▶ Identificar as características do processo de aprendizagem.





Para começar

Vamos iniciar a nossa aula com um texto retirado do livro *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*, cujos autores são Ana Mercês Bahia Bock, Odair Furtado e Maria de Lourdes Trasse Teixeira.

O texto é da autoria de Paulo Freire, escrito no livro *Pedagogia da esperança*. Para refletirmos, um pouco sobre o aprender, apenas faremos menção de um trecho deste texto, que relata um jogo realizado entre a professora e os alunos, sobre quem sabe mais.

“Muito bem, disse em resposta à intervenção do camponês. Aceito que eu sei e vocês não sabem. De qualquer forma, gostaria de lhes propor um jogo que, para funcionar bem, exige de nós absoluta lealdade. Vou dividir o quadro-negro em dois pedaços, em que irei registrando, do meu lado e do lado de vocês, os gols que faremos eu, em vocês; vocês em mim. O jogo consiste em cada um perguntar algo ao outro. Se o perguntado não sabe responder, é gol do perguntador. Começarei o jogo fazendo uma primeira pergunta a vocês.

A essa altura, precisamente porque assumira o momento do grupo, o clima era mais vivo do que quando começáramos, antes do silêncio.

Primeira pergunta:

- Que significa a maiêutica socrática?

Gargalhada geral e eu registrei o meu primeiro gol.

- Agora cabe a vocês fazer a pergunta a mim – disse.

Houve uns cochichos e um deles lançou a questão:

- Que é curva de nível?

Não soube responder. Registrei um a um.

- Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx?

Dois a um.

- Para que serve a calagem do solo?

Dois a dois.

- Que é um verbo intransitivo?

Três a dois.

- Que relação há entre a curva de nível e erosão?

Três a três.

- Que significa epistemologia?

Quatro a três.

- o que é adubação verde?

Quatro a quatro.

Assim sucessivamente, até chegarmos a dez a dez.

Ao me despedir deles lhes fiz uma sugestão: Pensem no que houve esta tarde aqui. Vocês começaram discutindo muito bem comigo. Em certo momento ficaram em silenciosos e disseram que só eu poderia falar porque só eu sabia e vocês não. Fizemos um jogo sobre saberes e empatamos dez a dez. eu sabia dez coisas que vocês não sabiam e vocês sabiam dez coisas que eu não sabia. Pensem sobre isto."

Ao analisarmos esta situação, o que podemos reter? Bem, primeiramente, que o professor não é o detentor do conhecimento, e sim aquele que também aprende, que está em constante aprendizado; e que o aluno não é um papel em branco, pronto para ser escrito, mas como todo ser humano, ele detém saberes; e esses saberes, na maioria das vezes, não são considerados em sala de aula.

Todos nós temos capacidade de aprender; essa capacidade é intrínseca a todo ser humano.



Assim é

Não poderíamos adentrar na Psicologia da Aprendizagem sem delinear os aspectos referentes à aprendizagem. O que é aprendizagem? Quais são as suas características? Foi buscando responder a essas perguntas, que várias teorias apareceram, e estas serão estudadas na nossa próxima aula.

Para o momento, vamos compreender os diversos conceitos a respeito do que seja aprendizagem.

Existem estudiosos que apontam que aprendizagem é "um processo de associação entre uma situação estimuladora e a resposta" (CAMPOS, 2003).

Segundo Campos (2003), para outros pesquisadores a aprendizagem seria:

- ▶ Um ajustamento ou uma adaptação do indivíduo ao ambiente, conforme a teoria funcionalista.
- ▶ Um processo de reforço do comportamento, de acordo com a teoria de Hull, baseada em um sistema dedutivo-hipotético.
- ▶ Um condicionamento de reações, conforme a teoria de Skinner e Guthrie.
- ▶ Um processo perceptivo, que gera mudanças na estrutura cognitiva, segundo os gestaltista.

(CAMPOS, 2003, p. 28)

Podemos observar que, para cada teoria dentro da psicologia – behaviorismo, gestalt, funcionalismo, estruturalismo – existe uma compreensão sobre o que significa aprendizagem. Essa situação dificulta um conceito mais específico sobre aprendizagem.

Assim, o que vem a ser aprendizagem, o que a caracteriza?

Atenção!

Clark Leonard Hull

Clark Leonard Hull (Akron, 24 de maio de 1884 — New Haven, 10 de maio de 1952) foi um influente psicólogo norte-americano. Estudou nas Universidades de Michigan e Wisconsin. Doutorou-se nesta última em 1918, onde foi professor até 1929. Inspirando-se em Pavlov e Watson, desenvolveu as concepções behavioristas clássicas, fazendo intervir variáveis intermédias entre o estímulo e a resposta. Considerava que, no processo de aprendizagem, a variável intermédia seria a motivação.

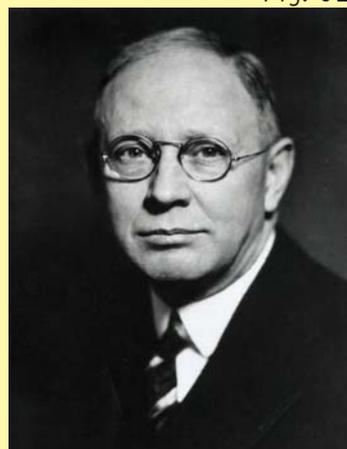


Fig. 01

A sua concepção poderia ser expressa pela fórmula: $\text{Comportamento} = \text{Hábito} \times \text{Motivação}$. A aprendizagem seria assim, um processo resultante de uma cadeia de condicionamentos em que o reforço (encarado como a redução das necessidades) desempenha um papel fundamental. Assim, não poderia haver aprendizagem sem motivação.

Considerava que, para além dos métodos tradicionais utilizados pela psicologia - observação, observação sistemática e método experimental, se deveria recorrer a métodos formais, isto é, deveriam ser introduzidos modelos matemáticos. Chegou a descrever processos de aprendizagem através de equações matemáticas.

As suas concepções estão expostas na sua vasta obra da qual se pode destacar: *Principles of Behavior*, *The Essentials of Behavior* e *A Behavior System*.

(fonte: Wikipédia, Enciclopedia livre)

Edwin Ray Guthrie

Edwin Ray Guthrie, um psicólogo distinto, passou a maior parte de sua carreira profissional na Universidade de Washington, onde ele serviu como instrutor de filosofia 1914-1918 e como professor. Ele é mais lembrado por sua teoria da aprendizagem baseada na associação.

Fonte: www.bookrags.com/.../guthrie-edwin-r-1886-1959-lmem-01/ - Estados Unidos.

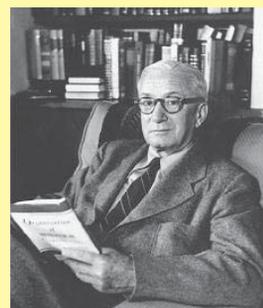


Fig. 02

1. Aprendizagem: algumas características

Numa visão mais macro, o aprender configura-se sob dois aspectos: mudança de comportamento e mudança de comportamento resultado de uma experiência.

O que isso significa? Significa dizer que só ocorre aprendizagem quando existe mudança no comportamento. Por exemplo, o aluno não sabia escrever e agora sabe. Houve mudança, portanto, aconteceu aprendizagem. A criança não sabia falar, agora fala. Então, aprendeu.

É importante ressaltar que as mudanças no comportamento humano não são apenas resultantes do aprendizado, mas também da própria maturação ou do crescimento do organismo, como respirar, salivar.

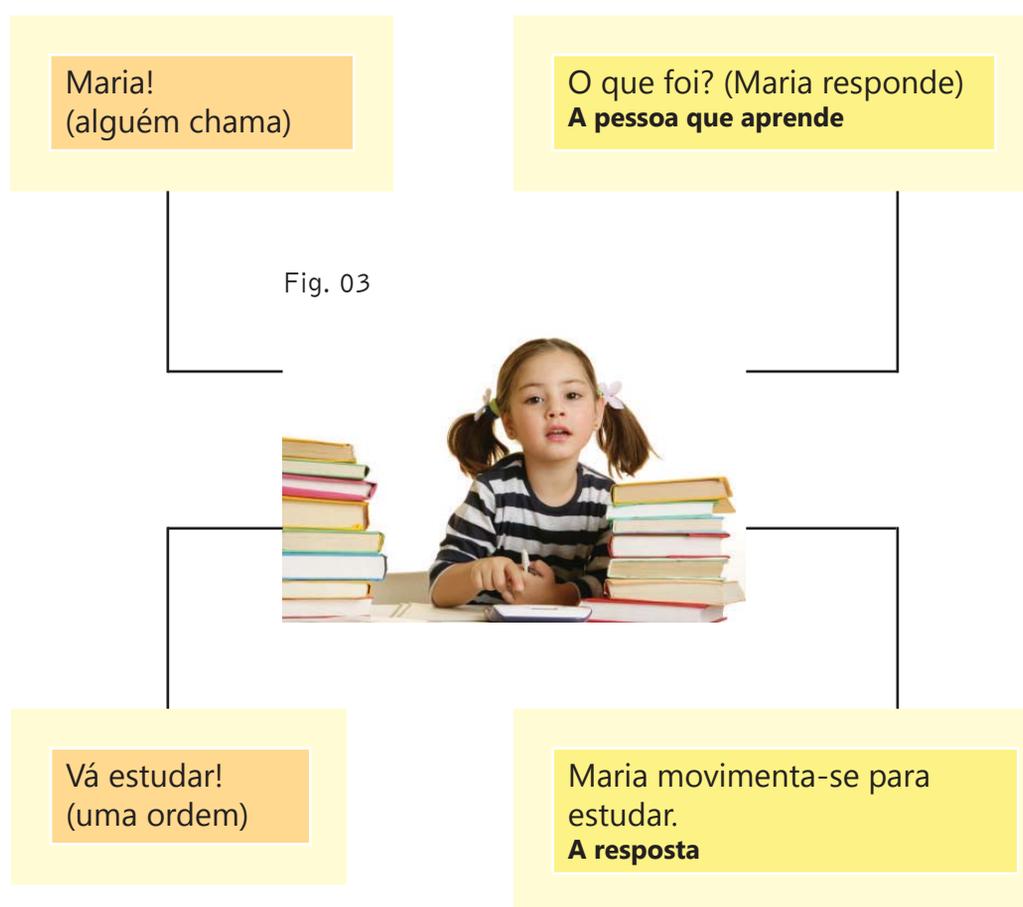
Analisando dessa forma, a aprendizagem, assim como o desenvolvimento, perpassa pelos fatores endógenos e exógenos.

E questionamo-nos: mas o que favorece a aprendizagem? Ela depende

especificamente de três elementos para acontecer, que são:

- a) A situação estimuladora: refere-se ao conjunto de fatores que estimulam os órgãos dos sentidos. Exemplo, a tonalidade da voz, o lugar.
- b) A pessoa que aprende: volta-se para a pessoa que está sendo atingida pela situação estimuladora.
- c) A resposta: é a ação que resulta da situação estimuladora e da pessoa que está aprendendo.

Para ficar mais claro o que foi informado anteriormente, observe o esquema a seguir:



Podemos observar que a criança reage diante de uma situação estimuladora (alguém chama o seu nome) e que ela tem que responder. Não existe aprendizagem sem esses elementos: a situação estimuladora, a pessoa que aprende e a resposta.

No caso do professor, a situação estimuladora é a metodologia adotada, os recursos utilizados; a pessoa que aprende é o aluno; e a resposta refere-se ao comportamento que o discente apresenta diante das atividades.



Mãos à obra

Quais os três principais elementos da aprendizagem e o que cada um significa? Procure responder à questão, elaborando um esquema em que estejam presentes: A SITUAÇÃO ESTIMULADORA seguida da RESPOSTA.

2. As etapas presentes no processo de aprendizagem

Mesmo com esses elementos, o processo de aprendizagem perpassa por sete etapas.



**Sem motivação
não há
aprendizagem.**

A primeira etapa corresponde a um fator muito importante: a motivação. Sem motivação ninguém consegue aprender. Inclusive, nos livros sobre como passar em concursos, um dos aspectos citados é a motivação, você precisa querer, estar disposto para uma determinada ação para poder se mover.

Sem estar motivado, o aluno ou qualquer outra pessoa terá dificuldade para aprender.



Atenção!

Motivação

Motivação (do Latim movere, mover) designa em psicologia, em etologia e em outras ciências humanas a condição do organismo que influencia a direção (orientação para um objetivo) do comportamento. Em outras palavras, é o impulso interno que leva à ação. Assim, a principal questão da psicologia da motivação é “por que o indivíduo se comporta da maneira como ele o faz?”[1]. “O estudo da motivação comporta a busca de princípios (gerais) que nos auxiliem a compreender, por que seres humanos e animais em determinadas situações específicas escolhem, iniciam e mantêm determinadas ações.”

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre.

1. Ciclo motivacional:

1.1 Necessidade.

É o motivo, a razão de ser da ação. É provocada por um estado de desequilíbrio devido a uma carência ou privação. (Ex.falta de alimento no organismo).

1.2 Impulso ou pulsão.

É a atividade desenvolvida pela necessidade ou motivo, isto é, a energia interna que impele o indivíduo a agir num dado sentido. (Ex. força que move o indivíduo para obter comida).

1.3 Resposta.

É a atividade desenvolvida e desencadeada pela pulsão para atingir algo. (ex. procurar comida).

1.4 Incentivo.

É o objetivo para o qual se orienta a ação. (Ex. ingerir o alimento).

1.5 Saciedade.

É a satisfação decorrente de se ter atingido o objetivo pretendido (depois de se ter ingerido o alimento, a fome desaparece).

Este comportamento sequencial volta a repetir-se sempre que se repete a necessidade que o provoca.

2. Tipos de Motivação

Não existe uma classificação para as motivações, mas várias. As motivações podem classificar-se em dois grandes grupos:

2.1 Motivações fisiológicas (primárias, básicas, biológicas, orgânicas):

As que estão ligadas à sobrevivência do organismo e não resultam de uma aprendizagem. Elas provocam no organismo certos impulsos para o restabelecimento do seu equilíbrio. Estas motivações encontram-se estreitamente ligadas com determinado estado interno do organismo. Exemplos: respiração, fome, sede, sexo, evitar o frio e o calor, sono, etc.

2.2 Motivações sociais (secundárias, culturais):

As que dependem essencialmente de aprendizagens, isto é, foram adquiridas no processo de socialização. Exemplos: Necessidade de convivência (afiliação), de reconhecimento, de êxito social, de segurança, etc. Este grupo pode ser subdividido, por exemplo, entre motivações sociais centradas no indivíduo e ou centradas na sociedade.

a) Centradas no indivíduo (auto-afirmação): desejo de segurança, de ser aceite, de pertencer a um grupo, de alcançar um estatuto social elevado, de enriquecer, etc.

b) Centradas na sociedade (independentes dos nossos interesses particulares): respeito pelo próximo, de solidariedade, de amizade, de amor, etc.

Há quem questione esta divisão das motivações, afirmando que todas elas têm um fundo comum: a busca do prazer, o único e verdadeiro motivo de todas as ações humanas.

Fonte: <http://filotestes.no.sapo.pt/psicMotivacao.html>.

A segunda etapa é o objetivo, que está presente em nossas vidas, no dia a dia. Quando almejamos algo, geralmente, traçamos objetivos a serem alcançados.

Na escola, esse objetivo também é necessário, pois sem compreendê-lo, os discentes sentirão dificuldade para aprender. Em outras palavras, para que aprender determinado conteúdo?

Os objetivos delineados pelo professor e pela escola precisam coincidir com os do aluno, ou seja, precisam fazer sentido para sua vida.

Fig. 04



Para que aprender matemática?

Onde vou aplicar?

A terceira etapa é a preparação. Esse momento refere-se à preparação ou maturação do indivíduo. Não adianta o aluno estar motivado, ter objetivos, se não estiver pronto, não tiver se desenvolvido para passar a outra etapa. Por exemplo: não adianta ensinar adjetivo, se o aluno ainda não compreende o substantivo.

Essa preparação envolve três aspectos:

- a) Fatores fisiológicos: envolvem os órgãos dos sentidos, a maturação do organismo como um todo.
- b) Fatores psicológicos: inclui-se a questão da motivação, confiança, administração de conflitos. De forma geral, o indivíduo deve estar preparado e acreditar que tem capacidade de aprender.
- c) Experiências anteriores: toda aprendizagem depende dos conhecimentos, experiências, vivências anteriores.

É importante ressaltar que o professor pode estimular a motivação e as habilidades de seus alunos, utilizando para tanto, materiais e métodos.

A quarta etapa é o **obstáculo**, pois se não houver desafios, dificuldades, os alunos apenas irão repetir os exercícios. Por exemplo, o aluno já sabe somar com dois números, se você não ensinar com três números, desafiá-lo, ele nunca

aprenderá.

A quinta etapa refere-se à **resposta**, que é o momento em que a criança procura respostas para os desafios que lhe são colocados. Por exemplo, ao escondermos um determinado objeto da criança, ela buscará outras formas para encontrá-lo.

A penúltima etapa é o **reforço**. Esse momento acontece quando a criança procura superar, transpor um obstáculo, até conseguir a resposta que deseja.

A última etapa é a da **generalização**. Nesse momento, a criança realiza a repetição de respostas que foram bem sucedidas em situações anteriores, como por exemplo, dormir cedo para poder acordar bem disposto para a prova.

É inegável que a aprendizagem, apesar de estar presente desde o nascimento da criança, não acontece de qualquer forma; existem etapas que favorecem o aprendizado.

Fig. 05



Fig. 06



Mãos a obra

Descreva as etapas da aprendizagem, relacionando cada uma delas com um exemplo significativo.

Um passo a mais

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús. Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da Educação Escolar: delineia aspectos da psicologia da educação, principalmente, no que diz respeito a aprendizagem.



Já sei!

Nesta aula, aprendemos que aprendizagem envolve mudança de comportamento. Além disso, o ato de aprender envolve três elementos: a situação estimuladora, o sujeito que aprende e a resposta. Estudamos, também, que a aprendizagem passa por etapas, que envolvem o próprio sujeito e as condições externas.



Autoavaliação

Faça um comparativo com a sua aprendizagem e a apresentada na aula, observando se o seu professor considerava as etapas da aprendizagem.



Referências

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da aprendizagem. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

Clark Leonard Hull. Disponível em: www.bookrags.com/.../guthrie-edwin-r-1886-1959-lmem-01/ - Estados Unidos. Acessado em 15.04.2010.

Edwin Ray Guthrie. Disponível em: www.bookrags.com/.../guthrie-edwin-r-1886-1959-lmem-01/ - Estados Unidos. Acessado em 15.04.2010.

Motivação. Disponível em: www.wikipédia.com.br/. Acessado em 15.04.2010.

Motivação. Disponível em: Fonte: <http://filotestes.no.sapo.pt/psicMotivacao.html>. Acessado em 15.04. 2010.

PILETTI, Nelson. Psicologia Educacional. São Paulo: Ática, 2003.

Fonte das Figuras

Fig. 01 - <http://vlp.mpiwg-berlin.mpg.de/vlpimages/images/img29936.jpg>

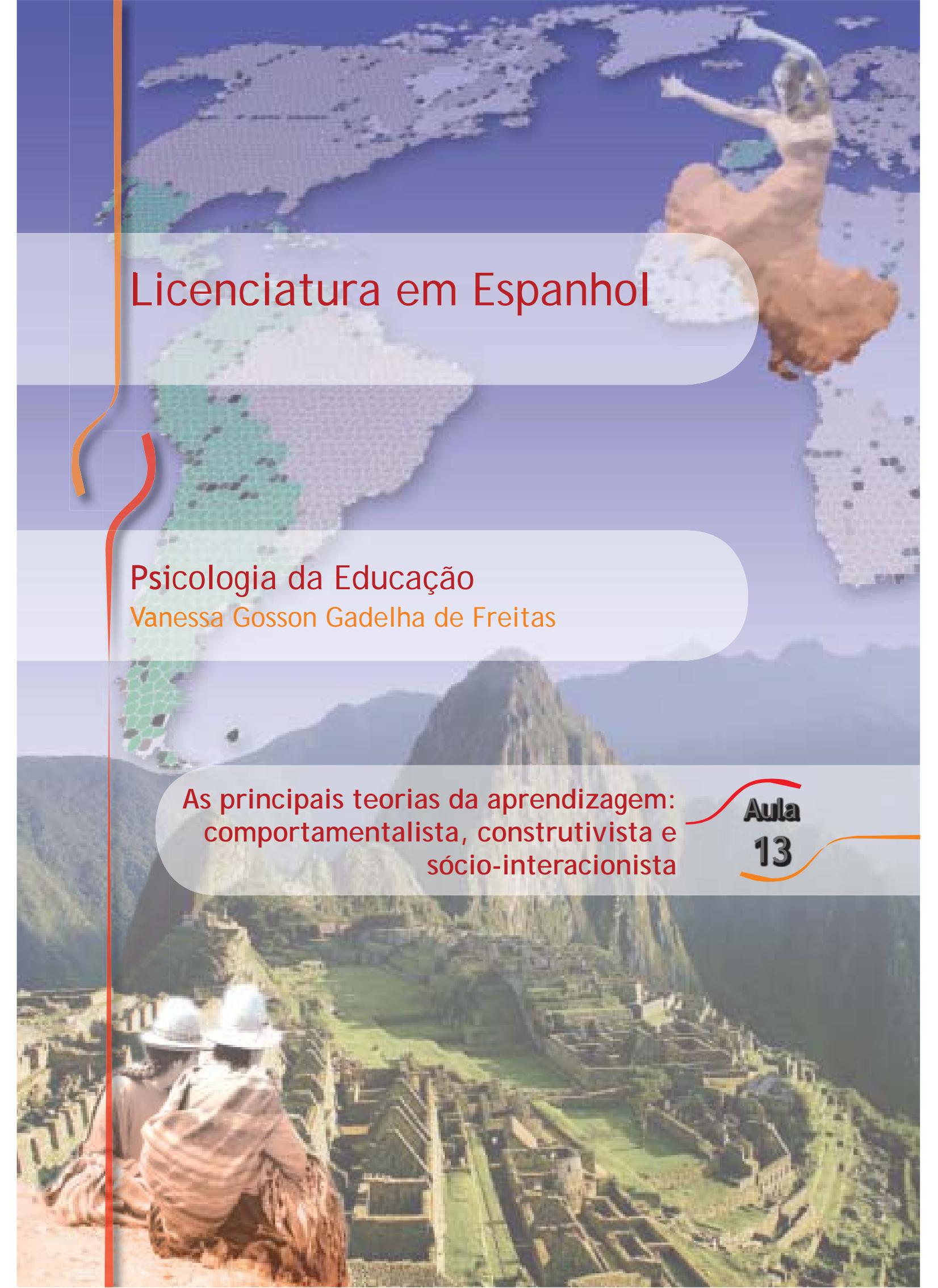
Fig. 02 - http://www.education.com/files/static/g/lmem_01_img0049.jpg

Fig. 03 - http://www.psychologytoday.com/files/u86/Star_Children-Studying.jpg

Fig. 04 - <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=1126726>

Fig. 05 - <http://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/01/16/70/b0/kids-playing-in-the-pool.jpg>

Fig. 06 - http://graphics8.nytimes.com/images/2007/12/24/us/school_650.2.jpg



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas

As principais teorias da aprendizagem:
comportamentalista, construtivista e
sócio-interacionista

Aula
13

As principais teorias da aprendizagem: comportamentalista, construtivista e sócio-interacionista



Apresentação e Objetivos

Na aula anterior estudamos um pouco sobre como alguns estudiosos compreendiam o processo de aprendizagem. Cada um trouxe uma perspectiva diferente a respeito desse processo. Não vai ser diferente nesta aula, pois cada teoria irá delinear uma compreensão a respeito de como se aprende.

Ao caminharmos sob a orientação de cada teoria, vamos observar que estas estão presentes direta ou indiretamente na prática pedagógica da escola e do professor.

Para esta aula, os objetivos são:

- ▶ Analisar as principais ideias das teorias da aprendizagem.
- ▶ Compreender as contribuições dessas teorias para a educação.





Para começar

É comum que, no momento em que estamos procurando escolas para os nossos filhos, observarmos aquelas que tenham “fama” de maior número de discentes que passaram no vestibular, ou aquelas que exigem muito, ou então, as que são reconhecidas como as que têm ensino de qualidade.

Existe, ainda, aqueles pais que buscam saber como é o ensino, como as escolas desenvolvem as atividades, qual a metodologia aplicada, e assim, averiguam se são condizentes com os objetivos que almejam para o aprendizado de seus filhos. Nesse caminhar, têm responsáveis que desejam escolas voltadas para uma formação mais holística e outros, apenas acadêmica.

Mas, por que estamos falando sobre a escolha da escola? Justamente porque esse assunto recai em um dos aspectos mais presentes dentro do projeto político pedagógico da escola – documento que norteia todas as ações – e, um dos elementos presentes nesse projeto diz respeito à compreensão do processo de ensino-aprendizagem, que fundamenta a prática do professor.

Nesse sentido, ouvimos que determinada escola trabalha na linha tradicional, pois compreende o ensino e a aprendizagem de forma mecanicista; outras trabalham numa perspectiva construtivista, uma vez que entendem que o ensino e aprendizado baseiam-se na construção do conhecimento.

Assim, numa visão mais geral, as práticas pedagógicas se desenvolvem sob pilar de algumas teorias sobre a aprendizagem. As principais são: comportamentalista, construtivista e sócio-interacionista.

Nossa aula irá delinear – de forma sucinta - cada uma das teorias.





Iniciaremos a nossa aula apresentando outras teorias que tentam explicar e compreender o processo de aprendizagem. Essas teorias são: Teoria da Gestalt, Teoria de Campo, Teoria Cognitiva e Teoria Fenomenológica.

Vamos, então, aprender um pouco mais sobre essas teorias?

1. Teoria da Gestalt

Na perspectiva da Gestalt – lembramos que esta corrente da psicologia enfatiza o papel da percepção – a aprendizagem depende da percepção e da experiência do aprendiz.

Piletti (2003) destaca que no momento em que o indivíduo está aprendendo,

ele já dispõe de uma série de atitudes, habilidades e expectativas sobre sua própria capacidade de aprender, seus conhecimentos, e percebe a situação de aprendizagem de uma forma particular, certamente diferente das formas de percepção de seus colegas (PILETTI, 2003, p. 52).

Por isso, o sucesso da aprendizagem vai depender de suas experiências anteriores.



Esta figura aparenta ser qual animal? Um pato ou um esquilo. Depende da percepção de quem olha.

Para os gestaltistas, a aprendizagem acontece por insight, que surge como uma forma “estalo”, de compreensão repentina depois de várias outras tentativas de solução não frutíferas. Por exemplo, você perdeu um documento, não consegue lembrar onde deixou. Você vai fazer outras coisas e, de repente se lembra que tinha colocado dentro de um livro que estava lendo. Isto que aconteceu chama-se insight.

Outro exemplo, quando estamos fazendo atividade de Matemática e, depois de muito tentar, não conseguimos resolver um problema. Descansamos um pouco e, de repente, vem a solução.

Outra contribuição da Gestalt encontra-se na área da solução de problemas, do trabalho científico e artístico, que muitas vezes, são resultados de um insight, depois que o sujeito vivenciou bastante sobre o assunto em questão.

2. Teoria de Campo

Fig. 01



A Teoria de Campo é resultante da Gestalt, e foi formulada por Kurt Lewin. Defende que as forças do ambiente social levam a pessoa a reagir a alguns estímulos e não a outros, ou então, a reações diferentes ao mesmo estímulo.

Simplificando, essa teoria defende que a percepção e a aprendizagem dependem do campo psicológico do aluno, ou seja, dos seus sentimentos, atitudes, expectativas e da forma como o ambiente age em relação a essas condições internas.



Atenção!

Campo Psicológico: campo de força que nos leva a procurar a boa-forma. Funciona figurativamente como um campo eletromagnético criado por um ímã (a força de atração e repulsão). Esse campo de força psicológico tem uma tendência que garante a busca da melhor forma possível em situações que não estão muito estruturadas (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2007, p.63).

3. Teoria Cognitiva

A Teoria Cognitiva, elaborada, inicialmente por John Dewey e depois por Jerome Bruner, entende a aprendizagem como solução de problemas. Para esses teóricos, é através solução de problemas que a pessoa se ajusta ao ambiente.

A escola, nesse processo, tem um papel importante, pois pode promover atividades voltadas para a solução de problemas e, assim, desenvolver várias capacidades do indivíduo.

Para Dewey, a aprendizagem deveria estar o mais próximo possível da vida dos alunos. Piletti (2003, p. 55) afirma que, se a escola objetiva a formação democrática do aluno, "deve praticar a democracia dentro dela, dando preferência à aprendizagem por descoberta".

Nesse processo, Dewey aponta seis passos para trabalhar o pensamento científico:

- a) Conhecer o problema: precisa ser considerado pelo aluno como uma necessidade. Diante disso, uma questão só se torna problema quando perturba, instiga os seus alunos.**
- b) Esclarecer o problema: é o momento em que se obtêm todas as informações a respeito do problema.**
- c) Aparecimento de hipóteses: esse momento refere-se ao aparecimento de possíveis soluções para o problema.**
- d) Seleção da hipótese mais provável: averiguar qual hipótese corresponde com a solução do problema. Para tanto, testa-se todas as hipóteses apresentadas.**
- e) Verificação da hipótese: esse momento está voltado para verificar, na prática, se a hipótese mais provável realmente solucionará o problema.**
- f) Generalização: é a capacidade de transferir soluções para outras situações.**



Nesses passos, Dewey apresenta algumas formas de estimular os alunos para a solução de problemas:

- ▶ O ensino deve estar o mais próximo da realidade do aluno, para que assim, possa aprender na prática e refletir sobre a sua própria ação.
- ▶ Estimular os discentes a não dependerem totalmente dos livros, do professor e dos outros. É preciso educá-los para que encontrem as respostas por eles mesmos.
- ▶ Para desenvolver o raciocínio, é preciso estimulá-los. Para tanto, a disciplina deve ser apresentada sob forma de problemas a serem resolvidos e não como respostas para serem decoradas.
- ▶ Uso da linguagem acessível ao aluno.
- ▶ A realização de trabalhos em grupos favorece a capacidade de solucionar problemas.

Podemos observar que, pela proposta dessa teoria, os alunos não são meros expectadores, mas sim atores do seu aprendizado.

4. Teoria Fenomenológica

Para finalizarmos, apresentamos a Teoria Fenomenológica, cujos defensores apontam que a forma como os alunos percebem as situações influencia sua aprendizagem.

A proposta fenomenológica parece com a teoria da Gestalt. O que a diferencia é que, para os fenomenologistas, a criança aprende naturalmente, e que, cresce por conta de sua própria natureza.

Por essa razão, o material a ser utilizado para a aprendizagem dos alunos deve ter significado para eles.

Como a aprendizagem é algo natural da criança, qual seria então o papel da escola?

Primeiramente, as instituições de ensino devem oferecer oportunidades para os alunos pensarem por si próprios, por meio de um clima democrático em sala de aula, em que expressem suas ideias e pensamentos.

Além disso, a escola deve oferecer oportunidades para que os alunos estudem de acordo com seu ritmo. Deve considerar o impulso universal dos seres humanos no que tange à concretização de suas próprias potencialidades, e, portanto, não pode reprimir esses impulsos, através de atividades artificiais e de um sistema rígido de notas.

Podemos considerar que a ênfase dessa teoria está no aluno, no seu próprio ritmo. No tocante à escola, esta se constitui apenas como estimuladora desse aprendizado, e não como repressora.





Mãos à obra

Defina, de forma sucinta, a Teoria da Gestalt, a Teoria de Campo, a Teoria Cognitiva e a Teoria Fenomenológica.

Depois de conhecermos essas teorias, agora, estudaremos as principais. Mas isso não significa que as outras apresentadas não o sejam também importantes. Contudo, as que vamos analisar agora estão mais presentes nas práticas escolares.

5. Teoria Comportamentalista

Começemos, então, com a Teoria Comportamentalista, mais conhecida como Behaviorista.

Para lembrar, um dos principais representantes dessa teoria foi Skinner. Quando nos remetemos ao Behaviorismo, sabemos que este defende a influência do ambiente no comportamento humano.

Existe uma fórmula que representa essa relação:

E (estímulo) ➡ R (resposta)

No campo da aprendizagem, foi com essa teoria que perdurou muito tempo a ideia de que as pessoas são como “caixas pretas”, ou como “papel em branco”, prontas para serem escritas.

A aprendizagem, para essa teoria, é sinônimo de condicionamento. Em outras palavras, se desejamos que a pessoa aprenda um novo comportamento, nós a condicionamos. Para tanto, utilizamos reforços positivos.

Por ser uma teoria que defende o ambiente como fator fundamental para o desenvolvimento, que o estudo da Psicologia deve ser o comportamento observável, compreende que a aprendizagem também é um comportamento que deve ser observado, como também é uma resposta ao estímulo do meio.

As consequências dessa compreensão, na educação, são:



- a) **A aprendizagem é observável a partir das respostas dos alunos às atividades propostas;**
- b) **O professor tem a função de manusear o ambiente para estimular o aprendizado;**
- c) **O aluno é apenas receptor do conhecimento;**
- d) **A avaliação é feita pela medida das respostas observáveis.**

Ao transferirmos esta perspectiva para o planejamento, para o plano de aula do professor, vemos:

- a) **A ênfase dos objetivos está no âmbito comportamentalista, ou seja, aquilo que o professor pode observar, mensurar.**
- b) **As estratégias de ensino não consideram o ritmo individual da criança, mas como atingir os objetivos anteriores.**
- c) **A avaliação mensura apenas o que é observado, concreto. Analisa o produto da aprendizagem e não o processo.**
- d) **O ensino é programado, pois visa reforçar as respostas que deseja fixar, decorar.**

Em suma, nas palavras de Goulart (2007),

a abordagem comportamentalista constitui um sistema fechado de pensamento. Definindo os fins adiantadamente, ela torna a situação de aprendizagem uma busca de respostas certas, o que desencoraja a inovação, esteriliza a criatividade, torna a sala de aula um lugar desinteressante, parado, um lugar de conformação, onde as pessoas estão buscando respostas certas para os problemas, quando o certo pode não ter sido ainda pensado. O peso sobre os ombros do professor é, aqui, muito maior – ele é responsável por decidir o que os alunos devem fazer e quando devem fazer. Os alunos sentem-se presos, controlados, não envolvidos na determinação dos objetivos nem finalidade da educação, e por isto, não sentem compromisso com eles (GOULART, 2007, p. 69).

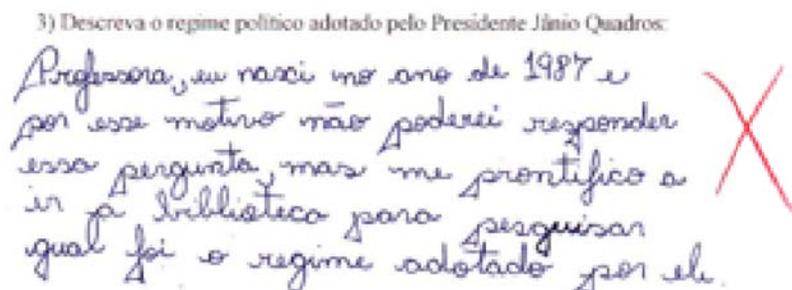
Analisando a presente citação, parece que fazemos um passeio em nossa vida escolar, onde éramos obrigados a decorar todas as informações provenientes do professor e reproduzi-las nas avaliações. Essa prática configura-se como algo mecânico. Contudo, nos dias atuais, ainda vem sendo realizada. Os alunos aprendem de forma condicionada, se for, além disso, não conseguem responder ao que lhe é proposto na atividade. Não ensinamos a pensar, mas apenas a decorar.

Para ilustrar essa forma de compreender o processo de ensino-aprendizagem, observe a resposta da prova de um aluno:

Fig. 02

3) Descreva o regime político adotado pelo Presidente Jânio Quadros:

Professora, eu nasci no ano de 1987 e por esse motivo não poderei responder essa pergunta, mas me prontifico a ir a biblioteca para pesquisar qual foi o regime adotado por ele.



6. Teoria Construtivista

Confrontando as formas de ensino anterior, estudiosos como Piaget, Wallon, Vygotsky, entre outros, defendiam a função ativa do aluno no aprendizado; que este não é um mero espectador, mas sim um construtor do próprio conhecimento.

Nas propostas da reforma do ensino, materializado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, são destacados os princípios dessa teoria, tendo por base a Epistemologia Genética, proposta por Piaget.

Essa nova proposta surge justamente como forma de atender à formação do sujeito para atuar no mundo do trabalho globalizado, e que exige o uso da inteligência. Fato que a teoria comportamentalista, presente nas práticas tradicionais do ensino, não possibilita, pois enrijece a inteligência.

Piaget destaca que o conhecimento resulta da interação do sujeito com o ambiente. Considera que cada pessoa constrói, ao longo do seu desenvolvimento, a sua própria compreensão de mundo.

Para Piaget, os aspectos principais do desenvolvimento envolvem a ação do sujeito. Ele é construtor ativo do seu conhecimento. O outro é "o modo pelo qual isto se converte num processo de construção interna, isto é, de formação dentro da mente de uma estrutura em contínua expansão, que corresponde ao mundo exterior" (GOULART, 2007, p. 133).



Por defender a perspectiva da construção do conhecimento pelo sujeito, Piaget denomina a sua postura teórica como construtivismo. Essa construção dar-se pelo processo de assimilação, acomodação e adaptação, que já foram explicados na aula sobre o desenvolvimento na perspectiva de Piaget.

Depois de Piaget, vieram a público, após o encontro realizado na Abadia, as pesquisas feitas por Vygotsky e Wallon, as quais foram enquadradas na linha construtivista.

Apesar de ser bastante divulgado nas salas de aula, nos projetos políticos pedagógicos, nas políticas educacionais, ainda existem muitas dúvidas a respeito do construtivismo. Diante disso, Goulart apresenta as perguntas mais comuns quanto à Teoria Construtivista.

A primeira pergunta é se a postura construtivista dispensa o uso de programas de ensino. É imprescindível ficar evidente que, deixar que a sala se torne um ambiente libertário, não é a mesma coisa de desenvolver atividades que a criança possa realizar.

Fig. 04



Para ficar bem claro, a rotina de uma escola numa perspectiva construtivista, é a seguinte: primeiramente, o professor realiza uma conversa inicial com os alunos para averiguar seus interesses; depois de uma problemática levantada pelos alunos, ou um assunto de seu interesse ou proposto pela professora, que é denominado de tema gerador, propõem-se, então, as atividades a serem realizadas, planejam-se as ações. Por essa razão, o planejamento existe, mas não, unicamente, na perspectiva do professor, e sim, de acordo com os alunos.

Outra dúvida muito presente é sobre a avaliação. Muitos acreditam que, trabalhando com o construtivismo, não é necessária a avaliação. Isso é um equívoco. O que diferencia a avaliação, é que essa proposta analisa o processo da aprendizagem, analisa o raciocínio da criança, o porquê do erro. "É avaliando a resposta dada que se pode concluir se a criança está no período pré-operacional ou operacional concreto; se já domina as operações de classificação e seriação, se já formou o conceito de número e outros avanços no seu desenvolvimento" (GOULART, 2007, p. 135).

É comum pensar que o professor construtivista não pode chamar atenção, colocar disciplina e limite na sala. Piaget defende que ninguém chega à autonomia sem aprender o que é certo ou errado a partir da intervenção do outro.

Pergunta-se, ainda, se o construtivismo é o melhor modelo de ensino. Existem estudiosos que consideram o construtivismo a melhor teoria no campo da educação. Mas existem outras teorias que também trabalham na perspectiva da pesquisa. Goulart (2007, p, 136) destaca que o método adequado é aquele que o professor conhece e acredita, e por isso, consegue realizar com sucesso.

Goulart (op. Cit) afirma que, para ser um professor construtivista, são necessárias algumas características: observador, paciente e se identificar com os princípios do construtivismo. Por essa razão, para que ocorra o sucesso na aplicabilidade desses princípios, é necessário que o docente os domine, fato que ainda está sendo trabalhado junto ao mesmo, através de cursos promovidos pelas escolas onde trabalham ou por órgãos responsáveis pela educação, como Secretarias de Educação.



7. Teoria Sócio-interacionista.

O pilar desta teoria é baseado nas ideias de Vygotsky, autor que já foi trabalhado na aula sobre "O desenvolvimento na perspectiva de Vygotsky".

Para lembramos, Vygotsky afirma que a aprendizagem é construída de forma conjunta, ou seja, para que ocorra a aprendizagem e conseqüentemente o desenvolvimento, o outro, a cultura têm um papel fundamental.

Resumidamente, os principais aspectos relacionados com a educação e a aprendizagem, para a Teoria Sócio-interacionista, são:

1. O conhecimento é construído a partir de um processo social e compartilhado.
2. Aprender significa participar das atividades humanas.
3. O professor tem o papel de mediador da aprendizagem, do acesso do aluno à cultura. É um provocador dos avanços do alunado através da intervenção na Zona Proximal.
4. Quando o docente fica atento à Zona Proximal, pode planejar ações voltadas para o aprendizado, no sentido de adiantar o desenvolvimento potencial de uma criança, tornando-o real. Nesse contexto, o ensino deve passar do grupo para o indivíduo.
5. O desenvolvimento mental realiza-se por intermédio do aprendizado.
6. A meta a ser alcançada é que os alunos se apropriem da cultura através da sua participação com outras pessoas mais experientes em atividades conjuntas.



Mãos à obra

Descreva como a Teoria Comportamentalista, a Teoria Construtivista e a Teoria Sócio-interacionista compreendem a aprendizagem, compreendem o papel do professor e compreendem o papel do professor e do aluno.



Um passo a mais

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. Ensino: As abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986. Neste livro, a autora apresenta todas as teorias pedagógicas e suas respectivas compreensões sobre o processo de ensino-aprendizagem.

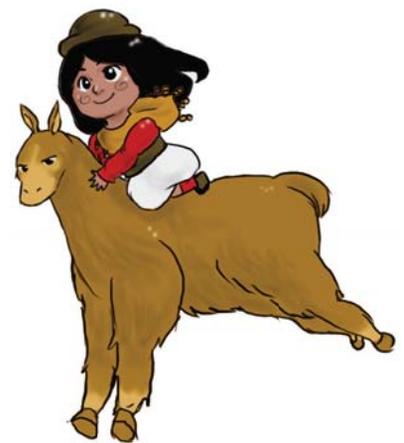


Aprendemos que existem várias teorias que norteiam as ações pedagógicas, dentre as quais, mais presente foi a Comportamentalista, e nesta, o professor é considerado como aquele que irá condicionar o comportamento do aluno, que é um mero receptor e reproduzidor do conhecimento.

Nos últimos séculos, essa teoria vem perdendo espaço para as teorias Construtivista e Sócio-interacionistas, cujos precursores são, respectivamente, Piaget e Vygotsky. A ênfase dessas teorias são os alunos. Para Piaget, o aprendizado acontece a partir do desenvolvimento das funções cognitivas, que ocorre por um processo de assimilação e acomodação das informações provenientes do objeto de seu conhecimento. Já para Vygotsky, a criança se desenvolve depois que aprende, o que acontece pela interferência do outro.

O papel do professor, para Piaget, é de facilitador; e para Vygotsky, é de mediador. Mas para ambos, o aluno deve ser o foco do ensino, da metodologia que deve ser utilizada.

Aprendemos, ainda, que ser construtivista é ter um espírito aventureiro, que busca novos conhecimentos; que procurar estimular os alunos a serem garimpeiros de saberes e não robôs, reproduzidores. E, por essa razão, o professor precisa dominar os princípios presentes nesse paradigma pedagógico.





Autoavaliação

Realize uma observação, durante uma manhã ou uma tarde, em uma escola construtivista: analise as ações pedagógicas do professor, descrevendo-as. Posteriormente, analise os resultados dessas ações no aprendizado do aluno. Destaque se houve realmente a produção do conhecimento ou mera reprodução do conteúdo.

Para ajudar na observação, siga o seguinte roteiro:

- a) Como o professor inicia a aula?**
- b) Como desenvolve as atividades com os alunos?**
- c) Os alunos participam ativamente das atividades?**
- d) Os alunos também decidem as atividades na sala de aula?**
- e) Outros pontos que se considera importante (relação professor x aluno, entre outros elementos que considere pertinente).**



BOCK, Ana Maria; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. Psicologia: Uma introdução ao Estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 2007.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús. Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da Educação escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

GOULART, Íris Barbosa. Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. Petrópolis - RJ: Vozes, 2007.

PILETTI, Nelson. Psicologia Educacional. São Paulo: Ática, 2003.

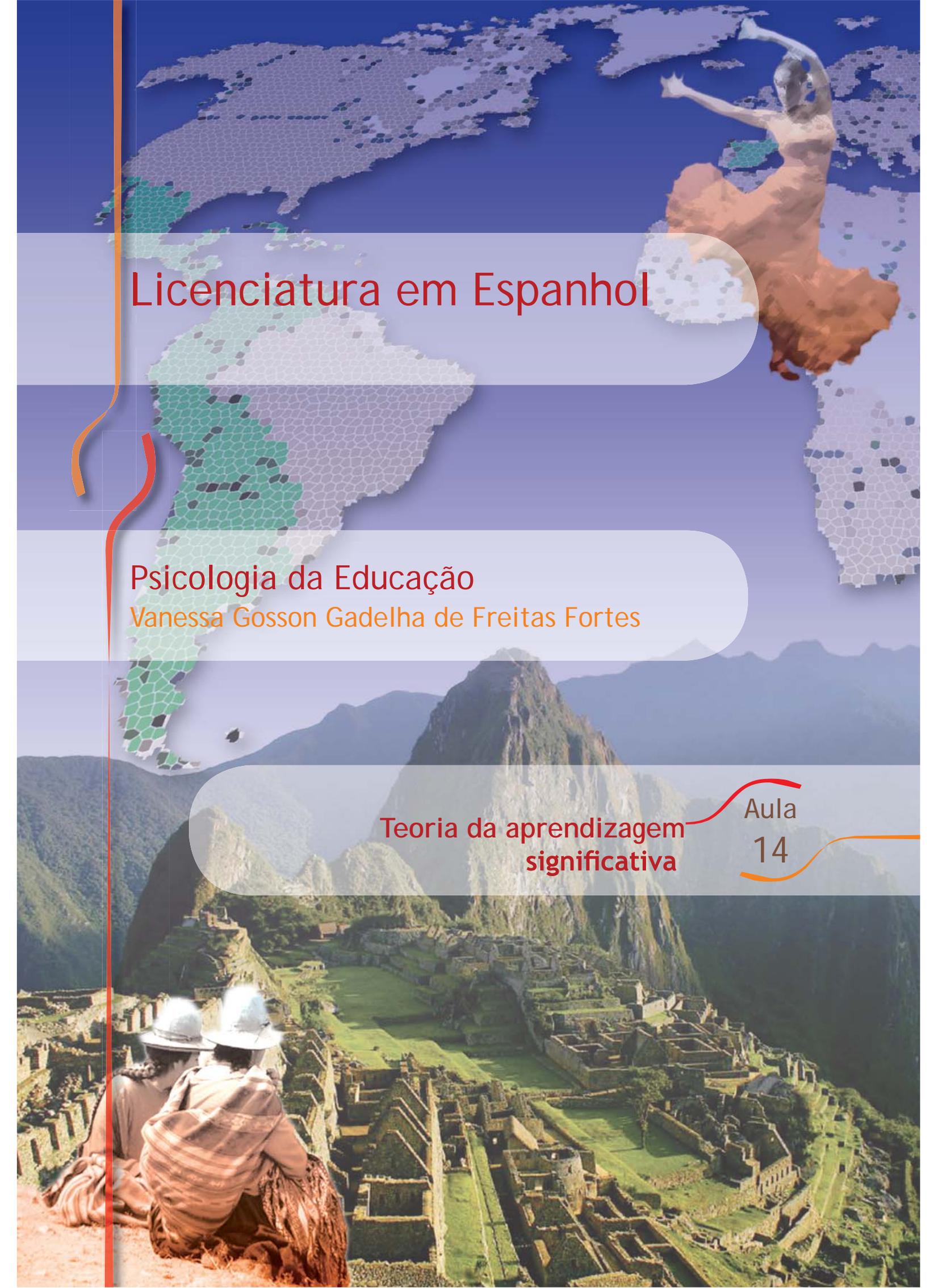
Lista das figuras

Fig. 01- <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=1056130>

Fig. 02- <http://www.educacao.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/criancas-da-escola-rotary-participam-de-atividades-do-festival-dreams-and-teams/image>

Fig. 03- <http://www.educacao.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/criancas-da-escola-rotary-participam-de-atividades-do-festival-dreams-and-teams/image>

Fig. 04- http://2.bp.blogspot.com/_jSryAEYmeVI/S9M4KAdUomI/AAAAAAAAALo/bvczc-PcVko/s1600/P3220181.JPG



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes



Teoria da aprendizagem
significativa

Aula
14

Apresentação e Objetivos



A aula deste módulo está sendo debatida em vários cursos de capacitação de professores, inclusive no IFRN, aconteceu recentemente, um curso para professores com vistas a compreender alguns conceitos e práticas da aprendizagem significativa.

É relevante destacar que a premissa maior desta aprendizagem é o Construtivismo, pois parte do princípio de que o conhecimento a ser trabalhado em sala de aula deve estar vinculado com a experiência e vivência dos alunos.

Com esta aula, objetivamos compreender a essência da aprendizagem significativa e identificar os elementos que a diferem dos demais tipos de aprendizagem.





Para começar

Comumente, ouvimos nas falas, nos discursos de várias pessoas, que a educação brasileira não é de qualidade, que as escolas públicas não correspondem ao anseio da comunidade.

Bem, se fôssemos discutir sobre todas as problemáticas vivenciadas no ensino público, iríamos tecer muitos comentários. No entanto, gostaríamos de destacar a questão do ensino de qualidade. O que vem a ser isso? O que significa um ensino de qualidade? É aquele que faz o aluno passar no vestibular, no concurso? Ou aquele que forma para a vida?

Verificamos, nos documentos legais, a defesa por uma formação holística, humanizadora, que considera o aluno em todos os aspectos. Esse tipo de compreensão recai num repensar o ensino tradicional, que não estimula o pensar, não estimula a crítica, nem a criatividade do ser humano.

Já sabemos que esse tipo de ensino tem seus fundamentos sobre aprendizagem na Teoria Comportamentalista. Hoje, como já destacamos em outra aula, o Construtivismo é apresentado como melhor alternativa metodológica para a qualidade do ensino. E nessa vertente, a Aprendizagem Significativa também vem ganhando espaço no meio educacional, existem – inclusive – pesquisas nas áreas do ensino das ciências que contemplam os princípios dessa referida aprendizagem.

Vamos aprender, então, o que é Aprendizagem Significativa e quais são as suas características.



Assim é

Vamos começar a nossa aula com uma frase que traz a essência da aprendizagem significativa:

A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva (PELIZZARI; KRIEGL; BARON; FINCK e DOROCINSKES, 2002, p. 2).

Destacamos a frase em **negrito**, pois nos remete a um dos fatores que facilitam a aprendizagem: a compreensão da necessidade de um determinado conhecimento na vida do indivíduo, proporciona a aprendizagem.

É comum, em nosso dia-a-dia, aprendermos as coisas que são interessantes, que são coerentes aos nossos anseios, às nossas perspectivas, quando sabemos a utilidade desse conhecimento em nossas vidas. Dessa forma, fórmulas usadas na matemática, na química ou na física são difíceis de compreender, de aprender, pois não sabemos onde aplicá-las e qual a sua utilidade na vida diária.

Nessa perspectiva, Ausubel cria a Teoria da Aprendizagem Significativa. Vamos, então, conhecer este estudioso e os princípios que regem essa teoria.

Biografia

David Paul Ausubel nasceu no ano de 1918 em Nova Iorque. Foi um grande psicólogo da educação estadunidense.

Filho de família judia, pobre e imigrante da Europa central, sofreu humilhações e castigos na escola; fato que ocasionou revolta quanto à educação que recebera.

Diante dessa experiência nefasta, declara que a educação é violenta, reacionária. Descreve, inclusive, uma situação que passou: "Escandalizou-se com um palavrão que eu, patife de seis anos, empreguei certo dia. Com sabão de lixívia lavei-me a boca. Submeti-me. Fiquei de pé num canto o dia inteiro, para servir de escarmento a uma classe de cinquenta meninos assustados (...)"¹

Depois da sua formação acadêmica no Canadá, decide dedicar-se à educação, com vistas a buscar melhorias para o verdadeiro aprendizado. Ele era, totalmente, contra a aprendizagem mecânica, castradora; e por isso, torna-se um representante do cognitivismo, defendendo a aprendizagem que considera as estruturas cognitivas do aluno.

Durante os seus estudos, Ausubel investiga os vários tipos de aprendizagem, entre elas a aprendizagem por descoberta, em que a motivação e a possibilidade de escolha por parte dos alunos desempenham um papel fundamental. Introduce o conceito de "organizadores prévios" no modelo de ensino que defende. O professor deveria proporcionar, antes de apresentar um

1 Fonte: Wikipédia, Enciclopédia livre. Biografia de David Ausubel.

Fig. 01



Fig. 02



assunto, os objetivos a atingir, relacionando-os com os saberes já adquiridos. Seriam como “pontes cognitivas”; nas palavras do autor, entre o que o aluno sabe e o que irá aprender. O seu conceito de “aprendizagem significativa” (o que se aprende deveria integrar-se no que o sujeito já conhece) tem sido aplicado em várias áreas do ensino .

Depois dessa breve apresentação, iremos agora adentrar na Teoria da Aprendizagem Significativa.



Atenção!

Cabe registrar que a base que norteia toda a Aprendizagem Significativa que sustenta a Teoria de Ausubel está nos trabalhos desenvolvidos por Piaget (Epistemologia Genética). A epistemologia genética dos trabalhos de Piaget levou Ausubel a elaborar suas teorias, que, por sua vez, influenciaram e criaram implicações no campo pedagógico, uma vez que suas experimentações foram desenvolvidas com a aprendizagem ocorrida em sala de aula, de onde parte sua teorização. (BALIEIRO, 2003, p. 53).

COGNIÇÃO: “processo através do qual o mundo de significados tem origem. À medida que o ser se situa no mundo, estabelece relações de significação, isto é, atribui significados à realidade em que se encontra. Esses significados não são entidades estáticas, mas pontos de partida para a atribuição de outros significados. Tem origem, então, a estrutura cognitiva (os primeiros significados), constituindo-se nos pontos básicos de ancoragem dos quais derivam outros significados” (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA).

Fonte: Disponível na: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$david-ausubel](http://www.infopedia.pt/$david-ausubel)>.

A Teoria da Aprendizagem Significativa - TAS

Ausubel, assim como Piaget, não se deteve no aspecto externo do aprendizado, mas considera que as transformações dos processos mentais passam durante o desenvolvimento do indivíduo.

Para fins didáticos, dividiremos os principais aspectos em categorias, iniciando-os com o tema As condições para Aprendizagem Significativa; posteriormente, Os tipos de aprendizagem defendidos por Ausubel e, para finalizar, comentaremos sobre As características da Aprendizagem Significativa.

a) As condições para Aprendizagem Significativa

Ausubel aponta a necessidade de duas condições para que essa aprendizagem ocorra, a saber: primeiro, o aluno precisa estar disposto para aprender, e segundo, o conteúdo da escola deve ser atrativo, significativo, ter um significado lógico e psicológico para esse aluno. O lógico refere-se à natureza do conteúdo; e o psicológico é o contexto da experiência que cada um tem.

b) Tipos de aprendizagem na visão de Ausubel

Coll, Marchesi e Palácios (2004, p. 61) explicam por que Ausubel se interessa em propor uma teoria da aprendizagem, bem como em analisar as diversas aprendizagens presentes nas escolas:

“a preocupação que leva Ausubel a elaborar sua proposta é a pouca capacidade que se havia mostrado até então para propor teorias do ensino que se baseassem nos conhecimentos gerados pelas teorias da aprendizagem. Assim, seu interesse centra-se na análise das características dos diversos tipos de aprendizagem que se produzem especificamente no contexto escolar a partir de sua potencialidade para construir conhecimentos com significado para os alunos.”

Diante disso, Ausubel postula duas dimensões de análise: a aprendizagem significativa e a aprendizagem memorística ou repetitiva.

Iremos comentar, primeiramente, a aprendizagem memorística e depois apresentaremos outros tipos de aprendizagem estudados por Ausubel. Por fim, adentraremos nas características da Teoria da Aprendizagem Significativa.

A **aprendizagem memorística**, como já sabemos, é aquela em que o aluno apenas memoriza o conteúdo, sem fazer qualquer relação, elaboração ou relacionamento com o conhecimento prévio existente, e ainda não consegue fazer outras tentativas, com vistas a entender os seus significados e implicações na vida diária.

Fig. 03



Geografia: memorizávamos informações.

Esse tipo de aprendizagem ainda perdura até os dias atuais, uma vez que muitas escolas enfocam a questão da memorização do conteúdo.

Por isso, muitos dos nossos alunos quando são desafiados a fazer uma relação entre a prática e a teoria, relacioná-los com o dia-a-dia, não conseguem.

Esse olhar sob a aprendizagem é em função do grau de significado adquirido pelo aluno. Mas, ao mudarmos o foco para a apresentação dos conteúdos, teremos outros dois tipos de aprendizagem: a aprendizagem por descoberta e a aprendizagem por recepção.

A **aprendizagem por descoberta** ocorre quando o conteúdo a ser estudado pelo aluno não é apresentado, tem que ser descoberto, antes de poder ser assimilado à estrutura cognitiva do discente.

Já na **aprendizagem por recepção**, o conteúdo que o aluno irá aprender é apresentado já pronto, acabado. O aluno não precisa descobrir, garimpar a informação.

Podemos observar que a essência desses tipos de aprendizagem é a mesma: para uma vertente, o conhecimento adquire significado; já para a outra, esse mesmo conhecimento é apenas apresentado.

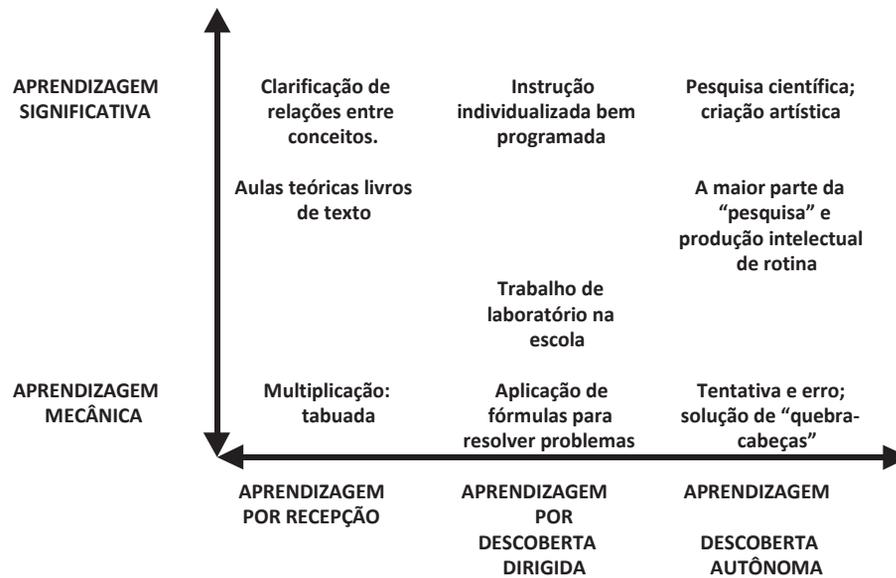
Balieiro (2003, p. 57), declara que Ausubel não distingue a Aprendizagem Significativa e a aprendizagem mecânica, memorística, no âmbito dicotômico, mas sim como um continuum. O que ocorre é uma agregação do conjunto de conceitos e proposições que vai possibilitando a Aprendizagem Significativa. "A partir daí, novos conceitos passam a ser adquiridos por assimilação (não no mesmo sentido usado por Piaget), diferenciação progressiva e reconciliação integrativa".

Ratificando essa informação, Morais (2010, p. 4) afirma que Ausubel "não vê oposição entre a aprendizagem mecânica e a significativa, mas as vê como um *continuum*". Segundo Ausubel, a aprendizagem mecânica é inevitável no caso de conceitos inteiramente novos para o aluno. Porém, posteriormente, ela passará a se transformar em significativa.

Por exemplo, ao se apresentar ao aluno o conceito de célula "*unidade morfológica e fisiológica de todos os seres vivos*", este só terá sentido à medida que for relacionado com alguma ideia relevante, que esteja clara e organizada na sua estrutura cognitiva. Caso contrário, a princípio, será armazenado de forma mecânica."

Enfim, para Ausubel, a aprendizagem por recepção e a aprendizagem por descoberta estão situadas ao longo de um continuum de aprendizagens significativas.

Para ficar mais claro, observe a figura a seguir:



Fonte: Morais (2010, p. 7).

Mãos à obra

Conforme o que foi estudado anteriormente, descreva as diferenças existentes entre os tipos de aprendizagem, e que visão Ausubel apresenta da relação entre esses tipos de aprendizagem.

c) As principais características da Aprendizagem Significativa

Nesse momento, apresentaremos, de forma sucinta, algumas das principais características da Teoria da Aprendizagem Significativa, a saber:

- ▶ O princípio que norteia essa teoria – como já foi mencionado anteriormente – é a ideia de que, para acontecer a aprendizagem, faz-se necessário considerar o que o aluno já sabe.
- ▶ Defende que os docentes criem situações didáticas com vistas a desvendar o conhecimento prévio dos alunos.
- ▶ Os conhecimentos prévios servem de suporte para o novo conhecimento se apoiar. Esse processo, Ausubel denominou de ancoragem.
- ▶ Há três tipos de aprendizagem significativa: a aprendizagem representacional, a aprendizagem conceitual e a aprendizagem proposicional.

A **aprendizagem representacional** é considerada como básica na aprendizagem do ser humano. É o momento em que o sujeito relaciona o objeto ao símbolo que o representa. É o nomear, classificar e definir funções. Ausubel a aproxima com a aprendizagem mecânica ou automática.

A **aprendizagem conceitual** tem uma relação com a aprendizagem representacional, mas é uma vertente mais complexa, pois se refere a conceitos mais genéricos ou ideias mais categóricas.

A **aprendizagem proposicional** diz respeito a significados promulgados por grupos de palavras combinadas em sentenças. "Esse tipo de aprendizagem pode atingir formas mais complexas de aprendizagem significativa. Nesse caso, a tarefa é aprender o significado que está além da soma dos significados das palavras e conceitos que compõem a proposição." (op. Cit, p. 16).

Existem outras características dessa teoria. Todavia não é o objetivo desta aula aprofundá-la. Para tanto, recorra às leituras complementares.

Para finalizar, Novak (1980, p. 61 apud MORAIS, 2010, p. 5 e 6) afirma que a Aprendizagem Significativa oferece quatro grandes benefícios sobre a aprendizagem por memorização ou mecânica:

1° - Os conhecimentos adquiridos significativamente ficam retidos por um período maior de tempo;

2° - As informações assimiladas resultam num aumento da diferenciação das ideias que serviram de "âncoras", aumentando, assim, a capacidade de uma maior facilitação da subsequente aprendizagem de materiais relacionados;

3° - *As informações que não são recordadas (são esquecidas) após ter ocorrido a assimilação, ainda deixam um efeito residual no conceito assimilado e, na verdade, em todo o quadro de conceitos relacionados.*

4° - *As informações apreendidas significativamente podem ser aplicadas numa enorme variedade de novos problemas e contextos”.*

Para proporcionar a Aprendizagem Significativa, Ausubel propõe a utilização dos Mapas Conceituais.

Os Mapas Conceituais são diagramas que indicam as relações entre os conceitos, ou entre palavras que são usadas para representar tais conceitos

Novak (1998 apud MOREIRA, 2010) realça que os Mapas Conceituais podem ser considerados recursos auxiliares para a aprendizagem do alunado, como também para o ensino do professor.

Para o aluno, esse mapa possibilita, por exemplo, resolver problemas, planejar os estudos, preparar-se para as avaliações, estabelecer as relações entre as ideias de um determinado conteúdo, fazer anotações.

Já para os professores, o Mapa Conceitual pode se tornar um suporte, um auxílio para as atividades da sala de aula, conforme aponta Novak (1998) apud Moreira (2010):

- ▶ **Para ensinar um novo tópico:** na construção de Mapas Conceituais, os conceitos difíceis são aclarados e podem ser arranjados em uma ordem hierárquica de subordinação. O uso de Mapas Conceituais pode auxiliar o professor a se manter mais atento aos conceitos-chave e às relações entre eles. Os mapas podem auxiliá-lo a transmitir uma imagem geral e clara dos tópicos e das suas relações para seus estudantes. Dessa forma, torna-se mais fácil para o estudante não perder ou não entender qualquer conceito importante.
- ▶ **Para reforçar a compreensão:** o uso dos Mapas Conceituais reforça a compreensão e aprendizagem por parte dos alunos. Eles permitem a visualização dos conceitos-chave e resumem suas inter-relações.
- ▶ **Para verificar a aprendizagem e identificar conceitos mal compreendidos:** os Mapas Conceituais também podem auxiliar os professores na avaliação do processo de ensino. Eles podem avaliar o alcance dos objetivos pelos alunos através da identificação dos conceitos mal entendidos e dos que estão faltando.
- ▶ **Para a avaliação:** as aprendizagens do aluno (alcance dos objetivos, compreensão dos conceitos e suas interligações, etc.) podem ser acompanhadas/ verificadas / redirecionadas mediante a construção de Mapas Conceituais.
- ▶ **Como instrumento de análise de anormalidades cognitivas:**

Fig. 04



A criança no momento de descoberta.

além disso, os Mapas Conceituais podem ser um instrumento de detecção de possíveis anormalidades cognitivas e psicológicas dos alunos.



Atenção!

Ausubel chama as ideias que proporcionam ancoragem de subordinadores, integradores ou *subsunçores*.

Para Moreira (1999 apud MOREIRA, 2010, p. 5) o "*subsunçor*" constitui, um conceito, uma ideia ou uma proposição, já existente na estrutura cognitiva, capaz de servir de "âncoradouro" a uma nova informação, de modo que esta adquira, assim, significado para o sujeito.

Ausubel lembra que a escola, ainda hoje, privilegia as aulas expositivas, apesar de todas as críticas a elas endereçadas. Entretanto, ele não descarta a possibilidade de ocorrência de aprendizagem significativa dentro dessa perspectiva, desde que sejam obedecidos alguns pressupostos como, por exemplo, a identificação de conhecimentos relevantes que sirvam de "âncoras" à nova aprendizagem, na mente do aluno (op. Cit, p. 9).



Mãos à obra

Elenque as características da Aprendizagem Significativa, apontando os benefícios para a aprendizagem dos alunos.

Um passo a mais



MOREIRA, M. A. e Masini, E. F. S. (1982) Aprendizagem Significativa: a teoria de aprendizagem de David Ausubel. São Paulo: Editora Moraes. Apresentam, mais detalhadamente, e numa linguagem acessível, a teoria de Ausubel.

Já sei!



Aprendemos nesta aula que a aprendizagem presente na escola, conforme Ausubel, deve estar voltada para dois aspectos: o aluno e o seu conhecimento prévio. Para o teórico, não existe aprendizagem significativa se não é considerado o que o discente já sabe. Defende o uso dos Mapas Conceituais para desenvolver a Aprendizagem Significativa. Tal aspecto não é fácil, necessita o envolvimento do professor, do aluno sedento em descobrir, pesquisar. Através dessa forma de compreender o ensino, podemos possibilitar que todos ultrapassem a passagem do comodismo, da reprodução, memorização.

Autoavaliação



Leia o texto sobre Mapas Conceituais, que está na leitura complementar, e elabore um mapa para poder trabalhar um conceito, uma palavra presente na Língua Espanhola.



Referências

BALIEIRO, Almir. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem: A concepção dos professores civis e militares da Academia de Polícia Militar Costa Verde – MT.** 2003. 144p. : il.; color. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, 2003."Orientação: Prof. Dr. Sérgio Roberto de Paulo. Disponível em: www.escoladegoverno.mt.gov.br/arquivos/trabalhos/69APEA.PDF. Acessado em: 17.06.2010

Biografia de David Ausubel. Disponível em Wikipédia, Enciclopédia livre. Acessado em 17.06.2010.

BOCK, Ana Maria; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologia: Uma introdução ao Estudo da Psicologia.** São Paulo: Saraiva, 2007.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús e colaboradores. **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da educação escolar.** Vol 2. São Paulo: Artmed, 2004.

David Ausubel. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2010. [Consult. 2010-05-06]. Disponível em www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$david-ausubel](http://www.infopedia.pt/$david-ausubel)>. Acessado em: 16.06.2010.

MORAIS, Ronny Machado de. **A teoria da aprendizagem significativa – tas,** 2010. artigo. Disponível em: www.cdb.br/prof/arquivos/71749_20050528095227.doc

NOVAK, Joseph David. **Aprender, criar e utilizar o conhecimento: mapas conceptuais™ como ferramentas de facilitação nas escolas e empresas.** Lisboa: Plátano edições técnicas, 1998.

PELIZZARI, Adriana; KRIEGL, Maria de Lurdes; BARON, Márcia Pirib; FINCK, Nelcy Teresinha Lubi; DOROCINSKES, Solange Inês. **Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel.** Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.41-42, jul. 2001-jul. 2002. Artigo disponível em: www.bomjesus.com.br. Acessado em: 05. 05. 2010.

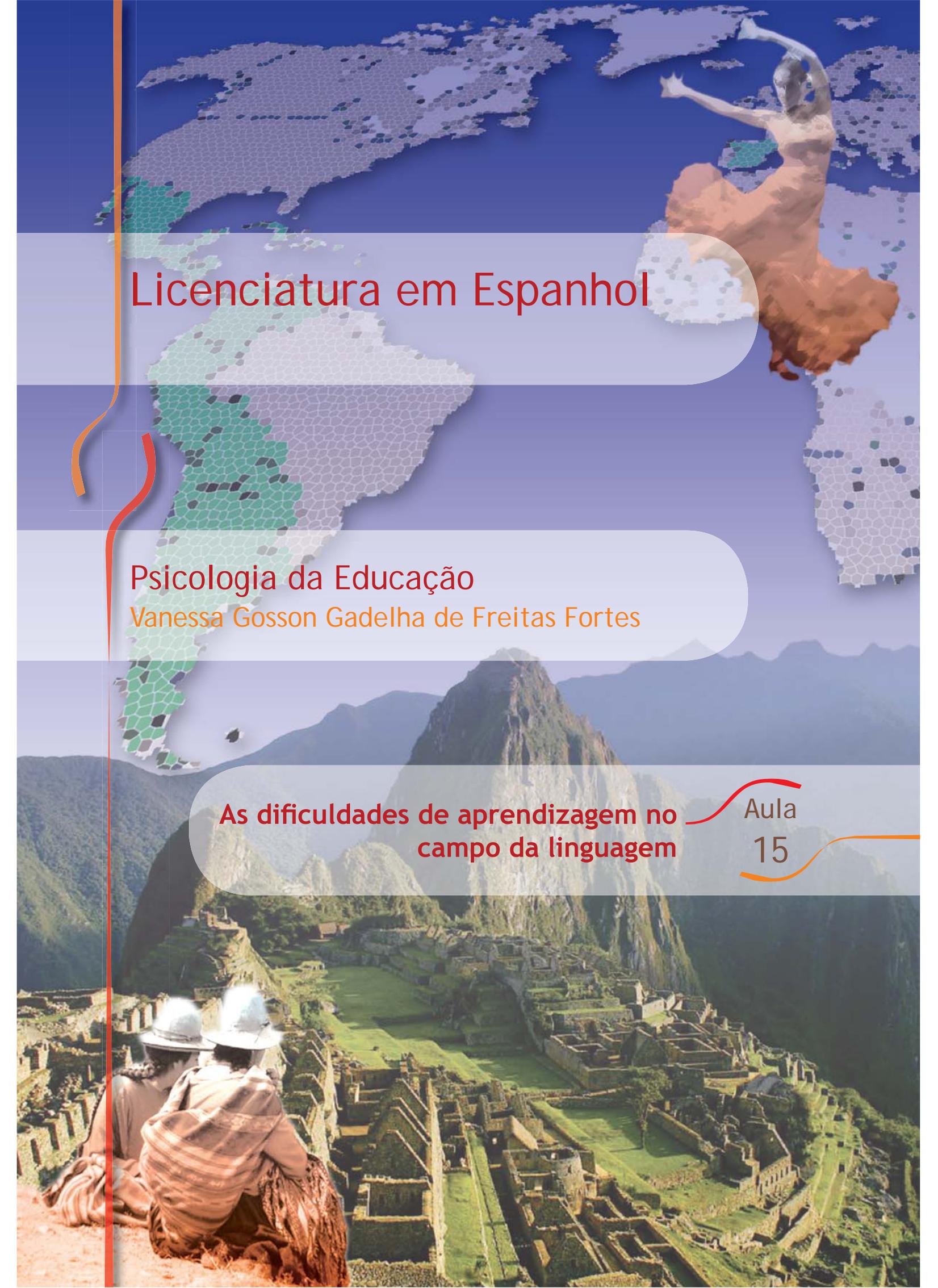
Fonte das figuras

Fig. 01- <http://www.thehouseholdplanner.com/wp-content/uploads/2009/09/kids-playing.jpg>

Fig. 02- http://4.bp.blogspot.com/_WmIyaZPESuQ/SwlaGFW4dQI/AAAAAAAAEmg/_-qd1JgBQDs/s400/je_my01.jpg

Fig. 03- <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=1073194>

Fig. 04- <http://www.rentonschools.us/FILES/DISTRICT/Categorical%20Programs/images/j0400378.jpg>



Licenciatura em Espanhol

Psicologia da Educação

Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes



As dificuldades de aprendizagem no
campo da linguagem

Aula
15

As dificuldades de aprendizagem no campo da linguagem

Apresentação e Objetivos



Estamos no final do nosso módulo. Estudamos vários aspectos sobre o comportamento humano, mais especificamente, no que diz respeito à aprendizagem e ao desenvolvimento do mesmo, e como tais aspectos influenciam na formação do homem social, emocional, intelectual, físico, biológico.

Estudamos os fatores que favorecem à aprendizagem, comentamos sobre a Aprendizagem Significativa, bem como os demais tipos de aprendizagem.

Todos esses elementos são voltados para o aluno regular. Mas na atualidade, no campo das políticas inclusivas, faz-se necessário que a escola receba e trabalhe com alunos que apresentam várias necessidades educativas; necessidades essas, que abrangem desde alunos portadores de deficiência, com dificuldade de aprendizagem, com problemas de conduta, até os que requeiram uma adequação mais específica para que possam ter garantido os seus direitos à educação.

Por essa razão, abordaremos, nesta aula, um dos assuntos que tem sido pauta de debate entre os professores: a **dificuldade de aprendizagem**, focada no campo da linguagem, uma vez que vocês estão se formando no ensino de Língua Espanhola.

Os objetivos de nossa aula são:

- ▶ Conhecer os diferentes tipos de dificuldade de aprendizagem.
- ▶ Conhecer as características da dislexia e que ações podem ser desenvolvidas em sala de aula, quando se tem alunos portadores de dislexia.



Para começar

Vamos começar a nossa aula narrando a história de uma jovem chamada Cacilda.

Fig. 01



Cacilda era uma menina muito esperta, adorava descobrir o mundo.

Mas um dia, algo a preocupou, pois após uma análise do que aprendeu na escola, descobriu que muita coisa que tinha estudado, ela esqueceu.

Andou fazendo cálculos e verificou que já tinha passado aproximadamente sete mil horas na escola, escreveu milhares de páginas de caderno, fez cerca de quinhentas provas, recebeu inúmeras broncas dos professores e dos pais.

Refletiu que, apesar de ter passado tanto tempo na escola, tinha esquecido de tudo. Em Matemática, esqueceu até as coisas mais simples, como adição de frações e cálculos de juros.

Em Ciências, aconteceu a mesma coisa: não conseguiu explicar o processo de fotossíntese.

Em Estudos Sociais, não sabe como são escolhidos o presidente da República e os prefeitos das capitais dos Estados, nem muitas outras coisas sobre as quais ouviu notícias na televisão.

Em Português, quando o professor pede para escrever alguma coisa, com muita dificuldade, consegue chegar a dez linhas.

Por estas questões, Cacilda chegou à conclusão de que perdeu a melhor fase de sua vida nos bancos escolares. Se fosse aprender agora tudo de que se lembra de seus anos de escola, certamente não levaria mais que poucos meses. Então para que a escola?

Essa história não está distante da realidade de muitas pessoas. A escola não tem se configurado como um lugar atrativo para a aprendizagem. As causas são diversas; e a conclusão a que chegou Cacilda reflete essa realidade. No entanto, existem outros aspectos que devem ser considerados, quando não há aprendizagem. Um dentre tantos outros é a **dificuldade de aprendizagem**, que tem sido debatida na atualidade,



e que, durante muito tempo foi desconsiderada como uma necessidade educativa que precisa de atenção específica por parte dos educadores.

Para entendermos mais sobre essa questão, vamos estudar, a princípio, a dificuldade da aprendizagem, seu histórico e suas características. Posteriormente, veremos essa dificuldade no campo da linguagem, como é o caso da **dislexia**.



Assim é

Histórico

Durante muito tempo as pessoas que apresentavam alguma necessidade especial - algo fora dos padrões estabelecidos - foram discriminadas. Em determinadas civilizações, as ações em relação a essas pessoas tinham requintes de crueldade. Por exemplo, na Índia Antiga, os doentes incuráveis eram jogados no Rio Gange. Na Grécia Antiga, os diferentes - considerados como monstros - eram jogados do alto do Monte Tajeto. Em Celta, os filhos tinham permissão de matar os pais quando eles estivessem velhos e doentes.

Essas atitudes perduraram até meados da Idade Média, pois as pessoas com deficiência eram consideradas como endemoniadas, ou então, era resultado do castigo divino. Por essa razão, essas pessoas eram totalmente marginalizadas.

Com o desenvolvimento da ciência, tais pessoas passam a ser consideradas como doentes e os médicos são os responsáveis pela educação e reabilitação desses indivíduos "enfermos". Para não incomodar a sociedade com as suas deformidades, os médicos colocavam os seus pacientes em instituições, como asilos, hospitais.

Hoje, as pessoas com deficiência, com alguma necessidade especial, já têm, legalmente, os direitos garantidos. Muitas delas já estão fazendo parte da comunidade, já estão inseridas na sociedade, apesar de ainda enfrentarem muitos obstáculos.

Já em relação à história da dificuldade de aprendizagem, esta foi multifacetada, diversificada. Caso viéssemos a observar a sua origem, iríamos para os primeiros estudos descritivos de casos com perda de fala ocasionada por lesão cerebral, ou afasia.

O primeiro a descrever a ligação entre a dificuldade de aprendizagem relacionada com a lesão foi o médico Dejerine. Ele relata um caso em que um adulto lesionado perdeu a capacidade de leitura, mas conservou a capacidade de compreender e expressar-se verbalmente.

Outro estudioso chamado de Hinshelwood também observou esse caso de lesão cerebral e sugeriu que o transtorno de leitura foi ocasionado por alterações congênicas do cérebro.

Na tentativa de compreender esse caminho da discussão em torno da dificuldade de aprendizagem, foram delimitadas três fases dessa história:

- a) 1800 a 1963 (Etapa de Fundação)**
- b) 1963 a 1990 (Etapa dos Primeiros Anos)**
- c) Projeção para o futuro (Terceira Etapa)**

A título de conhecimento, vamos apresentar, sucintamente, cada etapa.

1. 1800 a 1963 - Etapa de Fundação

Essa etapa é marcada com o surgimento das bases teóricas, os precursores, os antecedentes que possibilitaram a formação do campo das dificuldades de aprendizagem.

O princípio que demarcou a etapa de fundação do campo das dificuldades de aprendizagem foram as observações realizadas por Franz Joseph Gall¹ em adultos com lesões cerebrais.

Os estudos na área das lesões cerebrais se constituíram como o centro das teorias, nesse período, da dificuldade de aprendizado.

As contribuições desses estudos, principalmente das observações realizadas por Gall, foram as seguintes:

- ▶ Observação de uma área normal e outra com problemas. O estudioso chegou à seguinte conclusão: apesar de alguns pacientes

1 Franz Joseph Gall nasceu em Baden, Alemanha, em 9 de março de 1758. Gall estudou medicina em Viena e se tornou um renomado neuroanatomista e fisiologista. Ele foi pioneiro no estudo da localização das funções mentais no cérebro. Por volta de 1800, desenvolveu a "cranioscopia", um método para adivinhar a personalidade e desenvolvimento das faculdades mentais e morais com base na forma externa do crânio. Cranioscopia (cranium=crânio, scopos=visão) foi posteriormente renomeada como frenologia (phrenos=mente, logos=estudo) por seus seguidores. Fonte:http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/frengall_port.htm

terem a fala afetada, continuavam expressando as suas opiniões, seus pensamentos corretamente por meio da escrita.

- ▶ A lesão cerebral ocasiona a dificuldade na fala.
- ▶ Como os problemas dos pacientes eram ocasionados por lesão cerebral, descartava-se uma causa proveniente de uma deficiência mental ou de um déficit sensorio, como a surdez.

No aspecto da dificuldade de aprendizagem da leitura, destacaram-se os seguintes estudiosos:

- ▶ Hinshelwood (1917): defendeu que a causa da dificuldade de aprendizagem da leitura era ocasionada pelas alterações cerebrais congênitas.
- ▶ Orton (1937): denominou a sua teoria de estrefossimbolia, e indicou métodos específicos para o tratamento.
- ▶ Strauss e Wener (1942): deram suas contribuições no campo das lesões cerebrais em crianças que apresentavam retardo mental e estudaram – principalmente – a síndrome infantil de Strauss.

García (1998, p. 18) declara que, já no final dessa etapa, entre 1930 a 1963, os estudiosos enfatizaram os aspectos de intervenção,

na tentativa de desenvolver aplicações terapêuticas dos postulados teóricos, passando o interesse dos adultos às crianças com transtornos de desenvolvimento, a quem supunha, basicamente, os mesmos mecanismos causais explicativos que os adultos; fato evidenciado pelas necropsias, logo após o falecimento. O interesse inicial dos médicos e, sobretudo, dos neurologistas, foi contagiando psicólogos e professores, que começaram a se preocupar com o campo das dificuldades de aprendizagem, desenvolvendo provas de avaliação e programas e intervenção correlativos, que foram, em princípio, aplicados em certas clínicas ou instituições isoladas antes de terem seu uso generalizado nas escolas públicas (GARCÍA, 1998, p. 18).

2. 1963 a 1990 - Etapa dos Primeiros Anos

Samuel Kirk faz história nesse período, ao propor o uso da terminologia dificuldade de aprendizagem, em uma apresentação na Conference on Exploration into Problems of the Perceptually Handicapped Child, nos Estados Unidos.

Assim foi o relato de Kirk:

usei o termo dificuldade de aprendizagem para descrever um grupo de crianças que tem desordens no desenvolvimento da linguagem, da fala, da leitura e das habilidades associadas à comunicação necessária para interação social. Neste grupo, eu não incluo crianças que têm déficit sensoriais, tais como cegueira ou surdez, porque temos métodos para lidar e treinar os surdos e os cegos; eu também não excluo deste

grupo crianças que apresentam um atraso mental generalizado (KIRK, 1963, apud SILVA, 2008, p.3).

Silva (2008) declara que Kirk observou que as dificuldades enfrentadas pelas crianças não eram explicáveis, e não se enquadravam na área da educação especial, como também não estavam relacionados com o nível de inteligência, o ambiente familiar e a educação recebida. O uso do termo **dificuldade de aprendizagem** foi utilizado para problemas de aprendizagem acadêmica; fato que desencadeou o foco para uma proposta educativa.

Depois da declaração de Kirk, foi acordada a criação da "Associação for Children with Learning Disability" (ACLD).

Hammil (1993, apud GARCÍA, 1998) afirma que essa etapa foi caracterizada por cinco elementos. São eles:

- a) **O surgimento de novas associações e organizações específicas.**
- b) **A provisão de fundos governamentais enormes.**
- c) **A implementação de programas educativos locais, graças aos fundos governamentais.**
- d) **Além de médicos e psicólogos, influenciam decisivamente no campo os pais, os psicopedagogos, os mestres e os professores, os pesquisadores, os neurologistas.**
- e) **E, com a diversificação do campo e a entrada de profissionais com interesses e concepções diferentes, aparecem graves conflitos que põem em questão os enfoques teóricos, os modelos de diagnóstico e de intervenção (HAMMIL, 1993, apud GARCÍA, 1998, p. 20).**

Ainda nesse momento, acontece um fato histórico, a saber: a mudança da legislação e a adoção de fundos para financiar a formação de mestres, professores, psicólogos, médicos, pedagogos no campo da dificuldade de aprendizagem. Tal fato proporcionou o avanço da preocupação com a temática sobre dificuldade de aprendizagem, que passa a abranger não somente as fases escolares, mas também os adolescentes e os adultos, incluindo suas necessidades vocacionais e de trabalho.

3. Projeção Futura (1990 -)

Essa fase é marcada pela disputa por uma definição, uma etiologia, um diagnóstico diferencial das dificuldades de aprendizagem, um tratamento e prognósticos específicos, e por fim, uma disputa sobre a heterogeneidade e os subtipos de dificuldade de aprendizagem, entre

outros aspectos. Essas disputas se devem ao fato de haver vários conceitos e teorias a respeito da temática. Podemos observar essa questão sobre conceitos, no tópico a seguir.

3.1 As várias definições acerca da dificuldade de aprendizagem

Começemos com a definição proposta por Kirk:

uma dificuldade de aprendizagem refere-se a um retardamento, transtorno ou desenvolvimento lento em um ou mais processos da fala, linguagem, leitura, escrita, aritmética ou outras áreas escolares, resultante de um handicap causado por uma possível disfunção cerebral e/ou alteração emocional ou condutual. Não é o resultado de retardamento mental, de privação sensorial ou fatores culturais e instrucionais (KIRK, 1962, p. 263 apud GARCÍA, 1998, p. 8).

A segunda definição foi Bateman quem propôs a partir da que foi apresentada por Kirk. Ele, por não estar satisfeito com a definição do seu colega, introduz o conceito de discrepância aptidão-rendimento, mas não destaca as causas da dificuldade de aprendizagem, e enfatiza o papel da criança; conforme podemos observar em sua fala:

as crianças que têm dificuldades de aprendizagem são aquelas que manifestam uma discrepância educativa significativa entre seu potencial intelectual estimado e o nível atual de execução relacionado com os transtornos básicos nos processos de aprendizagem, que podem ou não vir acompanhados por disfunções demonstráveis no sistema nervoso central, e que não são secundárias ao retardamento mental generalizado (BATEMAN, 1965, p. 220 apud GARCÍA, 1998, p. 8).

É interessante destacar que as dificuldades as quais os alunos enfrentam, ou até mesmo as que nós passamos, não significa, necessariamente, que temos uma dificuldade de aprendizado, que prejudica a aprendizagem. Existem casos em que apresentamos dificuldade em Matemática; mas com o reforço, conseguimos superar o obstáculo. Para se caracterizar a dificuldade de aprendizado em determinado assunto, esta deve ser significativa, como por exemplo, a criança não sabe ainda fazer a distinção entre o som de **v** e **f**, troca letras, mesmo já tendo passado pela alfabetização e estando no Ensino Fundamental II.

Uma terceira definição foi feita por Nachc ou National Advisory Committee on Handicapped Children. A sua teoria tem semelhanças com a de Kirk. Contudo, diverge nos seguintes aspectos:

- a) Eliminação das alterações emocionais como causa das dificuldades de aprendizagem.**
- b) Limita-se à definição de dificuldade de aprendizagem somente**

às crianças.

c) Acrescenta, como exemplificação da dificuldade à linguagem e, aos problemas acadêmicos, os transtornos de pensamento.

Para não nos tornarmos prolixos, vamos apenas apresentar um conceito que resume os dez primeiros conceitos declarados, durante os estudos, a respeito da dificuldade de aprendizagem.

A definição que adotaremos é a proposta pela National Joint Committee on Learning Disabilities (NJCLD).

Dificuldade de Aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escrita, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são ao indivíduo, supondo-se devido à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital. Podem existir, junto com as dificuldades de aprendizagem, problemas de condutas de auto-regulação, percepção social, mas não constituem, por si próprias, uma dificuldade de aprendizagem. Ainda que as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes (por exemplo, deficiência sensorial, retardamento mental, transtornos emocionais graves) ou com influência extrínsecas (tais como as diferenças culturais, instrução inapropriada ou insuficiente), não são o resultado dessas condições ou influências. (NJCLD, 1998, p. 1 apud GARCÍA, 1998, p. 32).



Mãos a obra

Diante do que foi apresentado sobre a história e conceituação da Dificuldade de Aprendizagem, faça um breve resumo, contendo um comentário pessoal sobre o que foi estudado.

3.2 Comportamentos comuns apresentados por pessoas que apresentam Dificuldade de Aprendizagem (DA)

A pessoa que tem Dificuldade de Aprendizagem, geralmente, apresenta um conjunto de condutas significativamente desviantes em relação à comunidade escolar, sendo uma criança comum em determinados aspectos, mas em outros difere - atípico.

É salutar destacar que a criança com DA pode ter um ou mais dos comportamentos que serão abordados a seguir.

Segundo Fonseca (1995, apud SILVA, 2008), os comportamentos mais frequentes que estão presentes nas crianças com Dificuldade de Aprendizagem são:

- ▶ Hiperatividade;
- ▶ Problemas psicomotores (movimentos descontrolados, rígidos, exagerados);
- ▶ Labilidade emocional;
- ▶ Problemas gerais de orientação;
- ▶ Impulsividade;
- ▶ Dificuldade expressiva;
- ▶ Problemas perceptivos, como visuais e auditivos, dificultando a identificação, classificação e interpretação dos estímulos;
- ▶ Desordem de memória e na cognição.

Além desses comportamentos, existem outras características que podem ser identificadas em uma pessoa que apresenta dificuldade de aprendizagem:

1. **Dificuldade em seguir instruções:** é cometido porque as instruções não são completamente compreendidas.
2. **Imaturidade social:** a criança age como se fosse mais jovem que sua idade cronológica.
3. **Dificuldade de conversação:** não consegue achar as palavras certas.
4. **Inflexibilidade:** a criança teima em fazer a mesma coisa, do seu jeito, mesmo que não esteja dando certo, resistindo a sugestões.
5. **Fraco planeamento e habilidades organizacionais:** a criança parece não ter noção de tempo; frequentemente chega atrasada ou despreparada.

Fig. 03



6. **Bastante distraída:** frequentemente perde a lição, as roupas, ou objetos, esquece de fazer as tarefas, tem dificuldade de lembrar compromissos.
7. **Falta de destreza:** geralmente derruba as coisas, mostra-se desajeitada.
8. **Falta de controle dos impulsos:** toca em objetos e pessoas que lhe interessam, fala sem pensar, interrompe assuntos, conversas, tem dificuldade de esperar a sua vez.

Podemos observar que as pessoas com dificuldade de aprendizagem não são aquelas cujos professores dizem serem trabalhosas, que não conseguem aprender. Existem crianças que não sabem estudar e, quando têm uma orientação, um reforço, conseguem aprender sozinhas. Há aquelas que, por estarem passando por problemas em casa, não conseguem se concentrar. As mesmas situações podem ocorrer com os jovens ou adultos que, por apresentar diversos problemas, o aprendizado se torna mais difícil. Porém, isso não quer dizer que tenham uma dificuldade de aprendizagem significativa, como a que estudamos anteriormente. Nesse caso, faz-se necessário realizar um estudo mais criterioso para que possa diagnosticar uma Dificuldade de Aprendizagem.



Atenção!

Labilidade emocional

1 Psiq. Pat. Distúrbio psíquico no qual se manifesta instabilidade emocional, com o desencadear de emoções e arroubos ger. incontrolados em suas exteriorizações, na forma de riso ou choro.

Fonte: http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=labilidade

3.3 Tipos de Dificuldade de Aprendizagem

As terminologias ou a classificação da dificuldade de aprendizagem, comumente, são:

- ▶ Disfasia/Afasia: distúrbios de fala e linguagem.
- ▶ Dislexia: termo geral para uma deficiência na área da leitura.

- ▶ Disgrafia: é geralmente associada à dificuldade de integração visual-motora e habilidades motoras finas.
- ▶ Discalculia - o termo geral para uma deficiência na área da matemática. (fonte: Wikipédia, enciclopédia livre)

Para fins desta aula, iremos apenas detalhar a **dislexia**, uma vez que essa dificuldade tem sido muito debatida, inclusive na mídia.

Fig. 04

3.4 Conhecendo, um pouco, a dislexia

Vamos passear pela dislexia através de questionamentos. O primeiro, geralmente, é em torno do conceito.

Então, vamos aos estudos!

3.4.1 O que é dislexia?

Assim como a Dificuldade de Aprendizagem (DA), o conceito de dislexia também foi apresentado por vários estudiosos, entre eles – o mais usado, atualmente, está centrado na proposta da International Dyslexia Association, elaborada no Comitê de Abril de 1994:



a dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Essas dificuldades na decodificação de palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar de instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e ausência de distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo da aquisição da linguagem, com frequência, incluídos aí os problemas de leitura, aquisição e capacidade de escrever e soletrar (apud IANHEZ; NICO, 2002, p. 23).

Etimologicamente, a palavra dislexia, ao ser desmembrada, significa “DIS”, que é distúrbio ou dificuldade; e LEXIA, que significa leitura (latim) ou linguagem (grego).

É salutar comentar que as crianças, jovens ou adultos que tenham alguma dificuldade na linguagem não são, necessariamente, dislexos. Algumas características demarcam a dislexia, as quais são denominadas de quadro de risco, pois são apenas sinalizações para que os educadores encaminhem os alunos a uma equipe multidisciplinar formada por psicólogo, psicopedagogo e fonoaudiólogo e, se necessário, é feito também o encaminhamento para o neurologista ou outros profissionais. O professor sozinho não pode fazer o diagnóstico; entretanto, pode observar os comportamentos que estão no quadro de risco.

3.4.2 Quais os sintomas mais comuns da dislexia?

Segundo Ianhez e Nico (2002, p. 26 e 27), os sintomas mais comuns da dislexia são:

- a) **Desempenho inconstante.**
- b) **Demora na aquisição da leitura e da escrita.**
- c) **Lentidão nas tarefas de leitura e escrita, mas não nas orais.**
- d) **Dificuldade com os sons das palavras e, conseqüentemente, com a soletração.**
- e) **Escrita incorreta, com trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas.**
- f) **Dificuldade em associar o som ao símbolo.**
- g) **Dificuldade com a rima e aliterações.**
- h) **Dificuldade em nomear objetos, tarefas etc.**
- i) **Dificuldade em organizar-se com o tempo (hora) no espaço (antes e depois) e direção (direita e esquerda).**
- j) **Dificuldade em memorizar números de telefones, mensagens, fazer anotações, ou efetuar alguma tarefa que sobrecarregue a memória imediata.**
- k) **Dificuldade em organizar as suas tarefas.**
- l) **Dificuldade com cálculos mentais.**
- m) **Desconforto ao tomar notas e/ou relutância para escrever.**
- n) **Persistência no mesmo erro, embora conte com a ajuda do profissional.**
- o) **Discrepância em associações, como por exemplo, associar rótulos aos seus produtos.**
- p) **Dificuldade para organização sequencial; por exemplo, as letras do alfabeto, os meses do ano, a tabuada etc.**

A pessoa pode ser inteligente e ter oportunidades de ensino e aprendizagem satisfatórias, mas apresentar alguns desses sinais. Essas características podem aparecer isoladamente ou combinadas, e ainda se combinar de diferentes formas em cada pessoa dislexa.



Mãos a obra

Responda às questões propostas:

- a) **O que é dislexia?**
- b) **O que caracteriza uma pessoa com dislexia?**



Atenção!

As características linguísticas, envolvendo as habilidades de leitura e escrita, mais marcantes das crianças disléxicas, são:

- ▶ a acumulação e persistência de seus erros de soletração ao ler; e de ortografia, ao escrever;
- ▶ confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia: a-o; c-o; e-c; f-t; h-n; i-j; m-n; v-u; etc;
- ▶ confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço: b-d; b-p; d-b; d-p; d-q; n-u; w-m; a-e;
- ▶ confusão entre letras que possuem um ponto de articulação comum, e, cujos sons são acusticamente próximos: d-t; j-x; c-g; m-b-p; v-f;
- ▶ inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras: me-em; sol-los; som-mos; sal-las; pal-pla.

A DISLEXIA PODE SER CONGÊNITA, HEREDITÁRIA OU ADQUIRIDA, NO CASO DE ACIDENTES QUE OCASIONAM LESÕES CEREBRAIS.

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre. Dislexia.

3.4.3 Dislexo?

As autoras Ianhez e Nico (op.Cit) oferecem sugestões de ações que o professor pode desenvolver a fim de minimizar as dificuldades dos alunos dislexos. A título de conhecimento, apresentaremos apenas algumas.

A primeira ação do docente é fornecer ao aluno com dislexia o resumo do curso, se possível antes mesmo dele se matricular. Detalhar, já no início do curso, as exigências, as avaliações, as datas da prova, entre outros aspectos pertinentes ao ensino.

É importante que o professor use vários recursos, como filmes, quadro, slides, demonstrações práticas, tornando o ensino atrativo. Deve, ainda, usar trabalhos em grupo.

Na avaliação, quando necessário, avalie o conhecimento dos estudantes com dificuldade usando métodos alternativos, como avaliações orais, provas gravadas, trabalhos feitos em casa e apresentações individuais. Aumente o horário de finalização da avaliação, leia em voz alta as questões e certifique-se de que todos entenderam.

Podemos, assim, compreender que precisamos ter uma sensibilidade para entendermos que nem todos aprendem da mesma forma, que uns têm mais dificuldade que outros, e têm aqueles que realmente apresentam uma dificuldade mais significativa, como a dislexia, ou então que são deficientes. Por isso, é necessário adequarmos as nossas ações pedagógicas para que todos possam ter acesso ao conhecimento. Não é fácil, demanda tempo, cursos, mudanças de percepção; mas somos educadores e é nossa responsabilidade a formação dos cidadãos. Destacamos que essa responsabilidade não é somente do professor, mas também é da escola, é da sociedade.



Um passo a mais

No campo da Dificuldade de Aprendizagem, um livro interessante é o de Corinne Smith e Lisa Strick, que escreveram **Dificuldade de Aprendizagem de A a Z**. As autoras oferecem um guia abrangente sobre as causas, a identificação e o tratamento das dificuldades de aprendizagem.

Para aprofundar estudos sobre a dislexia, sugerimos a leitura do livro de Margaret Snowling e Joy Stackhouse, cujo título do volume é **Dislexia, fala e linguagem**: um manual do profissional. Nesse livro, há comentários sobre a natureza das dificuldades da linguagem escrita da criança, a avaliação e o processo de intervenção.

Já sei!



Nós aprendemos que a Dificuldade de Aprendizagem é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escrita, da fala, da leitura, do raciocínio ou das habilidades matemáticas.

Conhecemos que os transtornos mais comuns são: dislexia, disgrafia, discalculia, disfasia.

Apesar da existência desses transtornos, detalhamos mais sobre a dislexia, um assunto que tem sido motivo de curiosidade de muitos profissionais, e sua incidência é significativa, em torno de 10%.

Sabemos, também, que a dislexia é um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples.

Autoavaliação



Desenvolva uma pesquisa de campo, observando uma sala de aula, para perceber as dificuldades dos alunos. Posteriormente, descreva-as. Em seguida, entreviste o professor para saber o que compreende sobre o processo de ensino e aprendizagem, se conhece algo sobre Dificuldade de Aprendizagem. Em caso afirmativo, quais informações. E por fim, quais as dificuldades que os alunos apresentam em relação a sua disciplina e por que apresentam tais dificuldades.

Após a pesquisa, de posse das informações acerca do que foi observado, e com os relatos obtidos através da entrevista, elabore um relatório, fazendo uma análise, tendo como referência o conteúdo estudado.

O tempo da pesquisa de campo será de quatro horas, de acordo com a sua disponibilidade (manhã ou tarde), durante um dia. O nível de ensino a ser observado será o Fundamental I ou II.

Para a observação, siga o seguinte roteiro: nome de instituição, sala observada, nome da professora, número de alunos. Como a professora inicia a aula, como os alunos se comportam durante as atividades.

Outro instrumento para analisar as dificuldades dos alunos é a entrevista. Primeiramente, pergunte à professora quais as maiores dificuldades que observa em seus alunos e qual é a causa dessas possíveis dificuldades. Em seguida, converse com dois alunos e faça-lhes as mesmas perguntas: quais as dificuldades que eles apresentam e o porquê de tais dificuldades.



Referências

Dislexia. Disponível em: Wikipédia, a enciclopédia livre. Acessado em: 28.07.2010.

GARCÍA, Jesus Nicasio. **Manual de Dificuldade de Aprendizagem:** linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece:** como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

Labilidade emocional. Disponível em : http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=labilidade. Acessado em 28.07.2010.

SILVA, Marcelo Carlos da. **Dificuldade de aprendizagem:** do histórico ao diagnóstico. Disponível em: www.psicologia.com.pt. Documento produzido em 28.03.2008.

Fonte das figuras

Fig.01 - DETED

Fig.02 - DETED

Fig.03 - <http://www.mybrilliantkidz.com/wp-content/uploads/studying-child.jpg>

Fig.04 - <http://www.freear.cr.k12.de.us/Pictures/teacher-student.jpg>